

CAROLINA DA CUNHA REEDIJK

SOBRE O AMOR QUE “NÃO” OUSA DIZER O NOME

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
UBERLÂNDIA - 2006

CAROLINA DA CUNHA REEDIJK

SOBRE O AMOR QUE “NÃO” OUSA DIZER O NOME

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação –
Curso de Mestrado em Lingüística – do Instituto de Letras
e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em
Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e em
Lingüística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos sobre texto e discurso

Orientador: Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
UBERLÂNDIA - 2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de
Catalogação e Classificação / mg / 04/06

R327s Reedijk, Carolina da Cunha, 1980-
Sobre o amor que "não" ousa dizer o nome / Carolina da
Cunha Reedijk. - Uberlândia, 2006.
176 f.
Orientador: Cleudemar Alves Fernandes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uber-
lândia, Programa de Pós-Graduação em Linguística.
Inclui bibliografia.
1. Análise do discurso - Teses. 2. Abreu, Caio Fernando,
1948-1996 – Crítica e interpretação – Teses. III. Homossexua-
lidade - Teses. I. Fernandes, Cleudemar Alves II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lin-
guística. III. Título.

CDU: 801

CAROLINA DA CUNHA REEDIJK

SOBRE O AMOR QUE “NÃO” OUSA DIZER O NOME

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Curso de Mestrado em Lingüística – do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção da título de Mestre em Lingüística.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes (ILEEL – UFU)

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho (USP)

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (ILEEL – UFU)

Uberlândia, _____ de _____ de 2006

A meus pais, Hendrik Rokus Reedijk (in memorian) e Lia Maria Reedijk, por terem me mostrado que na vida há caminhos que levam ao bem e ao mal: é uma questão de escolha.

A meu irmão, Ari Henrique Reedijk, que faz a vida ficar mais fácil por sempre estar ao meu lado.

A meu esposo, Emerson Lucas Lacerda, que fez mais que o possível para me ajudar.

A Cleudemar Alves Fernandes: orientador e amigo.

A todos os meus colegas de mestrado que, assim como eu, dedicaram dias e noites para a edificação de um trabalho e para a realização de um sonho.

Agradeço

A Deus, porto seguro.

À minha família, por ter me apoiado e me desejado boa sorte.

Ao Cleudemar Alves Fernandes pela forma delicada e amiga que conduziu as discussões teóricas e por ter acreditado em meu trabalho.

Ao Prof. Ernesto Bertoldo, pelas considerações bem colocadas acerca do meu trabalho.

Ao Prof. Marco Antônio Villarta Neder, primeiro professor de outra universidade a discutir questões referentes ao meu trabalho, pelas sugestões dadas.

Ao Prof. José Nicolau Gregorin Filho pela maneira com que analisou meu trabalho e por mostrar um imenso prazer de exercer sua profissão.

À minha eterna professora e amiga, Sidnei Cursino, por estar sempre disposta a ajudar.

À Gilda, colega de mestrado e amiga, companheira das dificuldades e das alegrias, que me fez crescer e querer mais.

Ao Everaldo por ter me emprestado livros e mais livros de onde eu pude encontrar o corpus de minha dissertação.

A todos os meus colegas de mestrado: Hejane, Pauliana, Nélio, Rosângela, Michele, Cirlana ...

Aos professores do Mestrado em Lingüística, que tive a oportunidade de conhecer, pela competência e dedicação.

Às funcionárias do Mestrado em Lingüística, Eneida e Solene, pela competência no desenvolvimento de suas funções.

RESUMO

O presente trabalho aborda a questão da homossexualidade em três contos do escritor Caio Fernando Abreu, publicados em 1982, no livro intitulado *Morangos Mofados: Terça-feira gorda, Além do ponto e Aqueles dois*. A abordagem da questão da homossexualidade é feita às luzes dos escritos de Michel Pêcheux acerca do discurso, do interdiscurso, do intradiscurso, da memória discursiva, da formação discursiva, da condição de produção dos discursos e do sujeito; às luzes das proposições de Michel Foucault relativas ao discurso, à contradição, à formação discursiva, ao sujeito, à resistência, ao poder e ao autor; às luzes dos postulados de Authier-Revuz referentes à noção de sujeito e de heterogeneidades enunciativas e também às luzes de duas questões abordadas por Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e por Kathryn Woodward: a identidade e a diferença. O método utilizado é o qualitativo-interpretativista. Diante da questão da homossexualidade – unidade temática dos três contos escolhidos como *corpus* de pesquisa – e diante do arcabouço teórico que fundamenta a presente pesquisa, levantamos as seguintes indagações: como é o discurso homossexual?; como o homossexual materializa seu discurso acerca de sua própria sexualidade?; como ele significa a homossexualidade? Partindo dessas indagações e do arcabouço teórico que sustenta essa dissertação, lançamos a hipótese de que o discurso do homossexual, mesmo buscando significar a homossexualidade de uma forma positiva, não preconceituosa, é afetado por discursos que circulam na sociedade e que representam e significam essa questão negativamente, ou seja, ele é afetado pela sua diferença. Levando em consideração a hipótese levantada, objetivamos perceber de que maneira a temática homossexual tem lugar nos contos, como ela aparece neles; buscamos também detectar como o preconceito entra nos contos; buscamos trazer à tona as diferentes vozes (discursos) com suas diversas formações discursivas e ideológicas acerca da homossexualidade presentes nos diferentes espaços discursivos escolhidos como *corpus* de pesquisa para tentarmos detectar como os sujeitos, por intermédio de seus discursos, significam a questão da homossexualidade e como são significados por ela, como se posicionam diante dessa questão e se constituem sujeitos; buscamos analisar as diferentes vozes (discursos) com o intuito de mostrar que não há, nas vozes, uma subjetividade individualista, mas sim uma subjetividade coletiva e, por fim, buscamos mostrar que a diferença (o Outro) é o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso, de sua identidade. Pudemos, por meio da análise arrolada, perceber que a hipótese levantada e os objetivos propostos foram alcançados.

Palavras-Chave: Homossexualidade; Discurso; Sujeitos discursivos; Identidade; Diferença.

ABSTRACT

The herein work focuses on homosexuality in three short stories written by Caio Fernando de Abreu, published in 1982, in the book called *Morangos Mofados: Terça-feira gorda, Além do ponto e Aqueles dois*. The analysis of homosexuality is done based on Michel Pêcheux's postulations about discourse, interdiscourse, intradiscourse, discursive memory, discursive formation, conditions of discourse production and subject, on Michel Foucault's propositions about discourse, contradiction, discursive formation, subject, resistance, power and author, on Authier-Revuz's postulations related to the notion of subject and of enunciative heterogeneity and based on two questions focused by Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva and Kathryn Woodward: identity and difference. The approach used is the interpretative-quantitative one. Taking into consideration homosexuality and the theories used during this research, the following questions were raised: how is the homosexual discourse?; how does a homosexual materialize his discourse about his own sexuality?; how does he mean homosexuality?. Before the previous questions, we raised the hypothesis that homosexual discourse, even trying to mean homosexuality in a positive way, without prejudice, is affected by discourses that circulate on society and that represent homosexuality in a negative way and that give a negative meaning to this question: homosexual discourse is affected by its difference. Before the hypothesis, we aim at realizing the way homosexual theme takes place on the short stories, how homosexuality appears on them; we aim at detecting how prejudice appears on the short stories; we aim at bringing different voices (discourses) with their different discursive and ideological formation about homosexuality to try to detect how the subjects mean homosexuality throughout their discourses and how these subjects are meant by homosexuality, how their positions are in relation to homosexuality and how they constitute themselves subjects; we aim at analyzing the different voices (discourses) trying to show that there is not an individualistic subjectivity on these voices, but, on the contrary, there is a collective subjectivity. Last but not least, we aim at showing that the difference (the Other) is the constituent exterior of the subject, of his discourse and of his identity. We could realize, throughout this research, that the hypothesis and the objectives were achieved.

Key-words: Homosexuality; Discourse; Discursive subjects; Identity; Difference.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. CAPÍTULO I	17
2.1. A Homossexualidade na Literatura Brasileira	17
3. CAPÍTULO II	22
3.1. A Trajetória Teórica: a constância do retorno	22
3.2. A Análise do Discurso de linha francesa	23
3.3. Michel Pêcheux: conceitos basilares	29
3.4. Michel Foucault: sobre discurso, sujeito, resistência, poder e autor	35
3.5. Authier-Revuz: sujeito e heterogeneidade(s) enunciativa(s)	46
3.6. Sobre diferença e identidade	52
3.7. Retomando e articulando conceitos	56
4. CAPÍTULO III	62
4.1. A Trajetória Analítica: empreitada paradoxal	62
4.2. Terça-feira gorda	63
4.3. Além do ponto	91
4.4. Aqueles dois	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
ANEXO A	160
ANEXO B	164
ANEXO C	168

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o final da década de 70 e a década de 80 marcam o momento de transição de um regime governamental autoritário para um regime democrático. Momento caracterizado por uma série de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. É um momento importante na história do Brasil: busca-se a restauração da democracia e prega-se a liberdade de expressão e de escolha, o direito de todos (sem exceção). Nesse período, há um reavivar das esperanças, das crenças em um país igualitário, melhor, uma nação nova, um povo novo, enfim, uma vida nova. Sabemos, levando em consideração nosso distanciamento sócio-histórico-cultural do fim da década de 1970 e da década de 1980, que mudanças significativas realmente aconteceram em nosso país. No entanto, a idéia de viver plenamente a liberdade de expressão e de escolha e a idéia de que todos teriam os mesmos direitos não se concretizaram. Podemos fazer tal colocação porque nosso espaço sócio-histórico-cultural é marcado por diferenças, por contradições, não havendo a possibilidade de se viver plenamente uma liberdade de expressão e de escolha – mesmo estando elas presentes nas leis que regem o país – a não ser pelo enfrentamento, pelo embate às diferentes ideologias vigentes. Veja a esse respeito, por exemplo, o que se prega, nas religiões, em relação à sexualidade; o que se prega, de forma geral, no seio social acerca dessa mesma questão, etc ... Não há a possibilidade de alcançarmos a plenitude da liberdade de expressão e de escolha, pois, como vivemos em sociedade, vivemos em relações e entre relações há sempre tensão, embate entre ideologias diferentes; assim, a liberdade decorreria da resistência. Podemos dizer que houve deslocamentos, movências em relação a questões sociais, históricas e culturais no período aqui em foco – a situação dos índios, negros e homossexuais; a questão do direito à educação e à saúde gratuitas para todos – deslocamentos esses que ocorreram em meio à tensão, a

embates, a enfrentamentos. No entanto, esses deslocamentos não levaram à plenitude da liberdade. Enfim, o que a democracia apregoa não se efetiva.

A partir dessas generalizações, baseadas no arcabouço teórico que sustentará a presente dissertação, buscamos abordar uma questão que está socialmente posta, faz parte da História e da vida de muitas pessoas e que ao longo da História tem sido exibida, de várias formas, por todas as sociedades: o amor entre duas pessoas do mesmo sexo. Sabemos, pois somos seres históricos, que essa questão incomodou e ainda incomoda a sociedade brasileira, que gerou e continua gerando violência, sofrimento, solidão. Sabemos também que há, em relação ao preconceito, à discriminação, à intolerância e à repressão, resistência; há uma busca pelo espaço do homossexual socialmente, pelos seus direitos. Crucial mencionarmos que essa busca por espaço social, por direitos e por liberdade começou a tomar corpo e a ganhar força por volta do final da década de 1970 e início da de 1980: período histórico que, devido à sua conjuntura (ditadura, repressão e opressão) e condições históricas, fez emergir a necessidade de mudança, a necessidade de enfrentamento, de resistência e de deslocamento. Nesse período, o homossexual passa a ter voz, passa a tecer considerações acerca de sua existência, de sua sexualidade, de sua identidade. Nesse momento sócio-histórico de busca por mudanças profundas no seio da nação brasileira, a voz homossexual (considerada minoria) passa a ser historicizada.

Pautando-nos no que foi mencionado e retomando o título do presente trabalho – *Sobre o amor que não ousa dizer o nome*¹ – percebemos que o período histórico abordado é fundamental para que possamos compreender um pouco do universo homossexual e para que possamos vislumbrar que o amor focado no título passou a ousar dizer o nome, passou a se expressar e a se mostrar: passou, enfim, a materializar discursos acerca de sua existência.

¹ Encontramos em Mott (2002) que essa expressão é geralmente atribuída a Oscar Wilde, mas que foi cunhada, pela primeira vez, por seu amante Lord Douglas.

Buscaremos, então, abordar tais discursos, que se encontram no *corpus* da nossa pesquisa, para poder analisá-los e explicitar como trazem e significam a questão da homossexualidade.

Relevante mencionarmos, nesse momento, que dentre um universo de caminhos que poderíamos ter seguido para abordar a questão da homossexualidade, escolhemos refletir sobre tal questão tomando como objeto o texto literário, pois, mesmo em momentos de repressão e censura, tal questão foi contemplada pela arte da palavra. A literatura, além de sua linguagem reveladora e fascinante, está inserida no mundo, se inscreve em um espaço sócio-histórico-cultural determinado e traz em si questões sociais. A literatura porta ideologias a partir das quais revela crenças, valores e costumes de uma determinada época e sociedade. Por isso, é dentro desse campo discursivo – da arte da palavra, da literatura – que se encontra o *corpus* do nosso trabalho: três contos escritos por Caio Fernando Abreu – *Terça-feira gorda*, *Além do ponto* e *Aqueles dois*, publicados em 1982, no livro intitulado *Morangos Mofados*. A escolha dos três contos se deu, primeiramente, pela questão temática: os três contos escolhidos abordam a mesma temática: a homossexualidade. Crucial mencionarmos que cada espaço discursivo (conto) traz diferentes nuances, diferentes significações e representações referentes a essa questão. Estamos diante da heterogeneidade. Outro elemento bastante importante, e que também influenciou na escolha dos contos, é a presença de discursos de sujeitos homossexuais; discursos que focam tal temática. Nevralgico destacarmos que a maneira que a temática da homossexualidade aparece nesses espaços discursivos também nos chamou a atenção e nos influenciou na escolha dos contos. Focaremos, essa questão, ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Outro aspecto – abordado brevemente nessa parte inicial de nossa pesquisa – importante é a questão da época. Por que final da década de 1970 e a década de 1980? Esse período histórico surgiu em consequência da escolha dos contos. Como já aludido, os três contos escolhidos como *corpus* de pesquisa estão em apenas um livro. Sabemos que não é porque

uma obra foi publicada na década de 1980 que os escritos nela presentes estarão retratando exclusivamente essa época. No entanto, ao pesquisarmos sobre a trajetória literária de Caio Fernando Abreu e sobre seu engajamento em movimentos sociais, percebemos que *Morangos Mofados* traz em seu corpo questões que se referem à década de 1970 e à de 1980. Há outra questão a ser destacada: o momento da escrita influencia a produção, ou seja, como o livro foi publicado em 1982 o escritor traz em seus escritos implícita e/ou explicitamente problemáticas relacionadas a esse contexto sócio-histórico-ideológico. E, além disso, a literatura, *é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa dada época, ou seja, não se pode separar a literatura do resto da cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores sócio-econômicos* (BAKHTIN, 1997, p. 362). Devemos salientar, então, que não iremos encerrar os contos em sua época, pois:

contentar-se em compreender e explicar uma obra a partir das condições de sua época, a partir das condições que lhe proporcionaram o período contíguo é condenar-se a jamais penetrar as suas profundezas de *sentido*. Encerrar uma obra na sua época também não permite compreender a vida futura que lhe é prometida nos séculos vindouros, e esta vida fica parecendo um paradoxo. As obras rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na *grande temporalidade*. (BAKHTIN, 1997, p. 364).

Acreditamos, assim como Bakhtin (1997), que *as obras* – que são, nessa pesquisa, os contos – *rompem as fronteiras de seu tempo, vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade* (BAKHTIN, 1997, p. 364).

Como já destacamos, o *corpus* da presente dissertação se insere no contexto social, histórico e ideológico que se inicia na década de 1970 passando à de 1980. Reiteramos que esse contexto, como já aludimos, traz uma questão essencial que era a todo custo abafada: a voz do homossexual, seu discurso e seu posicionamento. Essa questão faz com que percebamos a circulação de diferentes discursos acerca da homossexualidade; discursos esses,

muitas vezes, proferidos por homossexuais. Podemos dizer que, nesse período histórico, visualizamos a presença de vários discursos acerca da temática da homossexualidade sendo que dentre tais discursos encontramos os discursos dos homossexuais. Esse dado é bastante significativo e relevante, pois mostra que, mesmo havendo censura, preconceito e discriminação diante da homossexualidade, o homossexual passa a tecer considerações acerca de sua própria sexualidade, de sua própria maneira de viver; ele passa a se expressar, a ter voz e, assim, insere, na vida comunitária, outras formas de se abordar essa temática. O homossexual, nessa conjuntura político-social, materializa seus discursos sobre a sua existência, sobre seu viver. Buscamos analisar esses discursos para percebermos como sujeitos homossexuais trazem a questão da homossexualidade em seus discursos, como a significam, representam.

Após termos exposto o porquê da temática escolhida; após termos destacado o porquê do *corpus* literário; o porquê da escolha dos três contos (*corpus* de pesquisa) e também a inter-relação com a História, passamos ao problema de pesquisa, à hipótese levantada, ao que objetivamos com esse trabalho e também a mostrar de que maneira procederemos à análise do *corpus* escolhido².

Partindo do que aludimos sobre a presença da temática homossexual – unidade temática – nos três contos a serem analisados e partindo do dado explorado nas linhas dessa introdução (a presença do discurso homossexual no *corpus* de pesquisa), levantamos as seguintes questões: como é o discurso do homossexual no *corpus* de pesquisa?; como o homossexual materializa seu discurso acerca de sua própria sexualidade?; como ele significa a homossexualidade? Partindo dessas indagações, do *corpus* escolhido para pesquisa e do arcabouço teórico que sustentará a presente dissertação, lançamos a hipótese de que o

² Traremos, no primeiro capítulo de nossa dissertação, algumas considerações acerca do escritor Caio Fernando Abreu, mesmo não sendo nosso objetivo encontrar na análise do *corpus* o escritor. Acreditamos ser mais coerente abordar elementos sobre Caio Fernando Abreu e sobre a maneira com que traz para seus contos a questão da homossexualidade em um espaço em que o assunto é a Homossexualidade na Literatura Brasileira.

discurso do homossexual, mesmo buscando significar a homossexualidade de uma forma positiva, não preconceituosa, é afetado por discursos que circulam na sociedade e que representam e significam essa questão negativamente (esses discursos trazem o preconceito), ou seja, ele é afetado pela sua diferença. Considerando a hipótese levantada, objetivamos perceber de que maneira a temática homossexual tem lugar nos contos, como ela aparece neles; buscamos também detectar como o preconceito entra nos contos; buscamos trazer à tona as diferentes vozes (discursos) com suas diversas formações discursivas e ideológicas acerca da homossexualidade presentes em diferentes espaços discursivos (os contos escolhidos) para tentarmos assim detectar como os sujeitos, por intermédio de seus discursos, significam a questão da homossexualidade e como são significados por ela, como se posicionam diante dessa questão e constituem sujeitos; buscamos analisar as diferentes vozes (discursos) com o intuito de mostrar que não há, nas vozes, uma subjetividade individualista, mas sim uma subjetividade coletiva, uma vez que a natureza das vozes é social e histórica, ou seja, buscamos afirmar que por meio da análise das vozes encontramos uma coletividade, um mundo social: o que não apaga a singularidade dos sujeitos, pois, como veremos, os sujeitos, em sociedade, resistem e, por fim, buscamos mostrar que a diferença (o Outro) é o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso, de sua identidade.

O nosso objetivo maior é o de analisar os discursos dos sujeitos homossexuais para percebermos como significam a questão da homossexualidade. No entanto, como partimos da idéia de que os discursos são afetados pela diferença, percebemos a necessidade e a importância de se analisar todos os discursos de todos os sujeitos para alcançarmos o que objetivamos e para podermos, assim, tentar confirmar a hipótese levantada.

Crucial ressaltarmos que em momento algum da presente dissertação buscamos definições, explicações para a homossexualidade, porque nosso intuito é focar sua existência social, sua presença na vida comunitária abordando as diferentes nuances, presentes no *corpus*

desta dissertação, em relação à essa questão. E, assim como Fry & MacRae (1983) e Spencer (1999), acreditamos que a busca incessante por definições e explicações acerca da homossexualidade reforçam a questão do preconceito, pois identificamos, nessa busca constante por explicações, o desejo de se “resolver”, de se achar uma saída para a homossexualidade. Para nós *a homossexualidade não deveria ser explicada, ela apenas existe* (SPENCER, 1999, p. 10).

Às luzes dos escritos de Michel Pêcheux acerca do discurso, do interdiscurso, do intradiscurso, da memória discursiva, da formação discursiva, da condição de produção dos discursos e do sujeito; às luzes das proposições de Michel Foucault relativas ao discurso, à contradição, à formação discursiva, ao sujeito, à resistência, ao poder e ao autor; às luzes dos postulados de Authier-Revuz referentes à noção de sujeito e de heterogeneidades enunciativas e também às luzes de duas questões abordadas por Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e por Kathryn Woodward – a identidade e a diferença, procederemos a análise do *corpus* e buscaremos alcançar os objetivos assinalados e confirmar a hipótese levantada. O método que utilizaremos, para análise dos contos e para tentarmos alcançar o que estamos propondo, é o qualitativo-interpretativista: método que, além de casar-se com a natureza do nosso trabalho, que não é positivista, nem quantitativa, mostra que por mais que se tente fazer uma pesquisa científica neutra, o lugar de onde fala o pesquisador e seu posicionamento em relação à temática abordada são implicitamente postos no texto, pois não é possível fazer pesquisa sem interpretar. E como postula Gregolin (2000a):

a interpretação não se limita à decodificação dos signos, nem se restringe ao desvendamento de sentidos exteriores ao texto. Ela é as duas coisas ao mesmo tempo: leitura dos vestígios que exibem a rede de discursos que envolvem os sentidos, que leva a outros textos, que estão sempre à procura de suas fontes, em suas citações, em suas glosas, em seus comentários. Por isso, os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do deslocamento e da polêmica. (GREGOLIN, 2000a, p. 61).

Com isso, tendo a questão da interpretação clara e estando cientes de que os resultados, que possivelmente alcançaremos, são frutos de uma forma, dentre inúmeras, de abordar certos aspectos, certas questões que estão presentes no *corpus* deste trabalho, vislumbramos os limites de nossa pesquisa, mas acreditamos que ela possa, de uma forma ou de outra, acrescentar algo para seus possíveis leitores, seja algo relacionado à teoria ou algo concernente à questão da homossexualidade.

Para concluirmos nossa introdução, passamos a traçar o percurso que seguiremos durante a edificação de nossa pesquisa. No primeiro capítulo, traçaremos um histórico conciso da homossexualidade na literatura brasileira destacando a forma como Caio Fernando Abreu traz essa questão nos contos a serem analisados. No segundo capítulo, abordaremos o referencial teórico, no qual essa pesquisa se baseia, elencando os pesquisadores e conceitos fundamentais para a sustentação da presente dissertação. No terceiro capítulo, passaremos à análise do *corpus* de pesquisa buscando atingir os objetivos propostos. Nas considerações finais, buscaremos apresentar, de uma forma clara e ordenada, os resultados alcançados com a edificação de nossa dissertação. Explicitado o percurso que seguiremos durante a edificação da presente pesquisa, daremos início à essa empreitada teórica e analítica.

2. CAPÍTULO I

2.1. A Homossexualidade na Literatura Brasileira

O histórico da homossexualidade na literatura brasileira, que por ora apresentamos, é um histórico que, além de ser informativo, de destacar nomes que focaram a homossexualidade em momentos históricos diferentes, fortifica uma idéia defendida por Pêcheux, por Foucault e por Authier-Revuz, conforme veremos no capítulo seguinte: o sentido não é imanente, transparente, nem eterno; não há sentido fixo, inalterável; o sentido revela diferentes maneiras de se abordar uma questão social, uma questão da vida; o sentido fortifica o que buscamos com a nossa pesquisa – evidenciar que em um mesmo espaço discursivo diferentes vozes dão sentidos distintos para uma mesma palavra.

De acordo com Carvalho (2003), a temática homossexual vem sendo abordada, de uma forma sistemática, na literatura brasileira desde o final do século XIX. Tal temática, desde então, vem sendo materializada de inúmeras formas, com várias nuances. A diversidade de abordagem sobre uma mesma temática acontece pelas particularidades e peculiaridades de cada momento histórico, de cada contexto retratado. Visto que cada momento histórico é marcado por diferenças e oposições sociais, há de se considerar também a inscrição dos sujeitos nesses diferentes espaços de enunciação. Por volta do final do século XIX até o momento atual, há uma série de escritores interessados em relatar sobre o cidadão classificado como sendo de “segunda categoria”. No entanto, por questões sócio-históricas, o interesse de época para época se modifica. Podemos dizer que, por volta do final do século XIX até o final da década de sessenta do século XX, não havia um projeto político, não havia uma luta pelos direitos e pela liberdade dos homossexuais, não havia o propósito político de dar voz aos homossexuais e fazer surgir assim um novo papel para o grupo: o papel de seres humanos –

cidadãos – dignos, cheios de sonhos e desejos. Segundo Carvalho (2003), são pertencentes a esse grupo Raul Pompéia, com *O Ateneu* (1888); Aluísio de Azevedo, com *O cortiço* (1890); Adolfo Caminha, com *O bom crioulo* (1895); Jorge Amado, com *Os Capitães da areia* (1937); Guimarães Rosa, com *Grande Sertão: Veredas* (1956); Lúcio Cardoso, com *Crônica da casa assassinada* (1959); Gasparino Damata, com *Histórias do amor maldito* (1965); Dalton Trevisan, com *A guerra conjugal* (1969).

Foi na década de 1970 que uma literatura de cunho político em torno da homossexualidade emergiu de maneira mais acentuada. O lançamento do tablóide mensal *Lampião da Esquina*³, editado por Aguinaldo Silva e tendo em seu conselho editorial João Silvério Trevisan, estimulou uma discussão aberta da homossexualidade e fez explodir, na literatura, escritos relacionados à tal temática. Eis a construção de um projeto político, de uma luta social feita pelos próprios homossexuais e simpatizantes. Podemos dizer que foi por volta da década de setenta que as vozes excluídas e oprimidas começaram a balbuciar, começaram a tomar corpo e a formar um conjunto harmônico. Tais vozes passaram a tratar da questão homossexual de uma forma reivindicativa, de uma forma que chocasse seus possíveis leitores, que tocassem à consciência humana e que causassem mudanças sociais e culturais.

É importante mencionar que mesmo sendo uma literatura reivindicativa, que buscava o direito à diferença, não se tornou panfletária, estagnada, pois cada escritor, com seu tom próprio de lidar com as palavras, com sua maneira particular de conceber idéias, apresentou tal temática de uma forma diferente, única. Como exemplo, podemos citar João Silvério Trevisan, com *Testamento de Jônatas deixado a David* (1976), com *Em nome do desejo* (1983) e com *Devassos no Paraíso* (1986); Aguinaldo Silva, com *Memórias da guerra*

³ *Lampião da Esquina*, que era um tablóide de discussões, teve dentre muitos dos seus propósitos o de tratar da homossexualidade de uma forma séria. Tal jornal não tinha em suas páginas nus masculinos, discussões sobre fantasias sexuais; tinha sim discussões acerca da urgência de o homossexualismo ser visto de uma forma menos intolerante e preconceituosa pela sociedade e até mesmo por aqueles ditos gays enrustidos. Buscava-se, pois, o direito à diferença.

(1986); Geraldo Markan, com *O mundo refletido nas armas brilhantes do guerreiro* (1979); Socorro Trindad, com *Os olhos do lixo* (1972) e Caio Fernando Abreu, com *Morangos Mofados* (1982).

A década de 1980 foi também marcada pelo “cancer gay” o que abalou profundamente a literatura de temática homossexual. Nesse momento, a militância do grupo se esmoreceu e o preconceito social se tornou mais intenso. No entanto, tal marasmo não durou muito. Após anunciadas várias mortes causadas pela Aids, homossexuais se reuniram e formaram organizações voluntárias de movimentos de assistência aos soropositivos (os GAPAs) e recomeçaram a publicação da temática homossexual. Mas como nada deixou de ser afetado com a chegada de uma doença tão desgraçada, os rumos dos escritos de temática homossexual passaram a ser outros: *a partir de então prevalecem um ecletismo e uma criação baseada na intertextualidade, na paródia, na auto-referência* (CARVALHO, 2003, p. 37). Eis alguns nomes que abordaram a homossexualidade da década de oitenta em diante: Silvano Santiago, em *Stela Manhattan* (1985); João Gilberto Noll, em *Bandoleiros* (1988), em *Hotel Atlântico* (1989) e em *O quieto animal da esquina* (1992); Jean-Claude Bernardet, em *Aquele rapaz* (1990); Sandra Mara Herzer, em *A queda para o alto* (1982); Valdo Motta, em *Bundo e outros poemas* (1996). A literatura de cordel passou a abordar a sexualidade de uma forma diferente como, por exemplo, em *O que é ser mulher?* de Salete Maria da Silva (2001). Do universo acadêmico podemos citar Mara Lúcia Faury que publicou um livro sobre a homossexualidade na literatura; Néstor Perlongher e Luiz Mott com vários livros, artigos e ensaios (são considerados ativistas); Jurandir Freire Costa; Márcio Venciguerra e Maurício Maia.

A temática homossexual, como já mencionamos, foi abordada e trabalhada de diversas formas, cada qual com um colorido diferente. As condições de produção dos discursos foram várias e variadas, mas mesmo havendo diferenças, mesmo em meio a tantas nuances,

dispersões, há uma unidade discursiva: a homossexualidade sendo abordada, analisada, sendo historicizada.

Antes de finalizarmos esse capítulo, gostaríamos de focar a figura de Caio Fernando Abreu – pois ele é o escritor dos contos escolhidos como *corpus* de pesquisa de nossa dissertação – sua importância, e também gostaríamos de tecer algumas considerações acerca da maneira que Caio trazer à baila a questão da homossexualidade.

Caio Fernando Abreu é um escritor conhecido nacionalmente. Quando veio a falecer, em 1996, estava em processo de internacionalização. Durante sua trajetória relativa à escrita, sofreu censura e passou por vários momentos difíceis, momentos de angústia, pois tinha que enfrentar um problema que ainda hoje paira no ar: a dificuldade (impossibilidade) de se viver da escrita, de se ser profissionalmente escritor. Caio, como jornalista, trabalhou nos principais jornais e revistas do Brasil de sua época: *Veja*, *Isto é*, *Correio do Povo*, *Zero Hora*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, e trabalhou também na rede Globo. Teve contato com várias pessoas da mídia: atores, escritores de novelas, cantores. Adorava escrever cartas; era apaixonado por música, teatro e ligado a religiões afro-brasileiras. O escritor de *Morangos Mofados* conheceu facetas diferentes de um mesmo país: um país autoritário, cheio de censuras e um país que buscava restaurar a democracia, o direito de expressão e o de escolha, ou seja, esse escritor fez parte de um país que passou por mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. E o que é fascinante em relação a essa experiência é que Caio, ao se ver em um momento de transição, acompanha as mudanças e com isso altera a forma de materializar suas idéias. Passa a trazer à baila, em seus escritos, questões sociais, culturais e históricas até então silenciadas; evidencia a falência de um sonho (a liberdade, a igualdade de todos) para destacar que, mesmo diante de tanta desigualdade, precisa-se da esperança, do otimismo.

Tomado como sujeito autor, Caio é um escritor que discute literariamente questões relativas a conflitos humanos; faz uma combinação de elementos de ordem social com

elementos de ordem estética, poética; articula esses dois últimos elementos a questões sócio-histórico-culturais e foca também a temática homossexual; expõe com clareza o paradoxo da questão homossexual como questão simultaneamente lateral e central na constituição da subjetividade, conforme afirma Moriconi na introdução do livro *Caio Fernando Abreu: cartas*. Vemos, nesse momento, a necessidade de salientarmos que a questão da homossexualidade focada pelo escritor nos mostra que os posicionamentos, em relação à essa questão, não são homogêneos, que as vozes (discursos) não trazem em si os mesmos valores, as mesmas crenças. A propósito, são justamente esses aspectos que corroboram para a constituição da autoria no escritor em questão. Há confrontos de idéias, de crenças e de valores; há tensão, embates, discordâncias; há enfrentamentos; há, enfim, diferenças nos escritos de Caio Fernando Abreu. E é justamente pela forma como as diferenças aparecem em seus escritos, por elas não terem sido apagadas, por serem aliás explicitadas, que escolhemos analisar os contos *Terça-feira gorda*, *Além do ponto* e *Aqueles dois*. Averiguamos, por meio da leitura desses contos, que a diferença e os confrontos são trazidos a partir da homossexualidade: unidade temática entre tais escritos. Outro ponto relevante a ser destacado é que, mesmo havendo uma unidade temática, os contos focam a homossexualidade de forma diferente, cada qual à sua maneira, ou seja, há dispersão, há heterogeneidade, há conflito, tensão na maneira como a temática é tratada; há dispersão na unidade e no interior de um mesmo conto. A temática da homossexualidade aparece nos contos de Caio – escolhidos como *corpus* de pesquisa – sob diferentes perspectivas ideológicas, sob diferentes nuances. Ao analisarmos os contos, aportando-nos no referencial-teórico-metodológico da análise do discurso de linha francesa e nos conceitos trazidos por Michel Foucault, por Authier-Revuz, por Stuart Hall, por Tomas Tadeu da Silva e por Kathryn Woodward, percebemos que o conflito, a tensão, a resistência são uma constante; conforme mostraremos com a análise.

3. CAPÍTULO II

3.1. A Trajetória Teórica: a constância do retorno

As palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e não podem ser apreendidas senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras constitutivas do discurso. (GREGOLIN, 2003, p. 26).

Buscamos, neste capítulo, baseados no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente nos escritos de Michel Pêcheux, nas proposições de Michel Foucault acerca do discurso, da contradição, da formação discursiva, do sujeito, da resistência, do poder e do autor, nas considerações de Authier-Revuz acerca do sujeito e da(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) e considerando duas questões abordadas por Stuart Hall, por Tomaz Tadeu da Silva e por Kathryn Woodward – identidade e diferença –, elencar os conceitos teóricos que irão nortear o presente trabalho. Crucial evidenciar que o referencial teórico-metodológico com o qual iremos trabalhar traz em seu campo um grande número de elementos que o constituem. Como temos o intuito de alcançar objetivos específicos, por meio da análise de um determinado *corpus*, não iremos abordar todos os elementos pertencentes e constitutivos desse campo do saber até porque isso não é possível, pois esse campo é aberto: é a partir do *corpus* de pesquisa que o capítulo teórico se delinea, se constitui e se “fecha”: o *corpus* pede, constantemente, para que voltemos à teoria, para que abordemos outros elementos. É um ir e vir freqüente; é uma trajetória do constante retorno.

Importante salientar que, ao elencarmos os conceitos teóricos que sustentarão nossa dissertação, focaremos a importância de Foucault e de Authier-Revuz e suas contribuições para o campo da Análise do Discurso de linha francesa.

3.2. A Análise do Discurso de linha francesa

A Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), como assinala Gregolin (2003), é um campo do conhecimento da linguagem considerado complexo, marcado por enfrentamentos teóricos, por entrecruzamentos epistemológicos. A complexidade, os enfrentamentos e as mudanças são considerados positivos, uma vez que nessa área do conhecimento o conflito é necessário ao desenvolvimento das idéias, dos postulados. Para Foucault (1990), os conflitos, as tensões, geram reflexão e mudança, geram crescimento, amadurecimento, transformações. Partindo do que afirmamos acima, podemos perceber que o campo da AD não é um campo uniforme, linear e nem homogêneo; ao contrário disso, ele é diverso, abrangente, pois suas bases teóricas se “enfrentam” constantemente, se articulam e se modificam. Em Gregolin (2003), podemos perceber que até mesmo a fundação da AD, na década de 1960, se deu por meio de enfrentamentos. Jean Dubois e Michel Pêcheux são as duas figuras que surgem com idéias relacionadas a um novo objeto de estudo. Jean Dubois defende a idéia de que a AD é uma continuação da Lingüística proposta por Saussure, ou seja, tal lexicólogo não retoma os escritos de Saussure para problematizá-los e sim para segui-los. O conceito de enunciação proposto por Dubois é distinto do proposto por Pêcheux, sendo distinta também a noção de sujeito.

Sabemos que dos dois estudiosos o que avança nas reflexões então iniciadas é Michel Pêcheux e isso se dá a partir da maneira com que o filósofo retoma os escritos de Saussure. Pêcheux problematiza as dicotomias presentes nos escritos saussureanos para fazer surgir um novo objeto, objeto esse que traz em si a exterioridade, o social e o ideológico. Assim, Pêcheux procura materializar, dar vida a um novo objeto de estudo: o discurso. Para que a vida do novo objeto fosse repleta de realizações, a noção de enunciação e a de sujeito passam por mudanças. Para Pêcheux, o sujeito não é ideal, não traz em si a origem do sentido; o

sujeito não é um indivíduo com intenções íntimas e com capacidade de si conhecer por completo; o sujeito, para Pêcheux, é atravessado por várias vozes (discursos) e por vários sujeitos. Pêcheux critica a forma com que a fenomenologia e o existencialismo consideram o sujeito e com isso reconfigura tal noção (que passa a ser ideológica e social). Em consequência da reconfiguração da noção de sujeito, a enunciação passa a ser considerada intrinsecamente social e não individual, ou seja, ela está inserida em um contexto sócio-histórico-cultural específico e se encontra situada em um espaço social e discursivo determinado.

Após a fundação da AD, muitas mudanças ocorreram no contexto francês: *no panorama histórico posterior à fundação, mudanças políticas e epistemológicas levaram a “AD francesa” a uma incessante reconstrução e retificação* (GREGOLIN, 2003, p. 24). Vendo diante de si diversas mudanças, Pêcheux começa a questionar suas próprias idéias e passa a efetuar deslocamentos teóricos. Ainda em Gregolin (2003), podemos perceber que Pêcheux, ao se deslocar teoricamente, é influenciado pelos escritos de Althusser, de Foucault, de Lacan e de Bakhtin. Somente a título de exemplificação, focaremos, de forma concisa, as propostas dos autores acima mencionados para com isso mostrarmos a influência que exerceram sobre Pêcheux. Importante salientarmos que acrescentaremos a figura de Authier-Revuz na construção dessa parte do nosso trabalho, pois, essa lingüista, além de focar o sujeito, avança em relação a uma questão que interessa à AD: a presença do outro (Outro) no discurso.

O primeiro nome a ser destacado é, Louis Althusser, um pensador ligado à política, à luta de classes, à reprodução das relações de produção e à questão da ideologia. O pensamento de Althusser *está fincado no projeto de construção da análise do discurso, dando à obra de Michel Pêcheux sua sustentação filosófica e política* (GREGOLIN, 2004, p. 52). Importante destacar que muitas retificações e mudanças ocorreram tanto no pensamento althusseriano quando no de Pêcheux. O que é necessário salientar nesse momento é que, como vemos na

citação presente em Gregolin (2004), releituras, por Pêcheux, do pensador de *Aparelhos ideológicos de Estado* fazem parte da proposição de um projeto em análise do discurso. Pêcheux encontra em Althusser uma crítica radical ao humanismo, ao homem soberano, dono dos seus atos e pensamentos (a questão do sujeito). Em Althusser, há também o materialismo histórico – ciência vinculada à luta de classes – e a ideologia como sendo não uma “falsa ideologia”. Althusser destaca que, de acordo com as formações ideológicas, há a delimitação de formações discursivas. Vemos que Pêcheux analisa essa idéia relacionada às formações ideológicas para postular o que Gregolin (2003), tomando o pensamento pecheuxtiano, destaca: *as palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra e não podem ser apreendidas senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras constitutivas do discurso*” (GREGOLIN, 2003, p. 26). Assim, Pêcheux, partindo da idéia de ideologia e formação discursiva, aparece com um conceito essencial para o campo da AD: o conceito de condições de produção do discurso.

Outro filósofo francês que, ao ser lido, gera deslocamentos no campo da AD é Michel Foucault. Foucault reflete sobre as condições de possibilidades dos discursos; anuncia a urgência de se observar o discurso como dispersão, descontinuidade e não como uma máquina auto-suficiente, perfeita.⁴ O conceito de formação discursiva encontrado em Pêcheux dialoga com o de Foucault, apresentado na obra *A Arqueologia do Saber*. Sabemos que Pêcheux não toma emprestado tal conceito sem modificá-lo⁵. Em Pêcheux, uma formação discursiva está ligada à ideologia, à formação ideológica. Foucault focaliza também a questão do sujeito. Para esse filósofo, a noção de sujeito está associada à de discurso e à de poder. O sujeito, nessa perspectiva, relaciona-se com posições que podem ser inúmeras, ou seja, o sujeito

⁴ As primeiras idéias de Pêcheux estão relacionadas a uma tentativa de analisar os discursos automaticamente e é por isso que encontramos em seus primeiros escritos a referência a uma máquina que conseguiria fazer a análise automática do discurso. Conforme pontua Gregolin (2003), com a leitura de Foucault, Pêcheux faz deslocamentos teóricos.

⁵ Abordaremos a questão da diferença em relação ao conceito de formação discursiva em Foucault e em Pêcheux em outro momento do nosso trabalho: no momento em que articularemos os diferentes conceitos propostos e postulados pelos pensadores que serão, como já mencionamos, a base para a edificação dessa pesquisa.

foucaultiano é disperso, é conflituoso, é descontínuo; esse sujeito é afetado pela História de diferentes formas e, por isso, posiciona-se socialmente de diversas maneiras. Sendo assim, o sujeito, por meio de seu discurso, se mostra, se inscreve na história. O sujeito traz marcas do social, do histórico, porque é um ser histórico, social. Ele, por estar inserido na História, é afetado por relações de poder. Outro ponto nevrálgico, em relação à contribuição desse filósofo para o campo da AD, refere-se a presença de conceitos da Nova História. Foucault traz para seus estudos e postulados conceitos tais como descontinuidade, ruptura, limiar, transformação: conceitos que serão analisados e incorporados pelo campo da AD. Vemos, por meio do que foi aludido, que a figura de Foucault é bastante importante para esse campo do saber.

Juntamente com Althusser e Foucault, Bakhtin traz contribuições para o campo da AD. Esse filósofo russo, com suas considerações acerca dos gêneros, da polifonia, do dialogismo, do cronotopo e da carnavalização, reitera a urgência de se abordar o social, o histórico, o ideológico. Além dessas considerações, Bakhtin discorre sobre a interação social verbal, interação essa que destaca a diversidade de vozes do sujeito, que destaca sua natureza polifônica. Bakhtin, mesmo não abordando questões essenciais nos postulados de Pêcheux como o sentido, o inconsciente, traz contribuições para o campo da AD, pois destaca a importância do social para se analisar um enunciado: o que a AD também valoriza.

Outra grande influência é a figura de Lacan. Lacan, ao reler Freud, influencia o filósofo Pêcheux. Essa influência é visível, pois as formulações da psicanálise que focam conceitos como “formações imaginárias”, o “simbólico” e o “inconsciente” estão implícitas e/ou explícitas na obra de Pêcheux. O que averiguamos é que na primeira fase pecheuxtiana, mesmo tendo Pêcheux conhecimento das formulações psicanalíticas de Lacan, a questão do “inconsciente” e a do “simbólico” são deixadas de lado, porque esse pensador considerava

tais conceitos distantes de seus propósitos. Entretanto, na sua trajetória de pesquisa, Pêcheux retoma Lacan, o reinterpreta e passa a dar destaque ao “inconsciente” e ao “simbólico”.

Conforme aludimos anteriormente, fecharemos essa parte de nossa pesquisa trazendo a figura de Authier-Revuz, pois, ela também traz contribuições para o campo da AD fazendo com que deslocamentos e movências ocorram. Primeiramente, importa mencionar que, assim como Pêcheux, Authier-Revuz traz a exterioridade constitutiva, para seus estudos, considerando-a um elemento essencial para se abordar a linguagem, para se focar o discurso. Ela traz também, em seus postulados, um elemento que considera, assim como aquele, essencial para se focar e trabalhar com a linguagem, com os discursos e com o sujeito: o inconsciente. Articulando esses dois elementos, Revuz fortifica uma idéia que a AD defende: a de sujeito incompleto, heterogêneo. A lingüista, aqui em foco, além de defender o sujeito como sendo heterogêneo e incompleto, defende também, assim como a AD, a questão de o sujeito ter a ilusão do domínio da fala/escrita e a ilusão de ser fonte de seu discurso. Revuz, para chegar na questão dessa ilusão que está ligada ao sujeito e ao discurso, parte do conceito bakhtiniano de dialogismo, dos postulados de Lacan concernentes ao inconsciente e também do conceito pecheuxtiano de interdiscurso. Com isso, essa estudiosa da linguagem chega ao conceito de heterogeneidades enunciativas que aborda a questão do outro e a do Outro⁶ no discurso. Para explicar esse conceito, Revuz articula a questão do outro e a do Outro (inconsciente) para evidenciar que todo discurso é atravessado por discursos outros, discursos anteriores, já-ditos podendo eles deixarem marcas lingüísticas explícitas ou não.

Após destacarmos, de forma concisa, a importância dos pensadores mencionados para o campo da AD – pensadores que geraram deslocamentos teóricos nesse campo do saber –

⁶ O outro, em Authier-Revuz, está ligado ao conceito de heterogeneidade mostrada, ou seja, aquela que pode ser detectada no discurso por meio da presença do discurso direto, indireto, direto livre, das aspas, das citações, das alusões, da ironia, da denegação, etc. O Outro, em Authier-Revuz, está ligado ao conceito de heterogeneidade constitutiva, ou seja, aquela que não é perceptível lingüisticamente, pois se encontra no exterior do lingüístico, no social, no histórico, no ideológico e no inconsciente.

passamos a abordar as questões que interessam diretamente à edificação do presente trabalho. Como estamos desenvolvendo uma pesquisa que, como todas, busca alcançar objetivos específicos e que se insere em um campo teórico-metodológico determinado, vemos a importância de nos atentarmos àqueles elementos que sustentarão a edificação da presente dissertação. Por isso, a partir deste momento, daremos ênfase aos elementos teóricos que interessam a nossa pesquisa e que têm relação direta com o que propomos. Gostaríamos de destacar que ao construirmos o capítulo teórico iremos, além de pontuar os conceitos teóricos presentes em Michel Pêcheux, Michel Foucault e em Authier-Revuz, discorrer, de forma breve, sobre a trajetória e importância de cada um dos sujeitos-autores acima mencionados. Acreditamos pertinente pontuar a trajetória e a importância desses sujeitos-autores para que possamos evidenciar o que Gregolin (2003) destaca: a necessidade de se levar em consideração todo um percurso teórico, seus deslocamentos e suas movências. Continuaremos este capítulo com as considerações de Pêcheux em relação ao discurso, ao interdiscurso, ao intradiscurso, à memória discursiva, à formação discursiva e ideológica, à condição de produção dos discursos e ao sujeito. Passaremos, em seguida, à abordagem dos conceitos de discurso, de contradição, de formação discursiva, de sujeito, de resistência, de poder e de autor presentes em Foucault. Dando seqüência à edificação teórica dessa dissertação, buscaremos, em Authier-Revuz, considerações acerca da noção de sujeito e das heterogeneidades enunciativas e finalizaremos essa empreitada teórica com considerações acerca da questão da identidade e da diferença, com base em Hall (2003), em Silva (2003) e em Woodward (2003).

3.3. Michel Pêcheux: conceitos basilares

Michel Pêcheux: pesquisador que sempre levou em consideração aspectos filosóficos; estudioso que se empenhou em fornecer um instrumento científico às ciências sociais; fundador de uma forma de conhecimento; figura que proporcionou o estabelecimento de um objeto de linguagem; pensador que se dedicou tanto à construção de uma teoria do discurso quanto à prática da análise desse objeto; filósofo que lançou inúmeros questionamentos buscando, paulatinamente, encontrar possíveis respostas para eles; estudioso que problematizou os postulados de Saussure, que atacou ferrenhamente a semântica lógica atribuindo-lhe uma roupagem menos estruturalista e menos formal. Pêcheux, com tudo o que semeou, passou a ser considerado um grande pensador, um pensador que defendeu, desde sempre, que a ciência é um campo ideológico e não, como muitos defendiam, um campo neutro. Sabemos que, durante sua empreitada epistemológica, uma série de deslocamentos ocorreram e que vários questionamentos foram levantados. Em consequência disso, a AD se fortificou, amadureceu e se mostrou madura para enfrentar seus limites. Para exemplificar, de forma geral, as movências que caracterizam os postulados de Pêcheux, basta nos atentarmos às três épocas da AD, pois nelas percebemos os avanços e transformação de tal campo do conhecimento. Na primeira fase, tem-se uma maquinaria discursivo-estrutural destinada a analisar automaticamente o discurso. Na segunda, os conceitos de formação discursiva e de interdiscurso são desenvolvidos na base epistemológica da AD. Há, nessa fase, a desconstrução da maquinaria discursiva e uma outra forma de conceber os próprios conceitos. Na terceira fase, com a noção de maquinaria já contestada, Pêcheux reflete sobre a noção de leitura e de memória; retoma a noção de sujeito para resignificá-la, para evidenciar que a forma de conceber essa noção foi alterada, modificada e também traz a questão da falha.

Após essa breve introdução sobre a importância da figura de Michel Pêcheux e de seus postulados, passamos a discorrer sobre os conceitos que irão nortear e sustentar a presente pesquisa. Começamos pela noção do objeto da linguagem que foi a causa maior da existência da AD: o discurso. O discurso, para a AD, é entendido *como a materialização do processo enunciativo, cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História* (GREGOLIN, 2000b, p. 19). Temos diante de nós um objeto sócio-histórico. Ele é visto também como acontecimento, como algo que passa a existir por razões determinadas que podem ser encontradas no *fio do discurso*: no intradiscurso. O discurso, como já sabemos, é um conjunto de enunciados e, como o próprio Pêcheux (1997) indicou, *todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar de interpretação* (PÊCHEUX, 1997, p. 52). Por meio dessa citação, temos a evidência de que o objeto com o qual a AD trabalha oferece espaço para uma forma diferente de interpretação: forma essa que busca o exterior do enunciado, busca aspectos sócio-histórico-ideológicos e que destaca aspectos referentes à sua constituição.

Para Pêcheux (1990a):

todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um “erro de pessoa”, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação. (PÊCHEUX, 1990a, p. 56-57).

Essa passagem é essencial para compreendermos que o discurso é movimento, agitação, deslocamento: não se fecha em si, não se esgota. Como Pêcheux (1990a) indica, não há identificação plenamente bem sucedida, não há a plenitude de nenhuma ligação sócio-histórica, ou seja, qualquer ligação desse cunho é afetada por outras: há, assim,

deslocamentos. Percebemos, por meio desse excerto, que não há discurso homogêneo, acabado, pleno; não há plenitude, completude, mas, sim, o deslocamento: discursos sendo afetados por outros discursos e se modificando. Outra questão, encontrada nessa passagem, refere-se ao inconsciente. Pêcheux (1990a) postula que as filiações sócio-históricas são atravessadas pelas determinações inconscientes; são afetadas por outras filiações. Partindo desse postulado, podemos dizer que os discursos são atravessados pelas determinações inconscientes; há neles a presença do *outro*. Pêcheux (1990a), ainda em relação à não plenitude dos discursos, ao “afetamento” existente entre eles e ao deslocamento que sofrem, postula que talvez essa seja *uma das razões que fazem que exista algo como sociedades e história, e não apenas uma justaposição caótica (ou uma integração supra-orgânica perfeita) de animais humanos em interação ...* (PÊCHEUX, 1990a, p. 57). Há articulações, que são feitas consciente e inconscientemente, entre as mais diversas posições e são dessas articulações que surgem o deslocamento – ao se articularem, as filiações (as posições) se afetam e, ao se afetarem, elas se deslocam.

Um ponto relevante a ser mencionado sobre o discurso é que ele não é independente; o discurso, que é produzido em condições de produção específicas, requer vários outros conceitos, tais como: sentido, interdiscurso, intradiscurso, formações discursivas, formações ideológicas, memória discursiva, sujeito, história. Pelo fato de considerarmos como sendo discurso o objeto de análise desta dissertação, é necessário levar em consideração tais elementos. Partiremos da noção de formação discursiva (doravante FD) tomada de Foucault por Pêcheux. Segundo Pêcheux (1990c):

uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”. (PÊCHEUX, 1990c, p. 314).

Para resignificar o conceito de FD, Pêcheux (1997) diz que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas. Além disso, elas implicam, por meio da linguagem, as formações ideológicas (crenças, valores, atitudes) que são correspondentes à constituição desses sujeitos. Quando lemos atentamente as considerações teóricas feitas por Pêcheux acerca das formações discursivas e do interdiscurso, percebemos que os dois conceitos não podem ser focados separadamente. O interdiscurso é um elemento discursivo considerado como algo que fala antes, o já-dito, o sempre-lá, o pré-construído (na citação que fizemos de Pêcheux (1990c) em relação à formação discursiva, há os termos como *preconstruído* e *discursos transversos*: isso mostra correlação das FD com o interdiscurso). O interdiscurso – que nos remete aos conceitos bakhtinianos de polifonia e de dialogismo e também ao conceito de heterogeneidade enunciativa de Authier-Revuz – se faz presente nos discursos pelo fato de existirem neles rastros de discursos outros, discursos já ditos, retomados.

É por intermédio do interdiscurso que diferentes vozes e lugares discursivos podem ser detectados; é no interdiscurso que podemos encontrar vestígios, pistas sobre a memória discursiva em um sujeito. Enfim, o interdiscurso e as formações discursivas são extremamente importantes para o analista de discurso, pois é por meio desses conceitos que se vê a possibilidade de buscar, nos discursos dos sujeitos, a forma como tais sujeitos representam e significam questões sociais.

Outro elemento que aparece é o intradiscurso. Esse elemento é considerado como *o funcionamento do discurso em relação a ele mesmo*, e é nesse elemento “intra” que se encontra o interdiscurso. Há também a memória discursiva. Essa memória não é a memória individual, a memória da lembrança. Segundo Fernandes (2004), pautando-se nos postulados pecheuxtianos acerca da memória discursiva, *a memória, nessa perspectiva, corrobora para a constituição de um conjunto complexo e preexistente ao organismo, e não se inscreve na*

esfera individual do sujeito psicológico (FERNANDES, 2004, p. 111). Segundo Pêcheux (1990b), a memória discursiva:

refere-se não a traços corticais dentro do organismo, nem a traços cicatriais sobre o organismo, nem mesmo a traços comportamentais depositados por ela no mundo exterior, mas sim a um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído por uma série de “tecidos de índices legíveis”, que constitui um corpo sócio-histórico de traços. (PÊCHEUX, 1990b, p. 286)⁷.

Devemos destacar que a memória discursiva marca o sujeito, mostra sua inscrição na História e seu lugar discursivo, ou seja, essa memória faz parte da constituição do sujeito como ser coletivo. Mas, qual é a concepção que a AD tem de sujeito? A questão do sujeito sempre foi levada em consideração pela AD. Desde seus primeiros escritos, Pêcheux faz referência ao sujeito. O que é preciso evidenciar é que tal questão sofreu deslocamentos. Pêcheux, tendo a característica própria de grandes pensadores (revê suas considerações, seus postulados), retoma, por várias vezes, a noção de sujeito para rediscuti-la e acrescentar elementos novos. Contudo, o sujeito, desde os primórdios da AD, é social. Com os deslocamentos que evocamos a pouco, ele passa a ser, além de social, inconsciente, histórico e ideológico, ou seja, o sujeito da AD é marcado pela história, pela ideologia, pelo social e pelo inconsciente simultaneamente. Segundo Indursky (2000), o sujeito da AD é duplamente afetado: *é afetado em seu funcionamento psíquico, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia* (INDURSKY, 2000, p. 71). Outro ponto a ser levantado é que o sujeito, por ser afetado pela História de diferentes maneiras, pode se representar e representar o mundo a sua volta de inúmeras formas. É por isso que, dependendo de onde o sujeito fala, em que momento ele vive e dependendo também da forma como a História o afeta, seus posicionamentos podem ser os mais variados possíveis.

⁷ Tradução de Maria do Rosário Gregolin – circulação restrita.

Com o que já foi dito, fica clara a idéia de que o sujeito da AD não é um sujeito empírico, intencional, soberano, dono de suas palavras e do sentido. O ataque de Pêcheux às concepções que defendem a plenitude do sujeito é visível, pois, como já destacamos, o sujeito para a AD é marcado simultaneamente pelo social, pela história, pela ideologia e pelo inconsciente.

Uma questão trabalhada por Pêcheux (1997) e que é essencial para compreendermos a noção de sujeito, é a da falha. Tomando os postulados de Lacan sobre o inconsciente, Pêcheux (1997) postula que o inconsciente:

é a causa que determina o sujeito exatamente onde o efeito de interpelação o captura; o que falta é essa causa, na medida em que ela se “manifesta” incessantemente e sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes do significante não são jamais “apagados” ou “esquecidos”, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/*nonsens* do sujeito dividido. (PÊCHEUX, 1997, p. 300).

Nessa passagem, percebemos que o sujeito, por ser afetado pela causa que o determina, – o inconsciente – falha. O inconsciente, que se “manifesta” incessantemente e sob mil formas sobre o sujeito (na contradição, no ato falho, no lapso, na denegação, etc.), mostra que o sujeito falha, ou seja, o sujeito diz o que não percebe dizer, materializa questões que não pretendia materializar. O sujeito, como já destacado, é incompleto e é dividido; ele não tem controle sobre o que diz e não é fonte do seu discurso. O sujeito é incessantemente afetado por discursos outros, discursos que o contradizem, o negam, mas que o constituem. Como Pêcheux (1997) nos mostra, é por meio da manifestação do inconsciente no discurso do sujeito que detectamos que ele – o sujeito – está sendo afetado por elementos de diversas ordens, está se deslocando e se constituindo. O sujeito, por ser afetado pela causa que o determina, falha, materializa seu discurso por meio de elementos que o contradizem, que o afetam e que indicam o seu infinito processo de constituição.

Para finalizarmos essa parte, gostaríamos de destacar o seguinte ponto: partindo dos conceitos pecheuxtianos aqui abordados percebemos que um conceito depende do outro; os conceitos estão interligados, entrelaçados e é por meio dessa inter-relação de conceitos, desse entrelaçamento, que vislumbramos que os conceitos se constituem e constituem o campo da AD.

Passemos, pois, à próxima etapa de nossa pesquisa: conceitos foucaultianos que contribuem e nos dão a possibilidade de alcançarmos o que propomos.

3.4. Michel Foucault: sobre discurso, sujeito, resistência, poder e autor

Foucault é uma figura que incomoda muito, pois mexe nas estabilidades, remexe em memórias históricas com o intuito de refletir sobre o presente, de problematizar o porquê dos fenômenos serem da forma que são e não de outra. Foucault é um pensador ousado: repensa, rediscute, reformula tanto idéias vindas de outros filósofos e pensadores quanto as suas próprias. Esse filósofo reflete sobre estabilidades históricas com a finalidade de problematizá-las. Foucault é o *demolidor de idéias assentadas, cáustico em seus diagnósticos de nossa sociedade* (ARAÚJO, 2001, p. 17); é brilhante por se embrenhar em campos distintos do conhecimento (história, lingüística, filosofia, etc.) e mostrar que eles, mesmo tendo suas particularidades, trazem em si pontos em comum, que se entrelaçam e dialogam. Para mostrarmos, de forma geral, a abrangência dos estudos de Foucault, nos reportamos a Araújo (2001). No excerto abaixo, percebemos a abrangência das propostas de Foucault, pois ele:

dissolve a noção de forma e estrutura; de sujeito de conhecimento autoconsciente, livre, senhor de seus atos; de ciências como conhecimento padrão para o estabelecimento de verdades acima de suspeita, porque seguem a receita objetividade/neutralidade; de poder baseado só na força repressiva, de tipo leviatânico, que serve para manter a todos em respeito; de uma sexualidade que, uma vez livre de repressão, teria capacidade de conduzir à emancipação política do indivíduo; de que as ciências humanas, apesar de sua fraqueza epistemológica, conseguem produzir conhecimento acerca do homem e de seu comportamento em

sociedade. Sua intenção não é meramente desconstrutivista ou pós-moderna; pretende analisar os arquivos de uma época, os enunciados que formam o saber de uma época, conceito este mais amplo que ciência e diferente do propósito do historiador das idéias. (ARAÚJO, 2001, p. 17-18).

Dando continuidade à nossa dissertação, focaremos as considerações foucaultianas acerca do discurso, da contradição, da formação discursiva, do sujeito, da resistência (constituição de subjetividades), do poder e da questão do autor. O primeiro ponto a ser enfatizado é a diferença que esse filósofo faz entre língua e discurso. *A língua é um conjunto de estruturas, mas os discursos são unidades de funcionamentos, e a análise da linguagem em sua totalidade não pode deixar de fazer face a essa exigência essencial* (FOUCAULT, 2000, p. 73). Foucault avança na discussão da diferença entre língua e discurso postulando que a descrição do discurso coloca uma questão diferente da colocada pela análise da língua. A questão posta pela descrição do discurso é: *como ocorre que tal enunciado tenha surgido e nenhum outro em seu lugar?* (FOUCAULT, 2000, p. 92), enquanto a colocada pela análise da língua é: *segundo que regras tal enunciado foi construído e, conseqüentemente, conforme que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos?* (FOUCAULT, 2000, p. 92).

Fica claro, por meio dessas questões, que a análise da língua e a do discurso são feitas de maneira distinta, pois o foco dessas duas análises é diferente. Ainda, em Foucault (2000, p. 93), encontramos: *um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem de fato esgotar*, o que indica que um discurso é também *sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem de fato esgotar*, pois, um discurso é um conjunto de enunciados que está marcado social, histórica e ideologicamente, ou seja, não são somente palavras de uma determinada língua sendo proferidas, mas sim palavras que são ditas por um determinado sujeito em um lugar específico. Foucault (1996) postula sobre quatro noções que devem servir de princípio regulador para a análise de discurso: a noção de acontecimento, a

de série, a de regularidade e a de condição de possibilidade do discurso. Essas noções se opõem respectivamente às noções de criação, de unidade, de originalidade e de significação. Levando em consideração esses princípios – princípios que focam a descontinuidade, a especificidade e a exterioridade como categorias para que os discursos possam ser analisados – nos deparamos com as considerações foucaultianas concernentes à noção de discurso. Foucault (1996) postula que *os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem.* (FOUCAULT, 1996, p. 52-53). Esse filósofo defende a idéia de se não transformar o discurso em um jogo de significações prévias. *Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade.* (FOUCAULT, 1996, p. 53). E Foucault (1996) ainda postula que:

não se deve passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestaram nele; mas a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras. (FOUCAULT, 1996, p. 53).

Fundamental destacar que há, em relação à noção foucaultiana de discurso, um elemento que funciona como princípio de sua historicidade: a contradição. A contradição, de acordo com Foucault (1995b), é considerada como um princípio organizador *longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo para que ele libere, enfim, sua verdade aberta* (FOUCAULT, 1995b, p. 173); a contradição constitui a própria lei da existência do discurso, pois, *o discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece à que oculta* (FOUCAULT, 1995b, p. 173). Podemos, por meio da concepção foucaultiana de discurso, lançar a seguinte consideração: a lei da existência do discurso – a contradição – nos abre caminho para percebermos que por mais que

posicionamentos considerados divergentes ou opostos em uma conjuntura social busquem o distanciamento uns dos outros, por mais que busquem traçar uma linha divisória entre suas maneiras de conceber questões sociais, históricas e culturais, por mais que salientem suas diferenças, eles estão em um constante embate, estão se afetando mutuamente, estão, enfim, se constituindo. Esse embate e “afetamento” são encontrados nas contradições, nas diferentes formas de o inconsciente se manifestar nos discursos, no processo de resistência existente nos espaços discursivos e na questão que envolve a identidade/diferença (conceitos que abordaremos mais adiante).

Outro ponto a ser destacado é que *as contradições representam uma coerência visto que desvelam elementos exteriores à materialidade lingüística* (FERNANDES, 2005, p. 70). As contradições trazem à tona elementos que não fazem parte da materialidade lingüística, mas sim que fazem parte da exterioridade do lingüístico. As contradições, como postula Foucault (1995b) e como reitera Fernandes (2005), são inerentes à constitutividade dos discursos e dos sujeitos.

Antes de passarmos para a noção de formação discursiva, tomaremos emprestadas de Foucault algumas palavras que indicam como analisar esse caminho cheio de contradições que é o discurso. Encontramos em Foucault (1995b, p. 173-174) que *analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições; é mostrar o jogo que nele elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência*. Por meio dessa citação, vemos que analisar discurso é lidar com contradições.

Passamos, nesse momento, a um conceito bastante importante quando o que se pretende é a análise de discursos: formação discursiva. Foucault (2000) expõe esse conceito atestando que quando há a possibilidade de se encontrar um referencial, uma rede teórica, um campo de estratégias em um grupo de enunciados, pode-se dizer que esse grupo de enunciados

pertencem a uma formação discursiva, sendo que tal formação *agrupa toda uma população de acontecimentos enunciativos* (FOUCAULT, 2000, p. 106). Importante destacar que ao agrupar toda uma população de acontecimentos enunciativos, a formação discursiva lida com a dispersão, com a contradição, com a descontinuidade. Há, em meio a toda essa população de acontecimentos enunciativos, a marca da instabilidade, a marca de diferentes conjuntos de discursos, de diferentes universos discursivos acerca de uma mesma temática.

Buscaremos, nas palavras do próprio Foucault, passagens que abordam a questão da formação discursiva para com isso evidenciarmos o quão importante tal conceito é para a análise de discursos. Foucault (1995b) postula que:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*. (FOUCAULT, 1995b, p. 43).

Em Foucault (1995b), encontramos ainda:

uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha que se modificar. (FOUCAULT, 1995b, p. 50-51).

Uma formação discursiva para Foucault (1995b):

não é, pois, o texto ideal, contínuo e sem aspereza, que corre sob a multiplicidade das contradições e as resolve na unidade calma de um pensamento coerente; não é, tampouco, a superfície em que se vem refletir, sob mil aspectos diferentes, uma contradição que estaria sempre em segundo plano, mas dominante. É antes um espaço de dissensões múltiplas; é um conjunto de oposições diferentes cujos níveis e papéis devem ser descritos. (FOUCAULT, 1995b, p. 178-179).

Vislumbramos que essa *população de acontecimentos enunciativos*, as formações discursivas, não está fechada sobre si mesma, não é homogênea, mas sim cheia de oposições e contradições. Importante mencionar que ao focar a questão da formação discursiva, Foucault salienta uma outra: a das condições históricas, das condições de produção do discurso. Como Foucault deixa bastante clara a inevitabilidade de se levar em consideração essa questão quando se busca analisar discursos, abrimos espaço para suas considerações acerca dessas condições.

As condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê, são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época. (FOUCAULT, 1995b, p. 51).

Por intermédio desse trecho, vemos que as condições históricas de uma época determinam o que pode ser falado; determinam *as relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação* entre diferentes objetos. As condições históricas determinam a produção e a circulação de discursos. Em consequência dessa determinação, chegamos na idéia, defendida por Foucault, de que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época.

Pautando-nos nas considerações foucaultianas acerca da formação discursiva e também das condições de produção dos discursos, averiguamos que a aproximação de um discurso deve ser cuidadosa, pois vários elementos devem ser focados: os conjuntos de discursos e os diferentes universos discursivos acerca de um único tema, de uma única temática; a dispersão; a descontinuidade; a contradição; as semelhanças e as diferenças. Como nossa hipótese levanta a questão de a diferença afetar os discursos, vislumbramos a importância de, a cada passo da análise, levar em consideração os elementos destacados acima.

Antes de prosseguirmos e passarmos para a noção de sujeito presente em Foucault, abriremos espaço para que o próprio Foucault mostre o que todos aqueles interessados em análise do discurso buscam: vislumbrar qual a finalidade de tal análise que, segundo o filósofo aqui em foco, é:

tratar de apreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento; de determinar nas condições de sua existência, de fixar da maneira mais justa os seus limites, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados aos quais ele pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação ele exclui. Não se procura absolutamente, por baixo do que é manifesto, o falatório em surdina de um outro discurso. Deve-se mostrar por que ele não poderia ser diferente do que é, em que ele exclui qualquer discurso, como ele ocupa dentre os outros e em relação a eles um lugar que nenhum outro poderia ocupar. A questão da análise do discurso poderia ser formulada da seguinte maneira: qual é essa irregular existência que emerge no que se diz – e em nenhum outro lugar? (FOUCAULT, 2000, p. 93).

Depois dessa revelação concernente ao que o analista de discurso deve buscar com sua análise, prosseguiremos refletindo sobre os postulados de Foucault relativos ao sujeito. Para falar sobre o sujeito, Foucault parte da história. Ao partir da história, o filósofo em questão enfatiza a importância de não se ver o sujeito como origem, como aquele de onde os sentidos surgem. Aportamo-nos em Gregolin (2004) para deixar um pouco mais clara a questão da relação entre o sujeito e a história. *O propósito da análise foucaultiana é desconstruir a idéia de sujeito origem e fundamento dos sentidos, e, para isso, é preciso se livrar da idéia do sujeito constituinte, a fim de chegar à figura do sujeito imerso na trama histórica* (GREGOLIN, 2004, p. 101), ou seja, o sujeito está na História e, por isso, é por ela afetado. A *figura do sujeito imerso na trama história* assinala o quão essencial é levar em consideração o lugar discursivo de onde esse sujeito fala, sua inserção no mundo. Considerando o sujeito dessa forma, tem-se toda a exterioridade de que ele faz parte, ou seja, tem-se a História, o social, os outros sujeitos e tudo o que está relacionado a esses elementos. Uma outra questão, bastante importante para a presente dissertação, e que detectamos facilmente no mundo social,

refere-se à objetivação dos sujeitos naquilo que Foucault chamou de “práticas divisoras”: *o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros* (FOUCAULT, 1995a, p. 231). Essa questão mostra que as “práticas divisoras” buscam separar os sujeitos em categorias, em oposições binárias, em blocos que se dicotomizam: o louco e o são, o doente e o sadio, o homossexual e o heterossexual, como se essa dicotomização fosse estanque, sem embate e sem tensão. Como já destacado, os sujeitos são afetados por uma *trama histórica* e vão sendo assim constituídos, por isso a tentativa de separação dos sujeitos em categorias que se dicotomizam é superficial e não leva em consideração que o sujeito está sempre em movimento, se constituindo.

Outro aspecto, encontrado no sujeito em Foucault, é a questão de esse elemento ser visto como uma construção, como sendo “fabricação” histórica. Esse aspecto evidencia que o sujeito em Foucault não é soberano, dono de suas idéias; o sujeito, nessa perspectiva, não é buscado pela sua essência, pela sua plenitude, pois, como já mencionado, o sujeito em Foucault é construído, fabricado historicamente. Crucial destacar que o sujeito foucaultiano é também objeto de saber, de poder e é objeto de construção identitária. O sujeito, por ser afetado pela História de formas diferentes, posiciona-se socialmente de inúmeras e variadas maneiras e ao se posicionar em relação a alguma questão ele se subjetiva, se mostra, se inscreve em um determinado espaço discursivo, que, como já vimos, é regido por regras para a produção do discurso. O sujeito, em Foucault, não é totalmente assujeitado, pois, como é uma “fabricação” histórica, está envolto por relações. Nas relações, que não são homogêneas, tem-se a resistência. A resistência é um elemento bastante importante nos postulados de Foucault e essencial para a presente pesquisa. Sabemos que há diversas maneiras de o sujeito se comportar, de ele se posicionar. Sabemos também que questões sociais, históricas, ideológicas e econômicas determinam fortemente as formas de comportamentos e de posicionamentos. Há imposição de conduta, pois há padrões sociais enraizados e dominantes.

No entanto, mesmo havendo determinações e mesmo estando o sujeito a elas assujeitado, há a resistência, há o negar de padrões, crenças e costumes; há a busca da diferença: o sujeito se singulariza nesse processo. Segundo Revel (2005, p. 74), apresentando os postulados de Foucault, *a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte*. Por meio da resistência, os sujeitos produzem discursos sobre si mesmos, sobre sua existência, sua forma de ver o mundo, sua forma de ser, sobre seus afetos e sobre sua sexualidade. Esses sujeitos, ao produzirem discursos sobre si mesmos, buscam sua identidade, buscam constituir-se em sujeitos, ou seja, há os processos de subjetivação.

Em Foucault (1995a), sujeito, poder e resistência são conceitos que se imbricam, que estão intrinsecamente interligados. Percebemos tal imbricação porque Foucault foca as relações entre o sujeito e o poder e dessa relação busca analisar as formas de resistência. Foucault (1995a) postula que as formas de resistência afirmam o direito à diferença e combatem tudo o que pode isolar o indivíduo, separá-lo dos outros, excluí-lo da vida comunitária. Importante destacar que o par resistência/poder não é o par liberdade/dominação, porque *o poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer* (FOUCAULT, 1995a, p. 244). Encontramos, em Foucault (1995a), uma passagem que mostra que o par resistência/poder não é o par liberdade/dominação e que o par resistência/poder está presente nas relações sociais. Foucault (1995a) postula que:

não há relação de poder onde as determinações estão saturadas – a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) – mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. Não há, portanto, confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse

inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na coerção pura e simples da violência); porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente. (FOUCAULT, 1995a, p. 244).

Percebemos que as várias formas de resistência mostram que os sujeitos estão no processo de subjetivação, ou seja, eles buscam destacar suas diferenças diante dos padrões que não sejam os seus e buscam, ao mesmo tempo, seu lugar social, seu espaço, seu convívio com os outros. Tem-se o objetivo de trazer a diferença para a vida comunitária, social: a diversidade.

Levando em consideração o que foi mencionado acerca do discurso, do sujeito e da resistência, acreditamos ser relevante nos atermos a um conceito fundamental em Foucault; um conceito que está, como já destacado, entrelaçado aos conceitos de discurso, de sujeito e de resistência: o poder. O poder em Foucault não é visto de uma forma centralizada e nem tendo um papel apenas repressivo. Foucault (1995a) critica e dissolve a idéia de centralidade do Poder do Estado salientando que há *poderes* e que esses poderes não são localizados em um lugar específico, pois estão espalhados por todos os lados, por todos os cantos da existência: *o poder não mais localizável, mas multidirecional, espalhado como micro-poderes – grãos de poderes na mesa do social* (SILVA, 2004, p. 160). Foucault amplia as dimensões da definição de poder. Esse filósofo considera que buscar o poder apenas nos modelos legais e institucionais é algo ingênuo e equivocado, pois o poder é uma prática social presente em todas as relações sociais. O poder, nessa perspectiva, não é absoluto ou permanente, pois, de acordo com as considerações de Foucault: onde há poder, há resistência e, havendo resistência, há também movência, mudança. Segundo Revel (2005):

a análise foucaultiana destrói, portanto, a idéia de um paradoxo/contradição entre o poder e a liberdade: é precisamente tornando-os indissociáveis que Foucault pode reconhecer no poder um papel não somente repressivo, mas produtivo (efeitos de verdade, de subjetividade, de lutas), e que ele pode, inversamente, enraizar os fenômenos de resistência no próprio interior do poder que eles buscam contestar, e não num improvável “exterior”. (REVEL, 2005, p. 68).

Percebemos que o papel do poder em Foucault não é somente repressivo, mas também produtivo.

Após focarmos a questão do discurso, do sujeito, da resistência e do poder, seguimos nosso trajeto e deparamo-nos com a necessidade de abordar a questão do autor. A abordagem de tal questão é vital em nosso trabalho, pois partimos da idéia de que há uma ligação entre a maneira de se abordar o autor e a maneira de se fazer análise. Então, ao refletirmos sobre esse ponto, estaremos esclarecendo o caráter de nossa análise e a forma como procederemos ao analisar o *corpus* desta pesquisa. Para iniciarmos, colocaremos em destaque uma idéia que tanto Barthes (1984) quanto Foucault (1992) defendem: a de que o autor é um constructo da sociedade, um constructo que alcançou enorme prestígio. Em Foucault (1992), percebemos que a construção do autor se deu em um momento em que a individualização das idéias, dos pensamentos e dos conhecimentos de áreas distintas (literatura, filosofia, história, ciências) passou a ser considerada. Foucault, ao refletir sobre o autor, destaca que essa noção está intrinsecamente ligada ao tipo de obra, de texto produzido. Percebemos, através dessa consideração, que não há somente uma noção de autor, mas sim noções, sendo que para discorrer sobre essa questão é preciso detectar, primeiramente, a natureza da obra, do texto. Como vemos, tratar da questão do autor não é nada fácil, simples, pois é necessário levar em consideração uma gama de aspectos e elementos. No entanto, Foucault (1992) busca evidenciar que o nome de autor serve para caracterizar algo:

Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é o autor”, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto. (FOUCAULT, 1992, p. 45).

Partindo do supracitado, identificamos a importância que a figura do autor atingiu em nossa sociedade e como esse não é um conceito simples nem fácil vemos a necessidade de destacar a forma como iremos tratar dessa questão ao analisarmos os contos escolhidos como *corpus* desta pesquisa. Como nosso *corpus* é literário, precisamos deixar claro que não iremos procurar a explicação da obra (nesta pesquisa, obra se refere aos contos) partindo da figura do autor, assim como faz, comumente, a crítica literária. Não buscamos detectar a relação do autor com a obra, como a crítica literária o faz, porque, assim como Foucault (1992), Barthes (1984) e Chartier (1998), não acreditamos que a figura do autor deva ser tomada como o *elemento* que possibilita a análise. Defendemos a idéia de que, assim como o sujeito, o autor não é soberano, não é dono de suas idéias, não é completo. Tendo isso posto, iremos analisar o *corpus* da presente pesquisa partindo não da figura do autor (Caio Fernando Abreu), mas sim dos sujeitos existentes e que são construídos pela linguagem nos espaços discursivos que propomos analisar. Não temos como objetivo encontrar o autor na obra: não buscamos detectar elementos da vida pessoal do autor no universo discursivo dos contos. Tudo o que objetivamos parte dos sujeitos discursivos presentes na materialidade lingüística dos contos, pois são eles que trazem em seus discursos a temática da homossexualidade, que se posicionam em relação a essa questão e são eles também que têm voz.

3.5. Authier-Revuz: sujeito e heterogeneidade(s) enunciativa(s)

Para lançarmos as últimas considerações visando à apresentação dos pressupostos teóricos que sustentarão o desenrolar da nossa dissertação, trazemos as considerações de uma figura chave para percebermos que o sujeito é heterogêneo, incompleto, atravessado pelo inconsciente; figura que convoca, em seus postulados, a exterioridade constituinte da linguagem humana, que tece considerações acerca do sujeito e das heterogeneidades

enunciativas; figura que, por se dedicar à leitura de Lacan, destaca que o sujeito é inconsciente.

A decisão de refletirmos sobre as considerações de Authier-Revuz (1990, 2004), concernentes ao sujeito e às heterogeneidades enunciativas, deu-se pelo fato de essa lingüista trazer à baila pontos de vista exteriores à Lingüística para tecer considerações em relação a esses elementos. Essa lingüista busca apoio e ancoragem de duas abordagens não-lingüísticas para traçar sua trajetória teórica: os postulados de Bakhtin – filósofo da linguagem que traz para a concepção de linguagem a questão da polifonia e do dialogismo – e os postulados lacanianos concernentes ao inconsciente. Essa lingüista busca apoio também em um conceito presente em Pêcheux: o interdiscurso. Tal conceito fortifica o descentramento do sujeito e a presença inevitável do outro e do Outro em qualquer discurso, pois, como já destacamos anteriormente, o interdiscurso é um elemento discursivo considerado como algo que fala antes, o já-dito, o sempre-lá, o pré-construído. Durante sua trajetória teórica, Authier-Revuz articula o sujeito em Bakhtin e o sujeito em Lacan para postular que o inconsciente integra as questões referentes ao sujeito e ao outro do/no discurso. Deparamo-nos com um deslocamento teórico que considera que o inconsciente age no sujeito e no discurso; consideração que, de acordo com Revuz (2004), não foi percebida por Bakhtin.

Importante destacarmos, nessa parte da nossa pesquisa, um elemento que Authier-Revuz traz e problematiza em seus postulados e que é considerado a base de todo o pensamento bakhtiniano: o dialogismo. Quando Bakhtin postula que a linguagem é dialógica, está buscando mostrar que nada é proferido, dito isoladamente, no vazio. Há, sim, uma rede de vozes que constituem cada dizer, cada ato de linguagem, pois dialogismo nos remete a diálogo (o eu em contato com o outro(s) e vice-versa). O dialogismo, como pontua Brait (1997), pode ser interpretado como sendo o elemento, por excelência, da instauração da *natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. O dialogismo é, pois, um elemento que

indica a dimensão de incompletude do sujeito falante (sujeito discursivo) e de seus dizeres (discursos), ou seja, tal elemento mostra que os discursos, assim como os sujeitos, são *inconclusos*. Quando Bakhtin fala de dialogismo, ele está falando de diferentes vozes (discursos) que estão presentes na voz (discurso) do sujeito que está com a palavra. Como Brait (1997) nos mostra, essas vozes podem ser distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis ou, pelo contrário, elas podem ser bem visíveis e determinadas. Outra questão colocada na referência das vozes – questão que nos interessa imensamente, pois buscamos analisar as diferentes vozes presentes nos espaços discursivos escolhidos – é que elas trazem diferentes valores sociais, crenças, diferentes ideologias e maneiras distintas de perceber o mundo e tudo o que nele há. As vozes, enfim, indicam os posicionamentos dos sujeitos diante de diferentes situações; elas possibilitam traçar considerações acerca da forma como os sujeitos vivenciam as situações e possibilitam também mostrar seus pensamentos diante de questões da vida. Percebemos, por meio do que foi dito, o quão importante é a questão do dialogismo proposto por Bakhtin. No entanto, importa destacar que essa questão é problematizada ao ser abordada por Authier-Revuz.

Revuz (2004) postula que:

o outro de Bakhtin, aquele dos outros discursos, o outro-interlocutor, pertence ao campo do discurso, do sentido construído, por mais contraditório que seja, em discurso, com palavras “carregadas de história”; o outro do inconsciente, do imprevisto do sentido, de um sentido “desconstruído” no funcionamento autônomo do significante, o outro que abre uma outra heterogeneidade no discurso – *de uma outra natureza* – que não aquela que estrutura o campo do discurso para Bakhtin, está ausente do horizonte deste. Há aí uma radical heterogeneidade, que parece ser recusada, nessa teoria da heterogeneidade que quer ser o dialogismo. (REVUZ, 2004, p. 43-44).

De acordo com essa passagem, vemos que o outro em Bakhtin não é o mesmo que o outro lacaniano. *Em Bakhtin, o outro (interlocutor, discurso) é sempre “o outro de um outro” (interlocutor, discurso), lá onde podemos dizer que “não há outro do Outro”*

(*inconscientemente*) (REVUZ, 2004, p. 44). Estamos diante do ponto que foi causa do deslocamento teórico mencionado a pouco: a questão do outro. Antes de focarmos a questão das heterogeneidades enunciativas, é essencial abordarmos a concepção de sujeito nos postulados de Authier-Revuz. A noção de sujeito defendida por essa pensadora evidencia que o sujeito é descentrado, clivado, dividido, sempre estando entre o “eu” e o “Outro”. O sujeito, nessa concepção, é o suporte e o efeito de seus discursos e não sua fonte; ele *não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente* (REVUZ, 2004, p. 63). O sujeito, em Revuz, não é origem de seu discurso, não é fonte de seu dizer, pois está inserido e inscrito na história e traz consigo o inconsciente. O sujeito, nessa perspectiva, é efeito da linguagem; é afetado e constituído pelo inconsciente sendo esse uma *parte do discurso concreto enquanto transindividual, que não está à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente* (LACAN, 1953 apud REVUZ 2004, p.50); o sujeito, por ser inconsciente, não tem domínio sobre seu discurso, materializando, nele, manifestações que escapam de sua vontade consciente, manifestações que revelam que o sujeito vive em uma constante tensão e em um infundável embate com discursos que ele, ilusoriamente, busca eliminar de seus dizeres.

A noção de sujeito em Authier-Revuz rompe com o EU: fundamento da subjetividade clássica concebida como o interior diante da exterioridade do mundo. O sujeito é, nessa concepção, *deslocado, desalojado, “em um lugar múltiplo fundamentalmente heterônimo”, em que a exterioridade está no interior do sujeito* (REVUZ, 1990, p. 29). Por meio dessa passagem, somos remetidos a Bakhtin. Em Bakhtin (1992), vemos a problematização de duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico: a primeira relacionada ao subjetivismo individualista ligada ao Romantismo, e a segunda relacionada ao objetivismo abstrato ligada ao Racionalismo e ao Neoclassicismo. Nos interessa, nesse momento, a problematização que

Bakhtin faz da primeira orientação, pois são elementos dela que podemos vislumbrar na passagem de Authier-Revuz. Sobre essa orientação do pensamento filosófico-lingüístico, Bakhtin postula que a enunciação monológica é o ponto de partida sobre a reflexão que tal orientação faz sobre a língua. Por enunciação monológica entende-se *um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc* (BAKHTIN, 1992, p. 110-111). Por intermédio dessa definição, Bakhtin tece suas considerações em relação à teoria da expressão para mostrar que há uma demasiada valorização daquilo que é considerado interior, daquilo que vem de dentro. Surge assim a questão do idealismo e da essência, pois *tudo que é essencial é interior, o que é exterior só se torna essencial a título de receptáculo do conteúdo interior, de meio de expressão do espírito* (BAKHTIN, 1992, p. 111). Ao refletir sobre a teoria da expressão, Bakhtin tem o intuito de balançar as bases do subjetivismo individualista e destacar que tudo o que é expresso tem um centro organizador e formador que não se situa no interior, mas sim no exterior. Percebemos que, assim como Bakhtin, Authier-Revuz busca trazer à baila a questão do social, do exterior. No entanto, é essencial destacar que quando Bakhtin traz à tona a questão do exterior ele se refere apenas ao social: o que não acontece em Authier-Revuz. Revuz (1990, 2004) além de trazer a questão do social traz também a questão da presença do Outro. Há, então, um deslocamento em relação à questão referente à exterioridade.

Pautando-nos na concepção de sujeito aludida, vemos a importância de destacarmos que, assim como as considerações de Authier-Revuz e as dos outros pensadores que constituem o arcabouço teórico deste trabalho, não estamos seduzidos *pelas evidências narcísicas do sujeito fonte e senhor de seu dizer* (REVUZ, 1990, p. 25), mas sim pela exterioridade constitutiva do sujeito e de seu discurso.

Dada a concepção de sujeito em Revuz, destacamos a questão das heterogeneidades enunciativas que traz a questão do outro e do Outro nos discursos.

Como já mencionamos, a questão do outro nos postulados de Authier-Revuz é um ponto chave, ponto que gera movência teórica. Tanto em Revuz (1990) quanto em Revuz (2004), encontramos um percurso explicativo de como o outro pode se inscrever no discurso de um sujeito. Durante esse percurso, averiguamos que a inscrição do outro no discurso de um sujeito pode se dar de duas maneiras distintas: uma explícita, lingüisticamente detectável, e outra implícita, diluída, não perceptível lingüisticamente. Temos, respectivamente, a heterogeneidade mostrada e a constitutiva, ou seja, as heterogeneidades enunciativas. A primeira das heterogeneidades pode ser detectada no discurso por meio da presença do discurso direto, indireto, direto livre, das aspas, dos itálicos, das citações, das alusões, da ironia, da denegação. Nessa heterogeneidade, o sujeito busca destacar a presença do outro para em seguida continuar a produção de seu discurso na ilusão de separar seu dizer dos outros dizeres. O sujeito, ao destacar a presença do outro em seu discurso, tem a impressão de ter controle do seu discurso, tem a ilusão de ser dono do seu dizer, de ser sua origem, sua fonte. Já em relação à heterogeneidade constitutiva, deparamo-nos com uma forma diferente da presença do outro no discurso: é uma presença implícita, não podendo ser perceptível lingüisticamente. Essa heterogeneidade encontra-se no exterior do lingüístico, encontra-se no social, no histórico, no ideológico e no inconsciente e ela constitui tanto o sujeito quanto o discurso. O sujeito, por não se valer do uso do discurso direto, indireto, direto livre, das aspas etc, ou seja, por não trazer o outro de forma marcada para o seu discurso, tem a ilusão (impressão) de que tudo o que diz parte de sua mente, de suas idéias, esquecendo-se de que nada parte do sujeito, pois, todo e qualquer sujeito faz parte de um já-construído, de um já-lá anterior à sua existência. O sujeito faz parte da história e além disso traz em si o inconsciente.

Assim sendo, o outro⁸ se inscreve no fio de todo e qualquer discurso; *o outro é sempre onipresente e está em toda a parte* (REVUZ, 2004, p. 21) e *ele não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso* (REVUZ, 2004, p. 69).

Levando em consideração os postulados concernentes às duas heterogeneidades enunciativas, vislumbramos que o outro está sempre presente no discurso de um sujeito; ele está em todos os lugares, a todo momento sendo lingüisticamente detectável ou não; vislumbramos também que o discurso, nessa concepção, é tomado como produto de interdiscursos – o que nos remete a Pêcheux e a Foucault, e também como dialógico – nos fazendo lembrar Bakhtin.

Uma vez focada a concepção de sujeito em Authier-Revuz e a noção das heterogeneidades enunciativas, passamos a abordar dois elementos que estão sendo discutidos e problematizados por diferentes estudiosos – Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva e Kathryn Woodward, por exemplo – diferença e identidade. Importa salientarmos que a questão da diferença nos dará suporte na parte analítica da nossa pesquisa, no momento da busca dos diferentes sujeitos discursivos e no instante da análise dos vários discursos acerca da questão da homossexualidade, pois a diferença aponta para o lugar em que o sujeito está inserido, para o lugar no qual o sujeito se circunscreve.

3.6. Sobre diferença e identidade

Para falarmos de identidade, precisamos trazer à baila a questão da diferença e, como postula Hall (2003), há, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno dessa questão. Levando em consideração essa explosão discursiva, vemos a necessidade de

⁸ Nesse momento, o outro está fazendo referência ao conceito de heterogeneidades enunciativas, ou seja, está fazendo referência tanto ao outro quanto ao Outro.

delimitar fronteiras e buscar destacar qual é a concepção de identidade que trazemos para a nossa pesquisa.

Identidade, não é, nesse espaço discursivo, concebida como concluída, plena, pronta, fechada: ela é, ao contrário, concebida como um constante processo em andamento, em construção. A identidade é plural, é “movente”; ela é deslocamento, transformação e construção. Dito isso, trazemos um excerto encontrado em Woodward (2003). Nessa passagem, percebemos que a identidade é construção e, sendo construção, modifica-se, transforma-se. Woodward (2003) postula que *as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo (...) as identidades são contingentes emergindo em momentos históricos particulares* (WOODWARD, 2003, p. 38), ou seja, elas são construções. Importa salientarmos que, assim como a identidade, a diferença também é construção, é deslocamento, é transformação. Esses dois elementos, que são interdependentes, são construções sociais e culturais, ou seja, os dois partilham da mesma característica: a movência. Para deixarmos clara essa idéia de construção, trazemos uma passagem em Silva (2003), que postula:

além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são resultado de atos de criação lingüística. Dizer que são o resultado de atos de *criação* significa dizer que não são “elementos” da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas ou descobertas, respeitadas ou toleradas. A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, 2003, p. 76).

Partindo dessas generalizações, passamos a abordar a relação entre identidade e diferença. Para chegarmos a essa relação, focaremos, primeiramente, a questão da diferença. *A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”* (WOODWARD, 2003, p. 41). A diferença, ao mesmo tempo que separa

identidades e estabelece distinções entre elas, as constitui. Por meio dessa enunciação, chegamos ao que postula Woodward (2003): a identidade depende da diferença; a marcação da diferença é crucial no processo das posições de identidade. Importante, nesse momento, destacarmos os apontamentos de Hall em relação à questão da identidade. Segundo Hall (2003), a diferença é aquilo que é deixado de fora e que a identidade requer: a diferença é o exterior que constitui a identidade. As identidades, como postula Hall (2003), pautando-se em Derrida (1981), em Laclau (1990) e em Butler (1993):

são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua identidade – pode ser construído. (HALL, 2003, p. 110).

O Outro, o que não é, ou seja, a diferença, faz parte das construções das identidades; o Outro, por mais que seja negado, não deixa de ser um elemento constitutivo das identidades, pois uma identidade busca ser o que outra não é. Com isso, percebemos que a construção das identidades se dá de uma forma relacional – entre aquilo que é e o que não é (a diferença). Como pontua Woodward (2003), *a mesmidade (ou a identidade) porta sempre traço da outridade (ou da diferença)* (WOODWARD, 2003, p. 79). Importante destacarmos que no processo de construções de identidades há a existência das contradições. Como já destacamos, as contradições apontam para o inconsciente como constitutivo do sujeito, como constitutivo de seu discurso e de sua identidade. Há, nesse processo de construções de identidades, dimensões inconscientes do “eu” que lhe são constitutivas, que indicam que o sujeito não tem controle sobre o seu discurso e nem sobre sua identidade. E, por meio das contradições, o

sujeito nos deixa detectar a presença daquilo que busca negar, que busca se distanciar: o Outro⁹, a diferença.

Dando continuidade a essa parte de nossa pesquisa, gostaríamos de destacar uma questão bastante importante quando o assunto é identidade e diferença: como se dá a marcação dessa e a afirmação daquela. Para destacarmos tal questão, aportamo-nos em Silva (2003, p. 82).

a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. Os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder.

Por meio desse excerto, percebemos a delimitação das fronteiras, percebemos a busca da separação entre “nós” e “eles”, entre o que “somos” e o que “não somos”. Vislumbramos, também por intermédio dessa passagem, que há o estabelecimento de distinções, há a demarcação da diferença. O estabelecimento de distinções e o estabelecimento da demarcação da diferença se dão, freqüentemente, por meio de oposições binárias: há, assim, uma divisão dicotômica entre dois mundos diferentes; uma divisão que busca uma separação clara entre os dois pólos. Nevrálgico trazer à baila o que pontua Silva (2003), pautando-se nas análises desse processo de construções de oposições binárias feitas pelo filósofo Jacques Derrida. *As oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas binárias: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa* (SILVA, 2003, p. 83).

Gostaríamos de retomar uma questão que já destacamos anteriormente: as oposições binárias,

⁹ O Outro, nesse momento, refere-se à questão da diferença, daquilo que não é, ou seja, esse Outro não é o mesmo que o Outro em Authier-Revuz.

por mais que busquem se distanciarem umas das outras, por mais que busquem salientar suas diferenças, suas características, estão inseridas em um processo em que o Outro (a diferença) aparece como sendo constitutivo, como sendo um elemento basilar para que a construção da identidade aconteça; há embate entre essas oposições. O Outro é inevitável no processo de construção de identidades, pois é por intermédio dele que a construção se instaura e vai se edificando.

Antes de concluirmos essa parte que “fecha” a construção do arcabouço teórico desta dissertação, trazemos uma passagem que aponta para uma questão que está presente no processo de construção de oposições binárias: a classificação.

Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2003, p. 82).

Percebemos que o processo de construção de oposições binárias não apenas separa o mundo, mas o classifica, o hierarquiza. Por isso é preciso, como postula Silva (2003), questionar a identidade e a diferença como relações de poder, pois isso significa problematizar os binarismos (masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual) em torno dos quais elas se organizam.

3.7. Retomando e articulando conceitos

Abordados os conceitos presentes nos postulados de Michel Pêcheux, de Michel Foucault, de Authier-Revuz que interessam diretamente à edificação da presente pesquisa e abordado

também a questão da diferença e da identidade, buscamos, nesse momento, destacar a importância de se focar tais conceitos de uma forma articulada, de uma maneira que evidencie que mesmo havendo diferenças entre a forma de abordar questões e conceitos teóricos entre os autores focados, podemos dizer que os conceitos dialogam. Vislumbramos os conceitos teóricos presentes nos diferentes pensadores como sendo uma rede bastante complexa que ao ser articulada nos dá luz para que os objetivos propostos sejam alcançados. Então, com o intuito de destacar a maneira que iremos abordar os elementos teóricos, passamos a articulá-los. Durante esse momento de articulação, destacaremos o que acreditamos ser de extrema importância em relação aos conceitos trabalhados: a possibilidade de diálogo entre eles.

Começaremos discorrendo sobre o objeto da presente pesquisa; objeto que é marcado simultaneamente pelo social, pela história, pela ideologia e pelo inconsciente. Tanto em Michel Pêcheux, em Michel Foucault quanto em Authier-Revuz, encontramos elementos que fazem parte da constituição do discurso como, por exemplo, a busca da exterioridade, do social, do contexto histórico, do inconsciente. No entanto, são as figuras de Pêcheux, principalmente, e de Foucault que lidam com a noção de discurso. Partindo do que foi mencionado e levando em consideração os postulados dos três autores, mostraremos a maneira que iremos tratar do discurso durante a trajetória analítica dessa pesquisa. O discurso será tratado como uma materialidade que resulta da articulação da língua com a história; como um conjunto de enunciados que oferecem lugar para interpretação; como um acontecimento que nem a língua nem o sentido conseguem esgotar; como práticas descontínuas podendo se cruzarem ou se excluírem; como produto de interdiscurso – de discursos já-ditos, do já-lá. No discurso, há sempre a presença da heterogeneidade mostrada e/ou da heterogeneidade constitutiva: o que nos mostra que há, sempre, a presença do outro e/ou do Outro sendo que eles podem ou não serem detectados. Se o for, marcas lingüísticas explícitas serão encontradas no discurso. Se não o for, tais marcas não serão encontradas no

discurso. De qualquer forma, deve-se buscar a exterioridade, o social, o histórico, o ideológico e o inconsciente para que se possa perceber a presença do outro (Outro) no discurso. Como as identidades são construídas dentro do discurso e não fora dele, trazemos, nesse momento de articulação de conceitos, a questão da diferença. Como sabemos, a diferença *é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”* (WOODWARD, 2003, p. 41); ela é encontrada no discurso e, por isso, podemos dizer que ela, assim como o Outro em Authier-Revuz, é aquele elemento sempre presente. O Outro como sendo a diferença é um elemento que é negado, que é excluído, que é exterior, mas constitutivo de todo e qualquer discurso. Para finalizar nossas considerações acerca do discurso, gostaríamos de destacar que esse elemento será abordado como dispersão, descontinuidade.

Juntamente com o discurso, tem-se a formação discursiva. Em Pêcheux, as formações discursivas estão ligadas diretamente às formações ideológicas (crenças, valores, atitudes) e ao interdiscurso. Por meio desses elementos, diferentes vozes e lugares discursivos podem ser percebidos. O conceito de heterogeneidades enunciativas, presente em Authier-Revuz, pode ser articulado com o conceito de interdiscurso, pois detectamos nesses dois conceitos a seguinte semelhança: a de buscar destacar e evidenciar que existem, em um discurso, rastros de discursos outros, discursos já-ditos, retomados.

Já, em Foucault, as formações discursivas estão ligadas a relações de poder, o que indica que uma formação discursiva lida com a dispersão, com a contradição, com a descontinuidade e com a instabilidade, pois onde há poder, há mudança, deslocamentos, há resistência. Temos, então, um conceito que lida com a dispersão, com a instabilidade, pois evidencia que há várias formas de um sujeito se posicionar, por intermédio de seu discurso, diante de uma questão.

Esse conceito indica valores, crenças de um determinado sujeito discursivo, indicando, também, o espaço discursivo em que ele está inscrito e inserido.

As condições ou as possibilidades de produção dos discursos devem ser trazidas à tona quando o assunto em foco é o discurso e a formação discursiva. São essas condições ou possibilidades que evidenciam que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar e que os sujeitos não estão livres para dizer o que quiserem nem para agirem da forma que desejarem: há regras, norma; há, enfim, condições para que discursos sejam produzidos e posicionamentos sejam tomados. Nesse momento, podemos trazer o conceito de memória discursiva. Esse conceito, que aparece em Pêcheux, fortifica a idéia de que o sujeito está inserido na história, que é por ela afetado. A memória discursiva destaca que há um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo e que esse conjunto constitui um corpo sócio-histórico de traços que devem ser levados em consideração durante a análise de discurso. Temos, então, o entrelaçamento entre discurso, formação discursiva e ideológica, interdiscurso, condições ou possibilidades de produção de discurso e memória discursiva. Falta retomarmos um conceito chave para a nossa pesquisa: o sujeito.

O sujeito será abordado como sendo simultaneamente social, histórico, ideológico e inconsciente. O sujeito, sendo considerado dessa forma, traz marcas do social, do histórico, porque é um ser histórico, social, é um ser que está inserido na trama histórica e por isso é afetado por relações de poder. O sujeito é incompleto, heterogêneo, polifônico, dialógico; tem a ilusão do domínio da fala-escrita e a ilusão de ser fonte de seu discurso; não é visto como um sujeito empírico, intencional, soberano, dono de suas palavras e do sentido. Além disso, o sujeito é visto como uma construção, uma “fabricação” histórica; é objeto de saber, de poder e de construção identitária. Ele pode se representar e representar o mundo à sua volta de inúmeras maneiras, pois, como já destacamos, ele é afetado pela História de diferentes formas. É por isso que dependendo de como a História afeta o sujeito, de onde o sujeito fala,

em que momento ele vive e dependendo também de suas crenças, seus posicionamentos podem ser os mais variados possíveis. Importante salientar que ao se posicionar, por meio do discurso, em relação a alguma questão, ele se subjetiva, se mostra, se inscreve em um determinado espaço discursivo. O sujeito, apesar de estar assujeitado a questões de ordens sociais, históricas, ideológicas e econômicas, e, apesar também de haver imposição de conduta, luta, resiste, mostra sua insubmissão em relação a ideologias e costumes ditos dominantes; o sujeito se singulariza. Como já destacamos, por meio da resistência, o sujeito produz discursos sobre si, sobre sua existência, sua maneira de ver o mundo, sobre sua forma de ser e viver e ao produzir tais discursos ele expressa sua subjetivação, sua constituição identitária.

Como aludimos previamente, percebemos que mesmo havendo diferenças entre a maneira de abordar questões e conceitos teóricos entre os autores focados, há consonância, pois, os conceitos dialogam.

Outra questão que importa abordarmos nessa parte de nossa pesquisa – parte essa que visa a destacar a forma que abordaremos os conceitos teóricos – é a questão do autor. Na presente pesquisa, o autor é visto como um constructo social e, assim como o sujeito, não é visto como sendo soberano, dono de suas idéias; o autor é incompleto e heterogêneo. Como já mencionamos, não temos o objetivo de partir da figura do autor para alcançar os objetivos que propomos alcançar. Partiremos dos sujeitos discursivos presentes nos contos, materializados neles; partiremos dos posicionamentos e discursos desses sujeitos. Ou seja, na presente pesquisa, o autor não é considerado o elemento que possibilita a análise do *corpus*.

Para concluirmos, gostaríamos de ressaltar que temos o intuito de analisar o *corpus* deste trabalho partindo da idéia de que a estrutura da enunciação é social, é afetada pelo inconsciente e pelo Outro – sendo esse Outro o encontrado em Revuz e o encontrado em Hall, em Silva e em Woodward; de que não há subjetivismo individualista; de que não há ato

individual puramente interior; de que a consciência e a atividade mental são socialmente determinadas, de que não há ato de criação puro, original e de que o sujeito é um ser social, dialógico, dividido, clivado, afetado pelo inconsciente. Acreditamos que os postulados dos autores que dão base e que sustentam a nossa pesquisa fortificam o que buscamos: mostrar que mesmo a fala de um sujeito (personagem) literário que busca extravasar sentimentos, questões existenciais e pessoais, deve ser considerada dentro de um contexto e de uma determinada situação social¹⁰; mostrar que, por meio dessa fala, um momento sócio-histórico-cultural pode ser percebido pelo analista de discurso e mostrar, também, que todo discurso é afetado por discursos outros (Outros).

¹⁰ O *corpus* literário, por vezes, tende a ser analisado dentro de uma perspectiva subjetivista, individualista. Muitas análises focam a questão existencial de um personagem sem, no entanto, relacioná-la com o contexto social de sua produção, com uma determinada situação social. Percebemos que tanto Bakhtin quanto Pêcheux, Foucault e Authier-Revuz trazem à baila o social para com isso mostrarem que não se pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar e que cada enunciação traz consigo elementos sócio-histórico-ideológicos.

4. CAPÍTULO III

4.1. A Trajetória Analítica: empreitada paradoxal

A interpretação não se limita à decodificação dos signos, nem se restringe ao desvendamento de sentidos exteriores ao texto. Ela é as duas coisas ao mesmo tempo: leitura dos vestígios que exibem a rede de discursos que envolvem os sentidos, que leva a outros textos, que estão sempre à procura de suas fontes, em suas citações, em suas glosas, em seus comentários. Por isso, os sentidos nunca se dão em definitivo; existem sempre aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do deslocamento e da polêmica. (GREGOLIN, 2000a, p. 61).

Após destacar e discorrer sobre os conceitos que constituem referência e dão sustentação à presente pesquisa, temos o intuito, neste terceiro capítulo, de proceder à análise do *corpus* escolhido. Como já deixamos claro, sabemos que o momento no qual nos encontramos é, podemos dizer, paradoxal: angustiante e prazeroso simultaneamente. Angustiante porque temos nossa limitação diante da linguagem, nosso posicionamento específico concernente à análise e nossa maneira de interpretar. Prazeroso, pois o trabalho com as palavras é fascinante, revelador, mágico, visto que *os sentidos* dados às palavras *nunca se dão em definitivo*. Lidamos com palavras postas, materializadas, que dormem tranqüilamente no berço acolhedor (o livro), mas que, no entanto, recebem inúmeros enfoques e olhares – cantamos diversificadas canções para despertá-las, para dar-lhes vida.

Partindo do que foi exposto, buscamos, pelo viés teórico apresentado no capítulo anterior, traçar um caminho de análise dos contos *Terça-feira Gorda*, *Além do ponto* e *Aqueles dois*. Como já destacamos, a hipótese levantada busca afirmar que o discurso homossexual, assim como qualquer discurso, é afetado pela diferença (o Outro). Nossas metas são: perceber de que maneira a temática homossexual tem lugar nos contos, como ela aparece neles; buscar detectar como o preconceito entra nos contos; trazer à tona as diferentes vozes (discursos)

com suas diversas formações discursivas e ideológicas acerca da homossexualidade presentes em diferentes espaços discursivos (os contos escolhidos) para tentarmos, assim, detectar como os sujeitos, por intermédio de seus discursos, significam a questão da homossexualidade e como são significados por ela, como se posicionam diante dessa questão e se constituem sujeitos; analisar as diferentes vozes (discursos) com o intuito de mostrar que não há, nas vozes, uma subjetividade individualista e sim uma subjetividade coletiva já que a natureza das vozes é social e histórica, ou seja, buscamos afirmar que por meio da análise das vozes encontramos uma coletividade, um mundo social: o que não apaga a singularidade dos sujeitos, pois os sujeitos, em sociedade, resistem e mostrar que a diferença (o Outro) é o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso, de sua identidade.

4.2. Terça-feira gorda

A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos. (ABREU, 1982, p. 53).

O conto *Terça-feira gorda* relata uma história de intenso desejo entre duas pessoas do mesmo sexo. Tudo se inicia em uma festa de Carnaval: o primeiro olhar, as sensações, o despertar do desejo, da necessidade de estar com o outro.

De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. (ABREU, 1982, p. 50).

Após a confirmação do interesse entre os dois, o sujeito discursivo passa a descrever sedutivamente a vestimenta do seu desejado e a forma como ele dançava. Nessa descrição, percebemos o envolvimento embriagante entre os dois, a sintonia entre ambos.

Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã, com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulando, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça olhando para mim, cada vez mais perto. (ABREU, 1982, p. 50).

Nesse fragmento, identificamos elementos que fazem parte do mundo místico, do mundo religioso africano e afro-brasileiro (Xangô, Iansã, Oxaguiã, Ogum). Esses elementos – vozes vindas de outros lugares – são rastros de discursos outros. A presença desses elementos indica a inscrição do sujeito na História, o lugar discursivo de onde fala. Podemos, por meio desse trecho, saber um pouco da memória discursiva que possibilita o discurso e a constituição do sujeito. Quando o sujeito faz referência a nomes relacionados a entidades religiosas, vislumbramos que tais nomes apontam para uma valoração positiva do objeto do desejo. No entanto, não há como afirmar qual é a relação existente entre o sujeito discursivo e a religião dada como referência. O que pode ser inferido é que há uma relação, um conhecimento desse sujeito em relação a essa religião e que esse conhecimento é usado para valorizar o outro: o objeto de desejo. Podemos dizer que há a possibilidade de o sujeito discursivo ter o candomblé como religião; de ele acreditar em tais ritos religiosos; de ele ter conhecimento dos ritos existentes nessa religião. Enfim, como já afirmamos, há uma relação entre a religião e o sujeito discursivo e o que para nós é de fundamental importância é que por meio dessa relação começamos a vislumbrar como tal sujeito se inscreve na História, no mundo. Sabendo que toda palavra se insere em uma formação discursiva (doravante FD), temos, então, mais alguns vestígios da FD na qual o sujeito enunciativo se inscreve. Dizemos que temos mais alguns

vestígios partindo do ponto de que os primeiros vestígios apareceram no olhar desse sujeito discursivo para o outro. Relevante destacar que quando dizemos *alguns vestígios* e *os primeiros vestígios da FD* não temos o intuito de afirmar que o sujeito discursivo pertença a apenas uma FD, pois:

uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente “invadida” por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de “preconstruídos” e de “discursos transversos”. (PÉCHEUX, 1990, p. 314).

Uma FD *agrupa toda uma população de acontecimentos enunciativos* (FOUCAULT, 2000, p. 106) e é por intermédio desses *acontecimentos enunciativos* que passamos a ter a chance de perceber os valores defendidos por um sujeito, suas crenças, seus costumes, suas formas de significar o mundo e tudo o que está à sua volta. Retomando o enunciado retirado do conto e considerando o que foi dito, vemos que a maneira de o sujeito discursivo olhar para seu objeto de desejo é específica, determinada e tanto o olhar, a forma de descrever o outro, quanto a maneira de fazê-lo existir revelam a constituição do sujeito, sua inscrição no mundo e indicam que o sujeito é por excelência dialógico, heterogêneo. Vemos aqui a confirmação tanto dos postulados bakhtinianos concernentes à idéia de dialogismo, de diferentes vozes, de *pluralidade de “eus”* existentes em um sujeito, quanto das considerações de Authier-Revuz acerca da heterogeneidade enunciativa, pois, encontramos no discurso desse sujeito um discurso outro (religioso) que o constitui.

O que é interessante destacar é que o sujeito discursivo, por meio do discurso, apresenta o seu amado fazendo uso do discurso outro. Para tal sujeito, o sujeito que está sendo observado é Xangô, é Iansã, é Oxaguiã e é Ogum Beira-Mar: figuras envolventes, que têm o poder de “embriagar”, de seduzir e de envolver, enfim. O discurso proferido nos remete a um outro espaço discursivo, sendo que é por meio desse outro espaço discursivo que passamos a buscar

o entendimento do discurso primeiro. No dicionário Aurélio eletrônico, século XXI, Xangô é *o quarto rei lendário de Oyo (África), tornando orixá de caráter violento e vindicativo, cuja manifestação são os raios e os trovões*. Para bem entendermos o que seria Xangô, somos levados a buscar a definição de orixá. Segundo o mesmo dicionário, orixá é: *entre os iorubas e nos ritos religiosos afro-brasileiro, como o candomblé, a umbanda, etc., personificação ou deificação das forças da natureza ou ancestral divinizado que, em vida, obteve controle sobre essas forças*. Novamente partimos para outra definição; nesse momento, a de ioruba. Ioruba é *povo negro do grupo sudanês da África Ocidental, que vive no sudoeste da Nigéria, em Benim e em Togo*. Além de o sujeito discursivo se referir ao sujeito que está sendo observado como Xangô, ele o nomeia Iansã, Oxaguiã e Ogum. Vejamos, pois, um pouco sobre esses elementos. Iansã, segundo o Aurélio eletrônico, século XXI, é um *orixá feminino cuja epifania (aparição ou manifestação divina) são os eventos, raios e tempestades; sincretizado com Santa Bárbara é o único orixá que enfrenta e domina os eguns*. Como percebemos, Iansã nos remete a eguns. Eguns, segundo o mesmo dicionário, é *espírito de antepassado que recebe oferendas e é invocado em certas cerimônias especiais*. Outra figura, como já aludimos, presente no discurso do sujeito aqui em foco é a de Oxaguiã. Oxaguiã ou oxaguinhã é *uma forma jovem e guerreira de Oxalá. Oxalá é a alta divindade entre os orixás jeje-nagôs (quem vem do Sudeste da República do Benim), abaixo apenas de Olorum. Olorum é o deus supremo, entre os iorubas, que mora no Orum, o Além, o Infinito*. Por fim, temos a figura de Ogum sendo evocada. Essa figura é um *orixá a quem se atribui a transmissão da técnica da metalurgia do ferro aos homens, e que no Brasil é cultuado mais por sua belicosidade; na umbanda, é protetor das demandas jurídicas dos fiéis*. Por intermédio dessas definições, começamos a mostrar como o sujeito discursivo vê o seu objeto de desejo, como ele o representa: como um rei, um orixá violento e que luta bravamente; como fortaleza; como aquele que está no controle, dominando-o; como uma lenda; como, enfim, um deus.

Dando seqüência, ao descrever a aproximação, a atração e sedução, vemos que o sujeito discursivo, mesmo estando em meio à multidão (estavam em uma festa de Carnaval), não via ninguém a não ser o seu Xangô. *Eu estava suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele* (ABREU, 1982, p. 50). Tomando essa passagem, percebemos que o sujeito, antes de encontrar aquele que lhe fez sentir desejo, aquele que lhe despertou sentimentos de vontade, percebia a presença de todos os outros que estavam a dançar suados na festa. O sujeito discursivo encantou-se profundamente com o outro e por meio desse encantamento todas as outras pessoas que faziam parte da história, que estavam ali, no mesmo local a dançar, passaram a não existir, a não fazer diferença: todos os seus olhares estavam voltados para o outro, para seu objeto de desejo. Para mostrarmos que a identificação, em se tratando de desejo, entre o sujeito discursivo que relata a história e o sujeito que estava a ser observado foi tanta, destacamos mais um pouco da declaração feita por esse sujeito discursivo.

Eu já o tinha visto antes, não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares, num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali. Mas não lembraríamos antes de falar, talvez também nem depois. (ABREU, 1982, p. 50).

Interrompendo, brevemente, o discurso desse sujeito, gostaríamos de destacar que as declarações dele nos remetem a discursos que circulam na sociedade quando o assunto em foco é a atração, o desejo e até mesmo o afeto e o amor. As vozes ouvidas na sociedade, geralmente, fazem referência ao amor entre duas pessoas de sexos diferentes, ou seja, ao amor heterossexual: o que não acontece no contexto discursivo em que estamos, pois, nesse contexto, tais vozes se referem a um outro tipo de amor; se referem ao amor entre duas pessoas do mesmo sexo, ou seja, ao amor homossexual. Vejamos, pois, tais vozes, discursos.

É comum ouvirmos, quando alguém está contando sobre como um relacionamento começou, as seguintes expressões: desde o início percebi que ele/ela era minha *alma gêmea*; foi *amor à primeira vista*; *é o homem da minha vida* ou *é a mulher da minha vida*; nossos *destinos* já estavam *traçados*, *fomos feitos um para o outro*. Tais expressões podem ser ouvidas implicitamente nas palavras proferidas pelo sujeito discursivo do conto *Terça-feira gorda*, o que nos indica que tal sujeito está inserido em um espaço sócio-histórico-ideológico. O que é crucial mencionarmos é que tais expressões são re-significadas, são apresentadas dentro de um contexto amoroso diferente da do amor heterossexual, ou seja, o sujeito discursivo que relata a história nos mostra que não significa a homossexualidade de uma forma preconceituosa, negativa: a homossexualidade é vista como uma questão de desejo, de amor, assim como acontece entre casais heterossexuais. Percebemos que o sujeito, ao deslocar essas vozes para um contexto amoroso diferente do heterossexual, dá a elas um sentido outro, um sentido que põe em igualdade o amor homossexual com o amor socialmente considerado padrão. Começamos a vislumbrar a possibilidade de afirmarmos que o posicionamento do sujeito discursivo, aqui em foco, não traz o preconceito, pois descreve sua aproximação da mesma forma como aproximações de casais heterossexuais são descritas. No entanto, é essencial destacarmos que ao buscar igualar a forma como aproximações de casais heterossexuais e de casais homossexuais acontecem, o sujeito discursivo é afetado tanto pelo Outro (inconsciente) quanto pelo Outro (diferença): ele está sendo constituído pela sua outridade (a questão heterossexual).

Após termos conseguido detectar as primeiras evidências que indicam um posicionamento específico diante da questão da homossexualidade, importa mencionar que só conseguimos detectar essas vozes por meio do elemento discursivo que fala antes, o já-dito, o pré-construído, ou seja, por meio do interdiscurso. Por intermédio do interdiscurso aspectos sociais que estão postos, materializados e que fazem parte da memória discursiva de uma

sociedade podem ser percebidos. É no interdiscurso que podemos encontrar vestígios, pistas sobre a memória discursiva em um sujeito. Como já declaramos, tomando como base as considerações de Pêcheux, a memória discursiva marca o sujeito, mostra sua inscrição na História e aponta para seu lugar discursivo. Assim sendo, a memória discursiva é um dos elementos basilares para buscarmos o funcionamento dos discursos e sua produção. É importante destacar que quando consideramos a memória discursiva como tendo um estatuto social percebemos que tal memória *corrobora para a constituição de um conjunto complexo e preexistente ao organismo, e não se inscreve na esfera individual do sujeito psicológico* (FERNANDES, 2004, p. 111). Temos, então, a inter-relação entre discurso, História e memória, e, por meio dessa inter-relação, podemos encontrar efeitos de sentidos, sentidos múltiplos, infindáveis. Destacada a questão da subjetividade coletiva e não psicologizante, damos continuação à análise do discurso, da constituição do sujeito discursivo em questão.

Dando seqüência ao seu discurso, esse sujeito nos leva a imaginar a cena em que os dois, sujeito que está a relatar a história e o outro, se tocam; a cena em que realmente se encontram.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. Ele encostou o peito suado no meu. (ABREU, 1982, p. 51).

Nessa passagem, que é bastante visual, vemos uma aproximação gostosa, dançante acontecendo. Um dançando e o outro acompanhando; um espelho do outro. Uma aproximação entre duas pessoas, dois seres humanos que se mostram atraídos e fisgados pelo desejo de se encontrarem, pela vontade de se tocarem. Importante destacar a última frase da cena citada: *Ele encostou o peito suado no meu*. Temos aqui a primeira revelação explícita de que os dois seres que querem se conhecer são homossexuais. *Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos molhados se misturavam*. (ABREU, 1982, p. 51). Nessa passagem, outra revelação explícita da

homossexualidade. Temos, diante de nós e diante de todos aqueles que estavam aproveitando a festa de Carnaval, um casal homossexual que se abraça e se deseja publicamente. Os dois, já tocados um pelo outro, buscam, na linguagem, a continuação da sedução e da aproximação. O sujeito descrito se apresenta também como sendo discursivo. *Ele encostou a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse.* (ABREU, 1982, p. 51). Percebemos aqui que as primeiras palavras que foram proferidas entre os dois foram proferidas pelo sujeito até então contemplado, descrito; pelo sujeito que começou o jogo de sedução. Por meio dessa pequena frase *Você é gostoso*, o sujeito descrito e que passa a ser discursivo também explicita seu desejo diante daquele que desde o início o descrevia, ou seja, temos aqui a real confirmação de que a sintonia era mútua, recíproca. O sujeito que relata a história retoma seu discurso e nos mostra, em uma passagem muito forte, seu posicionamento diante da homossexualidade. Deixemos, pois, o sujeito falar.

E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também. (ABREU, 1982, p. 51).

Eis um envolvimento físico e de desejo entre os dois homens, entre duas pessoas do mesmo sexo. Vemos a importância de, nesse momento, voltarmos nossos olhares sobre a palavra *bicha*, palavra que foi proferida pelo sujeito discursivo. Sabemos, pois somos seres sociais, históricos e culturais, que a palavra *bicha* suscita sentidos pejorativos socialmente, sentidos que buscam mostrar que um homem não tem as características que dizem que o Homem deve ter: firmeza, robusteza, segurança. No dicionário Aurélio eletrônico, século XXI, encontramos que *bicha* é um homem efeminado, um homem que é dado a modos e maneiras femininas; é o homem que é homossexual; *bicha* é um homem excessivamente delicado, mole, brando, pusilânime. Temos diante de nós uma palavra que traz em sua carga

semântica uma representação pejorativa do homossexual, pois, como vimos, *bicha* é o não-homem. Fica clara, perante a definição do que é *bicha*, a significação atribuída a homossexual: efeminado, delicado, pusilânime. Deparamo-nos, partindo do proferimento da palavra *bicha*, com uma formação discursiva que aponta para a forma de ver e de interpretar o homossexual, e, partindo dessa maneira de ver e de interpretar, poderíamos dizer que a natureza do homossexual é dada como delicada, como efeminada, mole e branda. Essa é, pois, uma maneira de significar, de representar e de se posicionar diante da questão da homossexualidade: maneira que esteve presente no contexto histórico do Brasil da década de 1970 e da de 1980 e que ainda, no século XXI, faz parte das várias formas de se abordar essa temática.

Ao retomarmos o discurso do sujeito em foco, encontramos a possibilidade de significar o homossexual diferentemente: como não sendo um homem efeminado, delicado, mole, pusilânime. O homossexual, para o sujeito discursivo, não é visto dessa forma. Ele é visto sim como um corpo, como um ser humano, como uma pessoa qualquer. Temos aqui a desmitificação do homossexual efeminado, delicado e fraco. O sujeito discursivo, ao dizer que o sujeito descrito não parecia *bicha* nem nada e que ele era apenas um corpo que por acaso era de homem, se insere em uma outra FD, uma FD que nos mostra que o posicionamento de tal sujeito diante do que possa ser o homossexual não é preconceituoso, não traz em si a discriminação. No entanto, mesmo estando o discurso desse sujeito inserido em uma FD que indica uma forma de significar a homossexualidade que não seja negativa, preconceituosa, esse sujeito, por intermédio do proferimento da palavra *bicha*, traz, inconscientemente, para seu discurso o preconceito, a discriminação. Como já aludimos, esse sujeito busca se distanciar de discursos que significam a questão homossexual de uma forma pejorativa, negativa, mas, pelo fato de sempre haver tensão e embate nas relações; pelo fato de o sujeito ser incompleto, inconsciente; pelo fato da inconsciência do sujeito o fazer falhar, o fazer dizer

o que não quer dizer, o fazer se contradizer, e pelo fato de o sujeito materializar, em seu discurso, manifestações que escapam de sua vontade consciente, manifestações que revelam que o sujeito vive em uma constante tensão e em um infundável embate com discursos que ele, ilusoriamente, busca eliminar de seus dizeres, ele se mostra afetado por esses discursos. Estamos diante tanto do Outro em Authier-Revuz quanto da diferença: exterior constitutivo do sujeito, do seu discurso e de sua identidade. O Outro, em Revuz, *é sempre onipresente e está em toda parte* (REVUZ, 2004, p. 21) e *ele não é um objeto (exterior, do qual se fala,) mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso* (REVUZ, 2004, p. 69) e a diferença *é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”* (WOODWARD, 2003, p. 41) e, ao mesmo tempo que separa identidades e estabelece distinções entre elas, a diferença as constitui. O sujeito discursivo, aqui em foco, está sendo afetado pelo discurso outro, pela sua diferença, pois, como pontua Hall (2003), a diferença é aquilo que é deixado de fora e que a identidade requer: a diferença é o exterior que constitui a identidade. Vislumbramos que esse sujeito discursivo está na tensão, no embate, entre o preconceito e o não preconceito. Ele está se constituindo nessa tensão.

Importa destacarmos que a questão do preconceito entra neste conto por meio do discurso do sujeito discursivo homossexual que relata a história. Vale dizer, nesse momento, que não é porque o sujeito discursivo é homossexual que seu discurso será desprovido de preconceito, pois, como vimos, o sujeito é e está sendo constituído por diferentes discursos que trazem diferentes nuances em relação à questão homossexual; esse sujeito está sendo afetado por discursos outros, pela sua diferença. Levando em consideração o que foi levantado, começamos a vislumbrar a confirmação da hipótese dessa dissertação, pois mesmo o sujeito homossexual materializando um discurso que aponta para o não preconceito diante da

homossexualidade ele não deixa de ser afetado por discursos que apontam para seu oposto, ou seja, ele é afetado pela diferença e, assim sendo, podemos dizer que não há a possibilidade de haver separações estanques, totalmente dicotômicas, entre os mais variados posicionamentos, pois esses posicionamentos se afetam e ao se afetarem se constituem mutuamente.

Seguindo seu percurso, o sujeito discursivo continua a dar foco ao desejo mútuo, ao desejo compartilhado pelos dois e nos mostra a profunda vontade de estarem um na frente do outro, a sós, sem ninguém ao redor.

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol. Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. (ABREU, 1982, p. 51).

Nessa passagem, há uma interação verbal entre os dois sujeitos desejan-tes: um fala, o outro responde; um diz que quer e o outro também. Essa interação, aponta, uma vez mais, para a cumplicidade entre ambos, para a louca vontade de estarem juntos. Fica evidente que os dois se querem, se desejam. E há evidência também da liberdade entre ambos, liberdade no sentido de terem, publicamente, a coragem de se aproximarem um do outro, dizerem palavras fortes (ambos disseram: *quero você, mas quero você agora já neste instante imediato*) e de se tocarem (ambos se tocaram: *passou a mão pela minha barriga; passei a mão pela barriga dele; apertou, apertamos*). Os sujeitos, nessa passagem, declaram explicitamente a vontade de estarem juntos. Percebemos que os dois sujeitos, por estarem totalmente envolvidos, esquecem-se de que estão em uma festa de Carnaval, em um lugar público que traz formações discursivas que não permitem tudo; há coerções; há limites impostos socialmente. Percebemos que a reação à ação dos dois sujeitos – estavam a se apertarem, a se tocarem, enfim, eles haviam começado o “ritual” de uma relação sexual – é imediata. Um sujeito

discursivo que fazia parte da festa aparece. *Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora.* (ABREU, 1982, p. 51). Por meio desse enunciado, os sujeitos, que se desejavam e que estavam se tocando, não passavam de *loucas*. Importante dizer que o proferimento da palavra *loucas* nos remete a outra palavra: *bicha*. E, como já destacamos, temos, levando em consideração o contexto imediato da enunciação e o contexto social como um todo, palavras com carga semântica negativa, pejorativa. E é por intermédio dessa pequena frase – *ai-ai, olha as loucas* – que passamos a analisar a voz desse sujeito discursivo.

Antes de analisar a voz do “novo” sujeito discursivo, é crucial mencionarmos que esse sujeito não estava sendo esperado, pois, como vimos, os dois sujeitos que se olhavam, se flertavam, se seduziam e se tocavam, estavam declarando o desejo e a vontade de estarem juntos naquele instante. Como já aludimos, os dois perdem a noção de espaço e se colocam em perigo: esquecem-se de que estão em um lugar público onde diferentes sujeitos com diferentes crenças e valores estão presentes; esquecem-se de que há sujeitos que não aceitam, que condenam profundamente a homossexualidade, enfim, esquecem-se de que vivem em sociedade. Vislumbramos que os dois sujeitos homossexuais têm, podemos dizer, uma atitude romântica, uma atitude que aponta para o desejo profundo que eles têm de poderem se declarar publicamente, de se relacionarem em público e de não chamarem atenção. Essa atitude leva em consideração apenas o desejo dos dois, desejo que busca a total liberdade. Como vimos, a idéia de viver plenamente a liberdade de expressão e de escolha e a idéia de que todos são iguais não se concretizam, pois, um espaço sócio-histórico-ideológico é marcado por diferenças, por contradições, não havendo, assim, a possibilidade de se viver plenamente uma liberdade e direitos de expressão a não ser pelo enfrentamento, pelo embate.

Pautando-nos no que foi destacado, retomamos a voz do sujeito discursivo de *ai-ai, olha as loucas*, para analisá-lo. Esse sujeito, ao ver os dois sujeitos homossexuais se tocarem, reage diante desse envolvimento dizendo *ai-ai, olha as loucas*. Deparamo-nos, levando em

consideração essa frase, com um posicionamento que aponta para o preconceito, para a discriminação, para a rejeição em relação à homossexualidade, apontando também para um conjunto de vozes sociais que reprovam, não aceitam, não admitem e condenam o amor entre dois seres humanos do mesmo sexo. Quando tal sujeito se aproxima do casal e diz o que diz, ele nos indica sua inscrição em dada FD, sua formação ideológica, suas crenças e valores concernentes à homossexualidade e fortifica a noção da memória como estatuto social e a noção de que a subjetividade, mesmo estando em um sujeito e mesmo havendo a singularidade, faz parte de uma coletividade, do social. Vemos a necessidade de nos atermos um pouco mais sobre a subjetividade coletiva. Faremos isso, voltando nossos olhares para o arcabouço teórico apresentado no capítulo anterior. Claro que, nesse momento, não traremos à baila tudo o que já foi dito, mencionado, materializado. No entanto, buscamos reiterar que todos os postulados, considerações e conceitos presentes no capítulo teórico desta dissertação nos levam a uma melhor compreensão do que possa vir a ser subjetividade de natureza coletiva.

Retomando o conceito de discurso, seja ele pecheuxtiano ou foucaultiano, nos deparamos com um elemento comum, um elemento-chave para entendermos qual é a natureza do discurso: é algo que é proferido e que articula a língua com a História. Percebemos que a História é esse elemento-chave, base; é um elemento que não pode ser deixado de lado. Quando retomamos considerações acerca do discurso, temos que, inevitavelmente, retomar o conceito de sujeito, pois é o sujeito que manifesta o discurso. Tanto Pêcheux, Foucault quanto Authier-Revuz – pensadores a quem recorreremos para a edificação e sustentação de nosso trabalho – teceram, como vimos, considerações e posicionamentos diante do que possa vir a ser o sujeito. Encontramos, assim como encontramos nas considerações acerca do discurso, um elemento-chave, base entre todos os postulados concernentes ao sujeito: o sujeito é histórico; faz parte da História, se insere e se inscreve na História, em um momento sócio-

histórico-ideológico determinado, específico. Toda análise, dentro do campo epistemológico da AD, para que tenha prestígio e para que possa ser levada a sério, tem que indicar a presença e a importância da História.

Tendo isso posto, podemos considerar que não há em nenhum sujeito e em nenhum discurso uma subjetividade individual, uma subjetividade psicologizante. Há, pois, uma subjetividade de natureza coletiva, uma subjetividade que indica vozes sociais, que indica que tudo o que é dito só é possível em um contexto sócio-histórico-ideológico determinado. Podemos, assim, reiterar a seguinte consideração: quando um sujeito faz uso da linguagem (discurso) ele traz em seu discurso, implícita ou explicitamente, uma coletividade, uma historicidade, pois, como vimos, nenhum sujeito surge do nada, nenhum sujeito é dono de suas palavras, origem de seu dizer; todo sujeito se insere e se inscreve em um momento social, histórico e ideológico, assim como todo discurso. Temos, pois, a negação de uma subjetividade que possa ser a de um indivíduo, que possa ser analisada isoladamente como detentora de um sentido único e verdadeiro: temos a subjetividade coletiva, subjetividade possuidora de historicidade. Entretanto, mesmo não havendo uma subjetividade individual e psicologizante, o sujeito se singulariza, se mostra, defende o que acredita, dá opinião... Como mencionamos, o embate, a tensão, a resistência fazem parte das relações sociais: ao resistirem os sujeitos se singularizam e indicam *a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte* (REVEL, 2005, p. 74).

Após o enfoque dado à subjetividade coletiva, enfoque que se fez importante pelo fato de termos nos deparado com uma voz (*ai-ai, olha as loucas*) que é de um indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia; uma voz que não pode ser tomada isoladamente; uma voz que, ao trazer uma representação do homossexualismo, mostra que tal representação não é a de um único sujeito, de um ponto de vista, de sua forma de ver tal questão. Tal representação, trazida pela voz (discurso) desse sujeito, aponta para a maneira que um grande número de sujeitos

sociais, históricos, ideológicos e inconscientes olham e tecem considerações em relação ao homossexualismo. Temos, pois, uma voz que faz parte de uma coletividade, uma voz que representa um posicionamento de uma grande parte da sociedade brasileira acerca da homossexualidade. Encontrar indícios no próprio texto (no conto que por ora analisamos) de que a fala *ai-ai, olha as loucas*, não pode ser vista como sendo a de um único sujeito. Ao darmos continuidade à análise do conto, encontramos, logo após o proferimento da fala destacada acima, a seguinte frase: *Em volta, olhavam*. (ABREU, 1982, p. 51). Os sujeitos que estavam ali, naquela festa de Carnaval, voltaram suas atenções para o casal que estava a se tocar. Notamos que, mesmo não havendo o uso da linguagem verbal por parte dos sujeitos que observavam o casal, os olhares dos sujeitos observadores indicam possíveis posicionamentos diante do amor entre dois homens: acham estranho; vêem tal atitude (a de dois homens querendo ficar juntos) como não fazendo parte das regras e costumes sociais; não aprovam; condenam tal atitude. É preciso ficar claro que podemos lançar apenas hipóteses acerca dos posicionamentos dos sujeitos que olhavam para o casal homossexual. No entanto, mesmo não podendo afirmar qual ou quais são esses posicionamentos¹¹ – aqui estamos lidando com os entremeios – podemos afirmar que tais posicionamentos carregam algo negativo, carregam um certo desconforto diante dos homossexuais, carregam, pois, um certo preconceito. E, como dissemos a pouco, tanto *ai-ai, olha as loucas*, quanto *em volta olhavam*, nos levam a perceber que os sujeitos compartilham de uma visão de mundo parecida, uma visão que mostra a não aceitação diante de dois sujeitos do mesmo sexo que querem ficar juntos. Vislumbramos a fortificação da noção de subjetividade coletiva em detrimento de uma subjetividade individual, psicologizante.

¹¹ Ao buscarmos detectar o posicionamento ou os posicionamentos dos sujeitos que olham, observam o casal homossexual, nos deparamos com a impossibilidade de indicarmos, com precisão, tal ou tais posicionamentos. Primeiramente, porque não sabemos muito sobre tais sujeitos; não sabemos quase nada sobre suas formações discursivas, suas memórias discursivas. Em segundo lugar, estamos lidando com sujeitos e ao lidarmos com sujeitos estamos lidando com a complexidade, com a multiplicidade. O que buscamos com essa explicação é mostrar que podemos perceber que os sujeitos observadores vêem o homossexualismo com um certo preconceito. O que não podemos afirmar, com certeza, é a intensidade de tal preconceito.

Após mencionarmos o que mencionamos, surge a seguinte pergunta: por que esse sujeito diz o que diz?; por que os sujeitos em volta olhavam? Por intermédio de *ai-ai, olha as loucas* e sabendo que em volta olhavam, percebemos que os sujeitos estão sendo afetados pelo casal homossexual que, como dissemos, perde um pouco a noção de espaço, esquece-se de que há regras, limites em um espaço público e, assim, abre caminho para que os sujeitos que estavam em volta reagissem. No entanto, mesmo havendo regras, limites no âmbito social, tais sujeitos se mostram sendo afetados pelo outro, pela diferença (exterior constitutivo) – pelo casal homossexual: a questão homossexual afeta e constitui esses sujeitos discursivos. Vemos que, no processo de constituição de sujeitos, o outro (a diferença) aparece como sendo constitutivo, como sendo elemento basilar para que a construção da identidade aconteça e novamente podemos retomar o que foi levantado na hipótese.

Depois de focadas as vozes dos sujeitos que estavam em volta a olhar o casal, seus possíveis posicionamentos em relação ao homossexualismo e depois de destacarmos que esses sujeitos estão sendo afetados pelo outro, pela diferença, continuamos nossa empreitada analítica.

Entreaberta, a boca dele veio se aproximando da minha. Parecia um figo maduro quando a gente faz com a ponta da faca uma cruz na extremidade mais redonda e rasga devagar a polpa, revelando o interior rosado cheio de grãos. Você sabia, eu falei, que o figo não é uma fruta mas uma flor que abre para dentro. O quê, ele gritou. O figo, repeti, o figo é uma flor. Mas não tinha importância. (ABREU, 1982, p. 51).

O que temos, tomando essa passagem como ponto de reflexão, é a continuação do jogo de sedução entre os dois que estavam sendo observados, analisados pelos olhares alheios. Averiguamos que o casal não cessa a aproximação que vinha acontecendo desde o momento em que os olhares se entrecruzaram e cada vez mais se esquecem de que há limites no âmbito social. Os dois não se sentiram intimidados pelo fato de estarem chamando a atenção de

todos, de serem alvo de olhares cheios de significados. Podemos dizer que o casal ignora os outros, uma vez que, como vimos, o que realmente interessa a ele é a presença do outro, a aproximação, o conhecer. Temos, pois, a continuação da aproximação, e, dessa vez, o sujeito discursivo faz uso de uma metáfora envolvente e muito sedutora: compara a boca do companheiro a um figo maduro e diz que figo não é uma fruta, mas sim uma flor. Temos o seguinte efeito de sentido: a boca sendo vista como uma flor. E sabemos, pois somos sujeitos sociais, que a palavra flor traz em si aspectos relacionados à doçura, ao frescor, à beleza, ao encanto, à formosura, à sedução. Os dois estão totalmente seduzidos, totalmente embriagados um pelo outro.

Depois de o sujeito discursivo ter usado as palavras de uma forma bonita e envolvente, como arma para seduzir, o outro sujeito, já bastante extasiado e envolvido, oferece droga ao sujeito que relata a história. O sujeito que relata a história tenta, de início, rejeitar a substância alegando que queria sua lucidez. Mas, o fato de pensar que a droga esteve dentro da sunga, no meio dos *pentelhos* do outro, fez com que aceitasse a substância. O desejo fala mais alto. Deixemos que as palavras dos dois mostrem o que estamos tentando materializar nesse momento.

Ele enfiou a mão dentro da sunga, tirou duas bolinhas num envelope metálico. Tomou uma e me estendeu a outra. Não, eu disse, eu quero minha lucidez de qualquer jeito. Mas estava completamente louco. E queria, como queria aquela bolinha química quente vinda direto do meio dos pentelhos dele. Estendi a língua, engoli. (ABREU, 1982, p. 52).

Quando damos seqüência à leitura, percebemos que o casal não deixou de ser alvo em momento algum. Cada vez mais estavam sendo observados, olhados, encarados. Por meio da passagem que iremos destacar, vemos que os sujeitos não se contentaram em apenas olharem o casal; eles começaram a empurrá-lo. E esse ato nos indica muito, nos indica mais sobre a forma como tais sujeitos significam o homossexualismo: algo errado, estranho.

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos. Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar. (ABREU, 1982, p. 52).

Novamente, assim como ocorreu com o primeiro sujeito discursivo que se posicionou contrariamente à atitude dos dois seres que se aproximavam, nos deparamos com vozes (discursos) vindas de sujeitos discursivos diferentes que revelam a forma como tais sujeitos se posicionam diante da homossexualidade. Além de o casal ter escutado o pronunciamento de *ai-ai, olha as loucas*, em uma voz uníssona, ele também escutou: *veados*. Tomando a palavra *veados*, fica clara a forma como os sujeitos discursivos que a utilizaram significam a homossexualidade. Sabemos, por estarmos inseridos em um espaço sócio-histórico-ideológico, que a palavra *veados* é grosseira, baixa, rude. Sendo assim, percebemos que ao dizer tal palavra os sujeitos discursivos exprimiram seu preconceito, sua discriminação e sua condenação diante do casal. Os dois, depois de se aproximarem vagarosamente, decidiram sair do local onde a festa acontecia e onde as outras pessoas os olhavam incessantemente. É importante dizer que antes do desejo próprio de saírem do local da festa houve a condenação. Ou seja, saíram, primeiramente, porque perceberam que o clima estava começando a pesar; perceberam que não eram bem-vistos no local: os dois saíram pela necessidade e não por vontade própria. Usando do bom senso, o casal decidiu se direcionar para outro lugar: para a praia, lugar mais calmo onde poderiam, quem sabe, ter mais privacidade.

A música era só um tumtutum na cara o vento frio do mar. Eu olhei para cima e mostrei olha lá as Plêiades, só o que eu sabia ver, que nem raquete de tênis suspensa no céu. Você vai pegar um resfriado, ele falou com a mão no meu ombro. Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido não usar máscara, ainda mais no carnaval. (ABREU, 1982, p. 52).

Essa passagem, que nos faz imaginar o caminhar dos dois sobre a areia, é bastante reveladora. Primeiramente porque traz elementos que fazem parte da FD do sujeito que relata a história, de sua formação ideológica e de sua memória discursiva – um sujeito que gosta de ver as Plêiades; um sujeito que lê – *olha lá as Plêiades; lembrei que tinha lido em algum lugar* e, em segundo lugar, porque indica questões sócio-histórico-ideológicas que apontam para padrões existentes na sociedade e para valores que circulam socialmente. Que questões são essas? Que padrões e valores são esses? Começamos, então, a buscar possíveis caminhos para os questionamentos levantados. Quando lemos a passagem a pouco citada, nos deparamos com a seguinte frase: *Foi então que percebi que não usávamos máscara*. Como sabemos que era Carnaval, somos levados a significar *máscara* como sendo aquele objeto que representa uma cara, ou parte dela, que tem como finalidade cobrir o rosto para disfarçá-lo, para encobertá-lo. Conseguimos chegar a tal significação por meio da nossa memória discursiva, memória histórica, pois, no momento histórico em que nos encontramos, século XXI, o uso de máscaras no Carnaval não é uma constante, não é mais uma tradição. Por meio dessa frase, podemos também retomar a festa de Carnaval e afirmar que os sujeitos que ali estavam dançando e se divertindo usavam máscaras. No entanto, não podemos parar por aí. O discurso do sujeito que relata a história prossegue e, assim sendo, temos que prosseguir também. *Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara*. Deparamo-nos com uma significação outra para *máscara*, uma significação que aponta para um efeito de sentido e que aponta para valores e crenças existentes na sociedade. *Máscara* aqui não é mais o objeto usado para cobrir o rosto. *Máscara*, continua cobrindo, ocultando, disfarçando, mas não somente o rosto e sim valores, crenças, formas de significar questões sociais.

Diante desse mascaramento, podemos retomar e reafirmar o que está posto no início da nossa pesquisa: um espaço sócio-histórico-ideológico é marcado por diferenças, por contradições; há, nesse espaço, embate, tensão o que indica que o sujeito vive na dimensão do conflito; não há, em momento algum, homogeneidade, pois, como vimos, a diferença é constitutiva dos sujeitos.

É crucial, nesse ponto da presente dissertação, destacarmos que a problemática maior vivida pelo casal do conto e também por inúmeros casais que fazem parte da vida real, que vivem em uma cidade qualquer do Brasil é a da sexualidade. Na década de 1970 e 1980, assim como ainda hoje, encontramos um modelo de comportamento, de conduta e de escolha. No entanto, como já aludimos, há tensão, embate, resistência nas relações sociais e, em consequência disso, há deslocamentos. Percebemos que, por estarem envolvidos na tensão, no embate e por resistirem, os sujeitos são afetados de formas diferentes pela História, pelas questões sociais e ideológicas. Vislumbramos que assim como há discursos que buscam ressaltar e fortalecer padrões impostos socialmente, há aqueles que apontam para outra direção. Por isso, por não haver a homogeneidade, encontramos, em relação à sexualidade (problemática maior do espaço discursivo que estamos analisando), discursos que mostram que *a nossa sexualidade é produto de condições históricas específicas, que o sentido de gênero é principalmente construído, e não determinado biologicamente* (SPENCER, 1999, p. 10). Sentimos que a questão do modelo de conduta, das normas sociais existentes e que estão postas socialmente são, assim como a sexualidade, produto de condições históricas específicas. O que temos são construções; construções que podem ser (des)construídas. Retomemos, após tais considerações, a passagem citada. *Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval.* O discurso do sujeito que relata a história se finda assim. Que ironia, não? Ser proibido ou perigoso não usar máscara no Carnaval, período que traz em si a liberação, a liberdade, o aproveitar. Averiguamos, levando

em consideração as palavras desse sujeito, que o casal homossexual se surpreende de não estar usando máscara, de não estar ocultando e disfarçando tanto o rosto quanto as atitudes, as vontades, os desejos. O casal sente o perigo da situação e começa a perceber que não é porque se prega a igualdade, a liberdade de todos que isso será vivido plenamente. A sociedade, indiferente da época, é marcada por diferenças, por contradições: enquanto uns ousam se desmascararem correndo riscos, há os que não abrem mão da máscara.

Dando continuidade à análise, vemos que após a revelação do não uso da máscara pelo casal homossexual e depois de percebermos o efeito de sentido que esse não uso traz, os dois fazem uso, mais uma vez, de droga. Na citação abaixo, além do uso de droga, somos levados a perceber algo concernente à FD do sujeito que, na maioria das vezes, se encontra calado no conto: ele também tem alguma ligação com o misticismo, com religiões afro-brasileiras.

A mão dele apertou meu ombro. Minha mão apertou a cintura dele. Sentado na areia, ele tirou da sunga mágica um pequeno envelope, um espelho redondo, uma gilete. Bateu quatro carreiras, cheirou duas, me estendeu a nota enroladinha de cem. Cheirei fundo, uma em cada narina. Lambeu o vidro, molhei as gengivas. Joga o espelho para Iemanjá, me disse. O espelho brilhou rodando no ar, e enquanto acompanhava o vôo fiquei com medo de olhar outra vez para ele. Porque se você pisca, quando torna a abrir os olhos o lindo pode ficar feio. Ou vice-versa. Olha pra mim, ele pediu. E eu olhei. (ABREU, 1982, p. 52).

Podemos dizer que o sujeito que quase sempre não faz uso das palavras tem uma ligação com o misticismo e com religiões afro-brasileiras porque profere *Iemanjá*. *Iemanjá*, de acordo com o dicionário Aurélio, século XXI, é *iabá fluvial iorunbana, que, no Brasil, se sincretizou com a sereia européia e com alguns mitos hídricos ameríndios (por exemplo, a iara, a ipupiara, etc.), ganhando cauda pisciforme e longos cabelos. Sua epifania são as águas, especialmente, as salgadas*. Percebemos, por intermédio da definição do dicionário, que *Iemanjá* faz parte das entidades contempladas por religiões afro-brasileiras. Vislumbramos, nessa passagem, o uso de droga, a percepção de algo referente à FD do sujeito discursivo que quase sempre não faz uso das palavras e vislumbramos também uma questão que pode

acontecer com qualquer pessoa que está a se aproximar de outra: a mudança de olhar, a mudança da maneira de ver a pessoa que pode passar de uma forma positiva para negativa, ou vice-versa. O sujeito, que quase sempre está com a palavra, encontra-se na seguinte situação: tem a necessidade de olhar, novamente, para aquele que está a seu lado, para o seu Xangô, Iansã, Oxaguiã e Ogum Beira-Mar. Acreditamos que essa necessidade acontece porque esse sujeito quer se certificar de que tudo o que está vendo não é fruto de sua imaginação, de seu desejo; ele quer se certificar de que tudo é real e verdadeiro. Deparamo-nos, assim, como em algumas páginas anteriores, com algo que dizem acontecer com casais heterossexuais e que nesse momento acontece com um homossexual. Mais uma vez, percebemos que o que está sendo mostrado e enfatizado é a questão do casal, de duas pessoas, dois sujeitos independente do sexo, ou seja, o que pode ocorrer em uma relação heterossexual pode ocorrer também em uma homossexual. Importa destacar que quando o sujeito indica, em seu discurso, a não importância da sexualidade – se é homossexual ou heterossexual – ele se mostra afetado pelo Outro, pela diferença: ele está sendo constituído pela sua outridade (a questão heterossexual), pelo exterior que o constitui.

Continuando a análise, vemos que, cada vez mais, os dois sujeitos homossexuais estavam se sentindo íntimos, extasiados, embriagados um pela figura do outro, e nessa intimidade prazerosa o sujeito discursivo faz uso de palavras para dizer que aqueles dois seres que ali estavam juntos, se conhecendo, eram verdadeiros, eles mesmos. *Bem de perto, olhei a cara dele, que olhada assim não era bonita nem feia: de poros e pêlos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era a minha.* (ABREU, 1982, p. 52-53). Essa questão do verdadeiro nos remete às máscaras, pois, como vimos, esses dois sujeitos não usavam máscaras; eles se mostravam por inteiro: a face real e o sujeito por trás do corpo. Podemos, levando em consideração essa passagem, dizer que há sinceridade entre os dois, há

verdade. Após a revelação de que os dois estavam sendo verdadeiros, sinceros, começaram a tirar suas roupas e a se tocarem, se envolverem até chegarem à realização do ato sexual.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse. O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos. (ABREU, 1982, p. 53).

Temos, nessa passagem, elementos que já haviam sido tocados no espaço discursivo do conto: a confiança entre os dois e a vontade de ficarem juntos sendo que se completavam. Quando nos deparamos com *Tão simples, tão clássico*, somos remetidos a uma questão que já foi trabalhada e que busca evidenciar que o que acontece no amor heterossexual, acontece também no homossexual (almas gêmeas, um sendo metade do outro). Como anteriormente, encontramos elementos que são normalmente usados por casais heterossexuais sendo usados por um casal homossexual. Muito interessante notarmos o processo pelo qual tal casal passa para que a concretização do ato sexual aconteça. Um processo que acontece com qualquer casal que se aproxima, se conhece um pouco e se deseja. Primeiramente os olhares, depois o toque, as roupas, as carícias; em seguida mais olhares e toques intermináveis para, enfim, se conhecerem na intimidade. Outro ponto a ser destacado é a linguagem usada para descrever o ato sexual. Num jogo lingüístico (um fala, o outro responde) e de sedução, o sujeito que menos faz uso das palavras torna-se sujeito discursivo para dizer que *Plâncton é um bicho que brilha quando faz amor*. E como resposta, encontramos: *e brilhamos*. Seduzidos e embriagados se entregaram deliberadamente um ao outro para se “completarem” intimamente.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos. (ABREU, 1982, p. 53).

Ruptura abrupta e violenta é o que temos na surpreendente passagem. Uma quebra da sintonia e um despedaçar de sentimentos. O casal é tomado de surpresa por um bando de homens que deixa claro seu posicionamento diante do que estavam vendo: aos seus olhos, uma pouca vergonha, uma indecência, uma transgressão, uma aberração. É preciso dizer que o casal homossexual, novamente, age de uma forma romântica, esquecendo-se das coerções, dos limites. No entanto, mesmo agindo romanticamente, mesmo tendo os dois ousado demais, acreditamos ser a violência um ato extremado, selvagem. Diante de tamanha surpresa, os dois, sendo vítimas da violência (*o pontapé nas costas fez com que me levantasse*), não conseguem agir. Um se levanta por causa de um pontapé e o outro permanece no chão também por causa da violência. Mesmo diante de uma situação tão desumana, os dois se mostram cúmplices sinceros e verdadeiros: *olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens*. Não havia arrependimento, não havia culpa de nada: dos olhares, da sedução, dos toques e do ato sexual. Havia, sim, indignação, espanto e revolta diante de uma situação que escancara o preconceito e a intolerância: volta aqui a ilusão da liberdade e de igualdade. Por meio dessa passagem, percebemos, novamente, o que no início dessa dissertação enfatizamos: a não possibilidade de se viver plenamente a liberdade. Vemos, além de um casal que busca ser considerado como qualquer outro, a intolerância de alguns diante da diferença: vemos o embate, a tensão, a heterogeneidade. Por intermédio da atitude dos sujeitos que se aproximavam do casal, vemos que são afetados pelo Outro, pela diferença mesmo querendo destruí-la.

Mais uma vez a questão da sexualidade é a problemática maior, é o que faz com que um grupo ataque violentamente um casal que se amava na praia (o que acontece também com inúmeros casais heterossexuais). O casal homossexual foi agredido tanto moral quanto fisicamente. No final do conto, na voz do sujeito discursivo que nos conduziu na maior parte do tempo de análise, recebemos uma notícia triste e surpreendente; notícia que merece análise, que merece espanto mesmo sabendo que as diferenças existem, mesmo sabendo que os sujeitos vivem no embate, na tensão, no conflito: a morte do companheiro. Vejamos, então, o último fragmento recortado do conto; as últimas palavras daquele sujeito que, na maior parte do tempo, relatou a história.

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos. (ABREU, 1982, p. 53).

Ao lermos esse fragmento, surge o seguinte questionamento: por quê?; por que mataram o sujeito? Devido à sua sexualidade. Devido à intolerância diante da diferença e porque são afetados pelo Outro, pela sua diferença, pelo homossexualismo. Percebemos que os sujeitos discursivos agressores delimitam fronteiras entre heterossexuais e homossexuais privilegiando os primeiros – agem como agem porque se sentem melhores, sentem-se no direito de agir da maneira que quiserem. Somos remetidos ao que pontua Silva (2003), pautando-se nas análises do processo de construções de oposições binárias feitas pelo filósofo Jacques Derrida: *as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas binárias: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa* (SILVA, 2003, p. 83). Temos um final que fortifica a questão do embate, da tensão, do conflito; um final que fortifica a idéia de não se poder homogeneizar questões sociais, pois, sempre há diferenças.

Antes de fecharmos a análise que estamos arrolando e antes de tecermos considerações acerca do encontrado nesse espaço discursivo de análise, gostaríamos de destacar um ponto que pode ser considerado uma regularidade em *Terça-feira gorda*: elementos que buscam evidenciar as semelhanças entre relações heterossexuais e homossexuais. Tais semelhanças dizem respeito à forma de aproximação, à maneira de sentir e de ter prazer, à forma de ver o outro e os discursos referentes ao amor que circulam socialmente. Percebemos, no discurso do sujeito que relata a história, tais elementos e percebemos também que o foco não está na questão da sexualidade (a diferença), mas sim na questão do ser humano (a semelhança).

Diante da análise arrolada e diante da regularidade destacada, gostaríamos de fazer alusão a uma declaração que era proferida, por um grupo de rapazes que se chamava “Dzi Croquettes”, no início de cada show da banda. Esse grupo apresentava *um espetáculo de dança e de humor, combinando de forma inusitada barbas cerradas com cílios postiços, meias de futebol com sapatos de salto alto e soutiens com peitos peludos, eles levavam as ousadias de Caetano até (quase) às últimas conseqüências* (FRY & MACRAE, 1983, p. 19). Esse grupo teve existência no final dos anos da década de 1960. Sabemos que os anos finais da década de 1960 e todos os anos da década de 1970 foram bastante conturbados. Artisticamente, sabemos que foi um momento muito fértil; momento que buscou trazer nas canções e no palco reivindicações de cunho social. Os artistas, ao provocarem escândalos e ao chocarem a sociedade, tinham o intuito de vasculhar, de remexer nos costumes e valores autoritários e conservadores da época para mostrarem a necessidade de mudanças, para destacarem a urgência de se ver que a diferença faz parte da vida comunitária, social.

Mesmo sabendo que o contexto sócio-histórico-ideológico desses anos é diferente daquele apresentado em *Terça-feira gorda*, encontramos semelhança entre a declaração do grupo “Dzi Croquettes” e o discurso do sujeito que relata a história do conto aqui em foco. Vejamos, pois, a declaração. *Nós não somos homens, nem somos mulheres. Nós somos gente, computada*

igual a vocês!. Tanto essa declaração quanto o discurso do sujeito em questão objetivam destacar a importância de se levar em consideração, independente do contexto, o ser humano com seus sentimentos, seus desejos, suas necessidades. Não importa se é travesti, homossexual, heterossexual ... O que importa é que todos somos seres humanos, somos gente. Essa é a mensagem. No entanto, não podemos deixar de mencionar que, tanto no conto quanto nesse outro contexto (do show), os sujeitos, que são incompletos, divididos, inconscientes, descentrados; que são suporte e efeito de seus discursos e não suas fontes; que falham, pois, como não têm controle de seus discursos, dizem o que não querem dizer, materializam questões que não pretendiam materializar, são afetados e constituídos pela sua diferença, por discursos que destacam não a questão do ser humano, mas sim a da sexualidade (heterossexual X homossexual, por exemplo).

Levando em consideração toda a análise de *Terça-feira gorda*, vimos que a tensão, o conflito e o embate são trazidos pela temática homossexual. Em *Terça-feira gorda*, essa temática aparece sob diferentes perspectivas ideológicas – perspectivas que apontam para a intolerância diante da homossexualidade e perspectivas que apontam para o não preconceito. Vimos que os primeiros indícios de preconceito surgem no discurso de um sujeito homossexual: o que indica que esse sujeito, mesmo não significando a homossexualidade como algo negativo, é afetado por discursos que significam essa questão de uma maneira negativa, preconceituosa; ele é afetado pelo outro. Temos a confirmação de que a diferença é o exterior que constitui a identidade, o sujeito e seu discurso. Percebemos, por intermédio da análise das diferentes vozes presentes em *Terça-feira gorda*, que há posicionamentos que apontam para o preconceito e que há os que apontam para o não preconceito. Estamos diante de posicionamentos que se opõem, se contrastam. No entanto, vimos, durante o percurso de análise, que não há uma dicotomia estanque entre esses diferentes posicionamentos, pois eles se afetam e se constituem: o Outro, o que não é, por mais que seja negado, não deixa se ser

um elemento constitutivo das identidades, dos sujeitos e de seus discursos. Vimos que os sujeitos falham (a questão do inconsciente), eles se contradizem, resistem; vimos que a liberdade não pode ser vivida em sua plenitude porque há, nas relações, tensão, embate; há diferenças; há jogo de poder; ou seja, não há a homogeneidade, mesmo que exista o desejo de atingi-la; há, enfim, heterogeneidade. Em relação à subjetividade coletiva, vimos que há, nos diferentes discursos, uma coletividade, um mundo social que aponta para o lugar de onde os sujeitos falam e para o lugar em que estão inseridos. E, considerando o que encontramos na análise de *Terça-feira gorda*, vemos a confirmação da hipótese de pesquisa: o discurso do homossexual, assim como o do heterossexual, é afetado pela diferença. Partindo da confirmação da hipótese, podemos dizer que por mais que diferentes posicionamentos diante da homossexualidade pareçam dicotômicos, não há entre esses posicionamentos (os que apontam para o preconceito e aqueles que apontam para o não preconceito) uma oposição dicotômica estanque. Os diferentes posicionamentos se afetam e se constituem.

Gostaríamos de fechar esse momento de análise de *Terça-feira gorda* trazendo, mais uma vez, as últimas palavras proferidas pelo sujeito discursivo homossexual que relata a história, pois, por meio delas, vislumbramos o embate, a tensão, o conflito e percebemos que a liberdade não pode ser vivida em sua plenitude. Após tal proferimento, nos calamos, pois, a passagem fala por si só.

Fechando os olhos então, como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos. (ABREU, 1982, p. 53).

4.3. Além do ponto

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, lingüísticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar para interpretação. (PÊCHEUX, 1997, p. 52).

Tendo em vista a noção de enunciado trazida por Pêcheux (1997), passamos à análise do segundo conto integrante do *corpus* da nossa pesquisa: *Além do ponto*. Antes de darmos início à análise, gostaríamos de tecer algumas considerações acerca da forma que iremos proceder durante a trajetória analítica desse segundo conto.

Em *Além do ponto*, encontramos, assim como em *Terça-feira gorda*, uma série de pontos de deriva que oferecem lugar para interpretação. Há, nesse conto, caminhos que podem nos levar a abordar a loucura, a identidade, a homossexualidade, a existência humana com suas dificuldades e sofrimentos, a solidão, a interioridade, a psicologia... Por meio da leitura de *Além do ponto*, percebemos que podemos chegar a diversos e diferentes lugares de interpretação e de análise. Dentre esses vários e diferentes lugares de interpretação, daremos ênfase à questão da homossexualidade, pois, nossos objetivos, estão a ela ligados. Iniciemos, então, a construção desse segundo percurso analítico.

Quando começamos a ler *Além do ponto*, deparamo-nos com um relato de uma história de amor que havia chegado ao fim e com a busca alucinada do sujeito, que relata a história, por aquele que foi seu companheiro por algum tempo. No entanto, com o prosseguir da leitura, percebemos que essa história de amor é meio incerta, pois, não temos certeza de que ela um dia existiu – algumas vezes, parece ter sido interrompida e outras parece nunca ter existido verdadeiramente. Essa incerteza diante da existência ou não da história de amor se encontra materializada no discurso do sujeito que relata toda a história e que é um dos envolvidos na suposta ou verdadeira relação amorosa. Inicialmente, não há dúvidas de que o sujeito

discursivo estava indo ao encontro daquele que havia sido um grande amor, daquele que não saía de sua cabeça e do seu coração. O sujeito discursivo estava desolado, sofrendo, triste, sem direção, por não ter o outro por perto. Notamos que havia uma dependência desse sujeito em relação ao outro e, por isso, ele buscava a reaproximação, buscava retomar, reatar o laço que havia sido desfeito entre os dois. No entanto, quando damos seqüência à leitura do conto, não podemos afirmar se a história de amor é realmente verdadeira ou se é fruto da sua imaginação e, assim, não podemos afirmar se esse *ele* (o outro) realmente existe. Partindo da não possibilidade de se poder afirmar se a história de amor realmente aconteceu e da não possibilidade de se confirmar a existência do outro, surge uma outra questão: a ambigüidade. Acreditamos que esta questão está posta no percurso discursivo do sujeito de *Além do ponto*. A ambigüidade, como sabemos, dá margem para que mais de um sentido seja vislumbrado, para que mais de uma interpretação seja feita. Durante o percurso analítico de *Além do ponto* abordaremos essa questão.

Importa destacarmos que, sendo a história de amor verdadeira ou não, objetivamos buscar, no discurso do sujeito, aqui em foco, indícios que nos dêem a possibilidade de detectar seu posicionamento diante da homossexualidade, sua forma de representar e significar essa questão. A questão de ser ou não verdadeira não impede que busquemos o que desejamos encontrar. Vejamos, passo a passo, a trajetória discursiva desse sujeito.

Chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares, só levava uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito, parece falso dito desse jeito, mas bem assim eu ia pelo meio da chuva, uma garrafa de conhaque na mão e um maço de cigarros molhados no bolso. (ABREU, 1982, p. 38).

A chuva caindo a molhar, por inteiro, um sujeito que revela estar indo ao encontro de outro sujeito. Um sujeito que ia, por entre a chuva, sem se proteger, sem se cobrir daquela que caía, caía, caía. Um sujeito que levava, contra o peito, uma garrafa de conhaque barato e, no

bolso, um maço de cigarros molhados. Estamos diante do início do conto intitulado *Além do ponto*. Temos, à nossa frente, um início bastante revelador, pois, já de começo, o sujeito nos informa sobre sua vida e também sobre o momento em que se encontra. Envolto em uma atmosfera chuvosa, o sujeito discursivo nos mostra elementos que fazem parte da formação discursiva em que se inscreve: é um freqüentador de bares – *sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares*; é um sujeito que bebe – *só levava uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito*, e que fuma – *um maço de cigarros molhados no bolso*. E, além do mencionado, é um sujeito que *parece* sofrer por causa de outro. Por que *parece* sofrer por causa de outro? Onde podemos encontrar indícios desse sofrimento? É necessário atentarmos, para buscarmos respostas a esses questionamentos, à atitude do sujeito discursivo, aqui em foco, e para isso levantamos as seguintes questões: por que esse sujeito se comporta da forma que se comporta?; por que ele sai na chuva sem se proteger?; por que leva uma garrafa de conhaque apertada contra o peito?; por que deixa seu maço de cigarros molhar? Por quê? Acreditamos que o comportamento do sujeito – comportamento que indica ansiedade, desespero, sofrimento, pressa – aponta para a urgência que esse sujeito tem de estar com o outro; uma urgência que faz com que o sujeito perca a noção do que está fazendo, pois o que busca é retirar, de dentro de si, tamanha dor, tamanho sofrimento. Temos um sujeito que busca encontrar o outro. Importante destacar que o sujeito, pela maneira que vai ao encontro do outro, nos abre a possibilidade de dizer que o sujeito vê, no outro, sua salvação, sua saída, sua melhora.

Essencial destacarmos que esse sujeito discursivo está envolto em uma atmosfera chuvosa, escura, triste; uma atmosfera que aumenta, na nossa maneira de interpretar, o seu sofrimento e que, de certa forma, o influencia. Temos, então, elementos que se imbricam, que se entrelaçam: comportamento, atmosfera; atmosfera, comportamento. Antes de continuarmos a análise, gostaríamos de tecer algumas considerações acerca do que está acontecendo com o

sujeito que estamos abordando. Sabemos, pois estamos inseridos na história, no social, que uma pessoa age da forma que o sujeito discursivo do conto age porque está passando por um momento difícil, porque está com problemas ou porque está movido por uma paixão arrebatadora. Sabemos, até o momento, levando em consideração o fragmento destacado, que o problema do sujeito que relata a história *parece* estar ligado a uma questão amorosa. Considerando a nossa natureza social e histórica e também nossos conhecimentos, podemos dizer que estamos diante de uma história tipicamente romântica: um indo ao encontro do outro na busca de reatar o relacionamento. Vemos a necessidade de, nesse momento, fazermos referência a dois elementos teóricos que nos dão a possibilidade de perceber que sempre há uma coletividade nas atitudes de qualquer sujeito, que a subjetividade é sempre coletiva e não individual e psicologizante, mesmo podendo o sujeito se singularizar. Referimo-nos ao interdiscurso e à memória discursiva. O interdiscurso, como já destacado no capítulo teórico, é aquele elemento que fala antes, o já-dito, o sempre-lá, o pré-construído. Esse conceito teórico nos leva a detectar aspectos que circulam socialmente, aspectos que fazem parte da memória discursiva. A memória discursiva, segundo Pêcheux (1990b), é um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, um conjunto que aponta para uma coletividade presente em todas as atitudes e em todos os sujeitos. A memória discursiva por constituir um *corpo sócio-histórico de traços* marca o sujeito, mostra sua inscrição na História e seu lugar discursivo, ou seja, essa memória faz parte da constituição do sujeito como ser que faz parte de uma coletividade. É por intermédio do interdiscurso e da memória discursiva que, nesse momento de análise, podemos chegar à questão do amor tipicamente romântico, questão que traz consigo discursos que estão postos e que circulam socialmente: a tristeza deixada após um desentendimento amoroso; a desilusão; um sentimento de desespero, de fracasso; a tomada de atitudes, podemos dizer, irracionais daquele que ama e que quer ter o outro de volta. Por meio desses elementos, chegamos em um sujeito que, por mais que esteja relatando

sobre sua própria história, sobre sua vida particular, está inscrito no social, no histórico. Temos um sujeito que traz em sua voz uma subjetividade coletiva, social e histórica.

Dando continuidade à análise, trazemos mais palavras proferidas pelo sujeito discursivo. Essas palavras, além de acrescentarem elementos pertencentes à vida desse sujeito, comprovam o que levantamos anteriormente: a urgência de esse sujeito estar com o outro, com ele ficar bem; a urgência da busca do alívio.

Teve uma hora que eu podia ter tomado um táxi, mas não era muito longe, e se eu tomasse o táxi não poderia comprar cigarros nem conhaque, e eu pensei com força então que seria melhor chegar molhado da chuva, porque aí beberíamos o conhaque, fazia frio, nem tanto frio, mais umidade entrando pelo pano das roupas, pela sola fina esburacada dos sapatos, e fumaríamos beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. Mas chovia ainda, meus olhos ardiavam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pêlos, eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as pernas geladas. (ABREU, 1982, p. 38).

Nessa passagem, o sujeito discursivo busca justificar o porquê de estar indo ao encontro do outro a pé e, além disso, debaixo de uma chuva que não cessava. Primeiramente, o sujeito descarta a possibilidade de tomar um táxi nos revelando que a distância a ser percorrida não é tão longa – *não era muito longe* – e depois afirma que tomando um táxi não poderia parar para comprar cigarros nem conhaque – *se eu tomasse o táxi não poderia comprar cigarros nem conhaque*. Para que comprar cigarros e conhaque? Os cigarros terminariam encharcados da mesma forma que o maço que carregava no bolso terminou e ao invés de uma garrafa de conhaque, duas ou mais teriam de ser carregadas contra o peito. O sujeito justifica (ou parece justificar) para si o porquê de não tomar um táxi e chegar a seu destino a pé e todo molhado. Vemos que o sujeito está bastante abalado e esse abalo está afetando seu senso, seu juízo diante da situação que está vivendo. *O amor tem dessas coisas, dessas loucuras; o amor, às*

vezes, é insano, descontrolado: encontramos, nos atos desse sujeito discursivo, discursos referentes ao amor que circulam socialmente.

Há duas outras questões interessantes em relação a esse fragmento: a primeira é que ele nos leva a pensar que momentos como o descrito – muita bebida sem medida e tragadas incessantes em cigarros, tudo ao som de músicas cantadas por vozes roucas; sax; olhar e ducha morna, já tinham acontecido entre os dois: *e fumaríamos beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos*; e a segunda se refere à questão visual, ou seja, por intermédio desse fragmento, somos levados a visualizar o sujeito discursivo andando pelas ruas e pulando as poças d’água com o nariz escorrendo, com as mãos vermelhas e com as pernas quase congelando. Que situação melancólica! Visualizamos, em conseqüência do que vemos, o interior desse sujeito: perturbado, solitário, descompassado, sem rumo mesmo sabendo qual era seu suposto destino.

A todo momento, somos levados pelo discurso de um sujeito que é simultaneamente marcado pela História, pelo social, pela ideologia, pelo inconsciente; sujeito que *não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem, que lhe serviria para “traduzir” em palavras um sentido do qual ele seria fonte consciente* (REVUZ, 2004, p. 63), mas sim descentrado, clivado, dividido, incompleto e que tem a ilusão de que tudo o que diz parte de sua mente, de suas idéias, esquecendo-se de que nada parte de um único sujeito, pois, todo e qualquer sujeito faz parte de um já-construído, de um já-lá anterior à sua existência. O sujeito, por ser afetado pelo inconsciente, falha, se contradiz, materializa em seu discurso questões que pretendia se distanciar. Diante disso, temos um discurso atravessado por outros vários discursos, por outras várias vozes. O discurso do sujeito que relata a história, assim como qualquer discurso de qualquer sujeito, tem uma natureza dialógica, polifônica; o discurso *toca em milhares de fios dialógicos vivos* e sempre traz em seu corpo discursivo a heterogeneidade

mostrada e/ou a heterogeneidade constitutiva. Assim como o sujeito, o discurso está inserido na História e é por ela afetado.

Levando em consideração o discorrido sobre o sujeito e o discurso, damos seqüência à análise. Nesse momento, o sujeito, em um fluxo de pensamento, desabafa desenfreadamente:

Tão geladas as pernas e os braços e a cara que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, mas não queria chegar na casa dele meio bêbado, hálito fedendo, não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria que ter cuidado com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o encontrasse, para que não visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era. (ABREU, 1982, p. 38-39).

Pautando-nos nas palavras presentes nessa passagem, deparamo-nos com uma questão que sabíamos fazer parte do universo discursivo de *Além do ponto*, – como já destacamos, a seleção dos contos se deu por meio da temática – mas que não havia sido, até então, materializada em discurso: a homossexualidade. Importa mencionarmos que, após a passagem apresentada acima, não há mais espaço para uma história de amor entre duas pessoas de sexos diferentes, pois, por intermédio de uma análise lingüística, encontramos elementos que revelam que o sujeito discursivo é um sujeito que está indo ao encontro de outro sujeito do mesmo sexo. *Não queria chegar na casa dele meio bêbado*: eis os elementos reveladores da homossexualidade – o pronome possessivo **dele** e o adjetivo **bêbado**. A revelação da homossexualidade faz com que passemos a não mais visualizar uma mulher indo ao encontro de um homem ou um homem indo ao encontro de uma mulher: visualização que, até então, era possível e também a mais provável¹².

¹² Acreditamos que a visualização de um homem indo ao encontro de uma mulher ou vice-versa é mais provável porque o amor heterossexual era, na década de 1980, assim como é hoje, o amor considerado padrão.

Vemos, com a revelação da homossexualidade, uma possibilidade de interpretação que nos aponta para um novo caminho: o desconforto, o desequilíbrio do sujeito discursivo não sendo causado somente pela questão da separação ou da história amorosa (se é que ela existe), mas sim por causa de sua sexualidade. Por sermos seres históricos, sabemos que houve e ainda há, um padrão de sexualidade considerado, por uma grande parte da sociedade, o correto, o adequado, o esperado: o heterossexual.

Diante desse padrão, os sujeitos que não são heterossexuais, muitas vezes, procuram esconder sua sexualidade por medo de tudo o que pode vir a acontecer se ela for revelada: preconceito, discriminação, violência. Esses sujeitos, ao intentarem esconder a sexualidade, pensam esconder também a sua identidade e, em conseqüência, passam a se sentir mal, passam a sofrer. Essencial destacarmos que as condições históricas, do final da década de 1970 e de toda a década de 1980, abrem espaço para que novos discursos sejam produzidos e materializados. O sujeito de *Além do ponto*, por estar inserido em um espaço sócio-histórico-ideológico que prega a liberdade e o direito de todos, busca mudanças em relação à sua situação. Vemos que as condições históricas influenciam as atitudes dos sujeitos e a produção de discursos e a partir dessa influência deslocamentos acontecem.

Nesse momento, vemos a importância de darmos enfoque ao contexto sócio-histórico em que esse sujeito se encontra: fim da década de 1970, início da de 1980. Pautando-nos nas considerações que foram apresentadas na introdução da presente dissertação – as mudanças ocorridas pela busca da restauração da democracia; a busca pelos direitos de todos, pela liberdade de expressão e de escolha; a possibilidade de diferentes discursos, que antes eram abafados, serem materializados – vemos que esse sujeito deseja intensamente, em uma época que prega a liberdade de expressão e de escolha, ser o que é; ele deseja revelar sua sexualidade. No entanto, sabemos que esse sujeito, por alguns momentos, hesita em continuar sua busca. Vemos a hesitação do sujeito como algo esperado, pois, mesmo havendo uma

abertura no espaço social para que diferentes discursos sejam materializados e produzidos, para que diferentes atitudes sejam tomadas, o sujeito, por ter se sentido ameaçado por discursos que apontam para o preconceito, para a discriminação, para a intolerância e por saber que há coerções postas e, às vezes, impostas socialmente, não deixa de sentir medo e de se sentir ameaçado. Por intermédio da análise do percurso discursivo do sujeito aqui em foco, somos remetidos a questões postas no início de nossa pesquisa: espaços sócio-histórico-ideológicos são marcados por diferenças, por contradições; a questão de haver, entre as relações sociais, tensão, embate, conflito. O sujeito parece perceber que, mesmo em uma época que prega a liberdade de expressão e de escolha, a idéia de se viver plenamente a liberdade não pode ser concretizada, pois há enfrentamento, embate, tensão entre as diferentes ideologias; há jogo de poder. A liberdade, assim, decorreria do jogo de poder – poder na concepção foucaultiana – e da resistência. Tomando o que postula Revel (2005) em relação às considerações de Michel Foucault, percebemos que o sujeito se encontra em um jogo de poder em que busca *criar espaços de lutas*, em que busca *agenciar possibilidades de transformação em toda parte*. O sujeito está no processo de subjetivação.

Levando em consideração o que foi materializado, passamos a discorrer sobre um ponto que vem sendo destacado durante toda a análise até aqui arrolada: a questão do *parecer*.

Do início desta empreitada analítica até o momento em que nos encontramos, buscamos destacar que o sujeito discursivo está com um problema que *parece* estar ligado a uma questão amorosa. Objetivamos, com o uso do *parecer*, mostrar que não há apenas uma única possibilidade de interpretação, ou seja, não afirmamos que o problema do sujeito, aqui em foco, está ligado a uma questão amorosa porque iremos trazer à tona outra possibilidade de interpretação; possibilidade que não pode ser encontrada explicitamente no discurso do sujeito discursivo, mas que pode ser intuída, sentida por sujeitos sociais e históricos: o que somos. Como destacamos a pouco, não consideramos que o desconforto sentido pelo sujeito, o

desequilíbrio em que se encontra e a sua perturbação sejam causados somente em decorrência de uma história de amor. Acreditamos que a causa maior de tanto desconforto e sofrimento esteja ligada a não revelação de sua sexualidade, de sua identidade. Por se sentir ameaçado pelo preconceito, pela intolerância e pela violência, o sujeito se esconde, vive em segredo, não mostra sua cara, sua identidade. No entanto, esse sujeito busca ultrapassar todas as barreiras, todos aqueles limites que há em relação à sexualidade e vai ao encontro daquele que o entenderia, que o abrigaria, que o daria forças, coragem, que o completaria. Esse sujeito, em um ato de desespero, vai ao encontro do outro pela chuva, todo encharcado e desconcertado, sem prestar atenção à sua volta. Está totalmente focado naquilo que deseja: encontrar-se com o outro.

Considerando o que acabamos de discorrer, retomemos o fragmento citado. Ao retomarmos as considerações referentes a esse fragmento, percebemos que além do revelar da homossexualidade, temos a indicação da forma como o sujeito estava a viver: vivia a beber; andava sem dinheiro; não estava se alimentando; não dormia; não estava cuidando da sua saúde. Tendo em vista tanta decadência, falta de vontade de viver, desilusão diante da vida, desesperança, o sujeito, para não se mostrar ao outro, intenta esconder sua rotina, busca camuflar a maneira como está vivendo. Temos um sujeito buscando ocultar seus atos para que o outro pense que ele é o que não é: *e tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse*. Após a revelação de que não queria que o outro soubesse como estava a viver, de que não soubesse que ele era ele, o sujeito discursivo, ao refletir sobre esse ocultamento e sobre esse tipo de camuflagem, sente um desgosto. O desgosto sentido faz com que o sujeito perceba que estava escondendo sua própria personalidade, sua identidade. E por causa do desgosto – fruto da reflexão – o sujeito nos conta que uma coisa confusa começou a acontecer em sua cabeça. Nesse instante, temos a certeza do desconforto desse sujeito; temos

a certeza de que sua consciência está abalada, de que não está conseguindo dominar seu próprio corpo.

Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, ou parar para sempre ali mesmo naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama ao passar, mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele, que abriria a porta, o sax gemido ao fundo e quem sabe uma lareira, pinhões, vinho quente com cravo e canela, essas coisas do inverno, e mais ainda, eu precisava deter a vontade de voltar atrás ou ficar parado, pois tem um ponto, eu descobria, em que você perde o comando das próprias pernas, não é bem assim, descoberta tortuosa que o frio e a chuva não me deixam mastigar direito, eu apenas começava a saber que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável dele me esperando quente e pronto. (ABREU, 1982, p. 39).

O excerto acima nos possibilita confirmarmos que o sujeito não está sob controle de seu corpo, que ele se encontra em uma situação desesperante, tensa, conflituosa. Averiguamos que o sujeito está no *ponto – ponto* em que não consegue dominar seus atos, suas ações, seus desejos – querendo ultrapassá-lo, desejando o além do limite, o além desse *ponto*. Mas surge uma curiosidade: que *ponto* é esse e por que o sujeito quer tanto ultrapassar esse *ponto*?

Sabendo que o sujeito, por ser afetado pela História de diferentes formas, pode se posicionar de várias maneiras; sabendo que questões sociais, históricas, ideológicas e econômicas determinam fortemente as formas de comportamento e de posicionamento e sabendo que há imposição de conduta, que há padrões sociais e que há condições para que discursos sejam produzidos, podemos interpretar esse *ponto* como estando ligado a questões sociais, culturais, históricas e ideológicas: esse ponto está ligado à exterioridade do lingüístico. Se assim fizermos, estamos diante de um sujeito que resiste, porque objetiva ir além desse *ponto*, ir além de imposições, de limites estipulados social e historicamente. O sujeito deseja se libertar de certas “amarraduras” sociais que, nesse caso, estão associadas à questão da sexualidade; ele deseja ser ele mesmo; deseja ter o domínio e controle de seus atos, de suas ações, de suas vontades; deseja ver *aquele agradável* do outro o *esperando quente e*

pronto: esse sujeito está no processo *de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação* (REVEL, 2005, p. 74); está buscando a resistência e ao buscá-la vai produzindo discursos sobre si, vai se subjetivando, vai se constituindo como sujeito. O sujeito, podemos dizer, está lutando contra crenças, costumes e valores sociais que o fazem ficar parado, que o fazem não ser ele mesmo, que o aprisionam, abafam, enclausuram, descaracterizam. O sujeito busca passar por cima de discursos que o fazem sentir culpado, que o levam a querer ser algo que não é, que o fazem viver no ocultamento, fechado em si mesmo. O sujeito se encontra em uma relação de poder/resistência em que tenta evidenciar que, mesmo estando abalado, mesmo não tendo controle de seu corpo e mesmo passando por momentos de hesitação, não cederá, não se renderá, não se apagará, enfim. Essencial destacarmos que esse sujeito, nessa busca pela ultrapassagem do *ponto*, está sendo afetado por esse *ponto*, ou seja, esse sujeito está sendo afetado por elementos que ele intenta eliminar. Ele está sendo afetado por discursos que condenam a homossexualidade; esse sujeito está sendo afetado, assim, pelo outro, pela diferença. Como vimos, levando em consideração os postulados de Hall (2003), a diferença é aquilo que é deixado de fora e que a identidade requer: a diferença é o exterior que constitui a identidade.

Com isso posto, podemos dizer que esse sujeito age da forma que age porque a diferença o está afetando e ao mesmo tempo o constituindo e, em consequência disso, a identidade desse sujeito está se deslocando. Vemos a necessidade de, nesse momento, trazer considerações acerca da identidade. Como vimos no capítulo teórico, a identidade não é concebida como concluída, plena, pronta. Ela é concebida como um constante processo em andamento, em construção. A identidade é múltipla, é “movente”. Ela é deslocamento, transformação e construção. Como pontua Woodward (2003), *as identidades são produzidas em momentos particulares no tempo (...) as identidades são contingentes emergindo em momentos históricos particulares* (WOODWARD, 2003, p. 38). Tendo isso posto, percebemos, levando

em consideração o contexto sócio-histórico-ideológico em que o sujeito de *Além do ponto* se insere, que esse sujeito, ao desejar ir além do *ponto*, busca transformar sua identidade, busca deslocá-la. Vislumbramos que o sujeito, por meio de seu discurso, indica seu desejo de mudança; mudança ligada à sua identidade. Vemos que esse sujeito tem o desejo de ter um certo “controle” sobre sua identidade; ele intenta ser sua fonte. Sabemos, levando em consideração o arcabouço teórico dessa dissertação, que o sujeito é incessantemente afetado por discursos outros; discursos que vão ao encontro daquilo que o sujeito busca e também de encontro ao que deseja. O sujeito, assim, não tem controle sobre a construção de sua identidade, pois, a identidade é construída em um meio social em que há tensão, embate, diferenças. Mesmo tendo influência nessa construção, pois há a resistência, o sujeito não consegue eliminar o que vai de encontro ao que busca, ou seja, o sujeito não consegue eliminar o Outro, a diferença. Há, no processo constante de construção de identidades, o outro, a diferença como elemento constitutivo.

Considerando o que foi levantado acerca do emprego do lexema *ponto* e acerca da questão da identidade, podemos detectar dois tipos diferentes de posicionamentos diante da homossexualidade: um que aponta para o preconceito, para a discriminação e outro que aponta para o não preconceito, para a não discriminação. Considerando o percurso discursivo do sujeito de *Além do ponto*, percebemos que há, nesse percurso, uma tentativa de ir além de certos padrões postos e impostos socialmente em relação à sexualidade e também em relação à paixão, pois ele está preocupado com a imagem de si diante do outro; há uma busca por mudanças, deslocamentos acerca da identidade. Por meio dessa tentativa e dessa busca, podemos dizer que o sujeito indica seu posicionamento diante da questão da homossexualidade: posicionamento que não significa a homossexualidade de uma forma negativa. No entanto, mesmo não significando a questão da homossexualidade de uma maneira pejorativa, o preconceito é trazido para o espaço discursivo do conto por intermédio

do discurso do sujeito homossexual que relata a história. Estamos diante de um ponto que também pudemos perceber em *Terça-feira gorda*: não é porque o sujeito discursivo é homossexual que seu discurso será desprovido de preconceito. O sujeito, no processo contínuo de sua constituição, é afetado por diferentes discursos que trazem diferentes nuances em relação à questão homossexual. Ele é afetado pela diferença: por isso ele traz, inconscientemente, em seu discurso, o preconceito, a discriminação. Vemos que o sujeito de *Além do ponto* está no embate, na tensão entre o preconceito e o não preconceito e por isso se constitui nessa tensão.

Por meio da análise do discurso desse sujeito, podemos também detectar uma maneira diferente de representar a homossexualidade. Quando o sujeito nos diz que está no *ponto* – *ponto* que sabemos exercer um grande poder sobre esse sujeito, *ponto* em que esse sujeito não tem domínio sobre seu corpo, sobre suas vontades – ele nos revela que está sendo controlado, manipulado por forças externas, exteriores. Interpretamos essas forças como sendo alguns costumes, algumas crenças e valores existentes na sociedade em que esse sujeito está inserido; esses costumes, valores e crenças são referentes à forma de significar a homossexualidade: forma bastante negativa. Partindo do mencionado e levando em consideração o implícito e as entrelinhas, conseguimos vislumbrar que há, no *ponto*, vozes que representam a homossexualidade de uma forma negativa, pejorativa. Estamos diante de vozes sociais; vozes que trazem à baila uma forma específica, determinada de significar a homossexualidade, de representá-la. Temos, então, o outro posicionamento que aludimos anteriormente: posicionamento que aponta para o preconceito, para a discriminação. No entanto, mesmo percebendo que essas vozes apontam para uma maneira específica de significar a homossexualidade, encontramos, nessas vozes, o Outro, a diferença, pois, essas vozes concebem a questão homossexual dessa forma primeiramente porque há um construto social acerca dessa questão (a idéia de pecado, de anormalidade, de doença, de condenação) e

porque elas são inevitavelmente afetadas por discursos outros, pela diferença. Temos a questão homossexual afetando a heterossexual. Ainda em relação à questão do *ponto*, importa dizermos que ele é o que delimita a passagem para o encontro do outro ou o recuo.

Pautando-nos no mencionado, vislumbramos indícios para a confirmação da hipótese dessa pesquisa, pois, o discurso do sujeito homossexual é afetado pela diferença, é afetado por discursos que trazem a homossexualidade de uma forma negativa, pejorativa. Em consequência disso, percebemos que os diferentes posicionamentos diante da homossexualidade se afetam, se constituem, ou seja, não há uma separação dicotômica estanque entre essas formas de posicionamento. Por mais que haja diferenças na forma de representar a homossexualidade, essas diferenças se afetam e assim se constituem reciprocamente.

Após termos detectado diferentes significações dadas à homossexualidade e a não possibilidade de termos separações estanques entre tais significações, deixemos que o sujeito discursivo relate um pouco mais da sua história.

Um carro passou mais perto e me molhou inteiro, sairia um rio das minhas roupas se conseguisse torcê-las, então decidi na minha cabeça que depois de abrir a porta ele diria qualquer coisa tipo mas como você está molhado, sem nenhum espanto, porque ele me esperava, ele me chamava, eu só ia indo porque ele me chamava, eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado, agora pelo caminho de árvores sem folhas e a rua interrompida que eu revia daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava mas ia indo, no meio da cidade como um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha, quem me via assim não via nosso segredo, via apenas um sujeito molhado sem capa nem guarda-chuva, só uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito. (ABREU, 1982, p. 39-40).

Nessa passagem, o sujeito discursivo vai imaginando o que o outro diria após abrir a porta, após vê-lo no estado em que se encontrava. É dada voz ao outro e essa voz se mostra acolhedora, amiga, compreensiva, pois diz: *mas como você está molhado*, sem espanto algum, sem questionamentos, nem julgamentos. O sujeito discursivo enfatiza que o outro o esperava, o chamava, o queria perto dele e revela que ia indo, indo, indo porque ele o desejava ao seu

lado. Interessante o uso da frase *eu me atrevia*. Por que o uso de tal frase? A palavra *atrevia* indica que o sujeito estava tendo ousadia, coragem para fazer o que estava fazendo. Ousadia, por quê? Porque estava ultrapassando o *ponto*, não estava sendo manipulado; seu corpo estava sob seu “controle”: ia ao encontro *dele*. O sujeito discursivo, ao fazer uso da frase *eu me atrevia*, nos ajuda a evidenciar que sua luta era muito difícil, árdua, pois lutava contra o que lhe prendia, o que lhe fazia esconder o que era, o que lhe impedia de se relacionar, sem culpa, com um sujeito do mesmo sexo: alguns costumes, valores e crenças que, mesmo em uma sociedade que pregava a liberdade de expressão e de escolha, não deixaram de existir: como vimos em momentos anteriores, por haver tensão, embate e diferenças, no âmbito social, não há a homogeneidade na forma de conceber questões sociais, históricas e ideológicas, mesmo havendo o desejo de alcançá-la. Há divergências, inscrições ideológicas.

Após nos contar que o que estava fazendo, era ousado, corajoso, o sujeito discursivo lança a presença de um segredo que havia entre ele e o outro. Sabendo que a palavra *segredo* pode ser interpretada como aquilo que se oculta à vista, ao conhecimento; aquilo que é um sigilo e também que traz em si a necessidade do silêncio, percebemos que o sujeito, em sua busca na ultrapassagem do *ponto*, se contradiz, se faz ambíguo, pois destaca que havia um segredo entre ele e o outro. Se há segredo é porque é preciso esconder algo e a questão da necessidade do esconder mostra que o sujeito se sente, podemos dizer, inseguro para se mostrar por inteiro. Encontramos, no discurso desse sujeito, um elemento que funciona como princípio de historicidade do discurso: a contradição. A contradição, como vimos na parte teórica, traz à tona elementos que não fazem parte da materialidade lingüística, mas sim da exterioridade do lingüístico. Ao se contradizer (está na tentativa de ultrapassar o *ponto* mantendo um segredo) o sujeito nos mostra que é afetado por discursos que significam a homossexualidade de uma forma negativa; ele nos mostra que está sendo afetado por questões que estão no âmbito social – na exterioridade do lingüístico – e que o fazem ficar no ir e vir entre estar no *ponto* (aqui o

segredo é mantido entre ele e o outro) e estar no além desse *ponto* (o revelar do segredo). Interessante destacar um outro aspecto pertencente à questão do segredo. Como o próprio sujeito nos conta, quem via aquele sujeito andando pela chuva com uma garrafa de conhaque contra o peito via apenas um sujeito molhado, sem capa, nem guarda-chuva: os outros não conseguiam ver, enxergar o segredo, apenas a aparência decadente e sofrida. Para que o segredo pudesse ser visto, era preciso revelá-lo e, como sabemos, a revelação é buscada por aquele que estava a perambular pelas ruas molhadas, pela chuva que não cessava.

Vejamos mais um pouco do discurso do sujeito em questão.

Era a mim que ele chamava, pelo meio da cidade, puxando o fio desde a minha cabeça até a dele, por dentro da chuva, era para mim que ele abriria sua porta, chegando muito perto agora, tão perto que uma quentura me subia para o rosto, como se tivesse bebido o conhaque todo, trocava minha roupa molhada por outra mais seca e tomava lentamente minhas mãos entre as suas, acariciando-as devagar para aquecê-las, espantando o roxo da pele fria, começava a escurecer, era cedo ainda, mas ia escurecendo cedo, mais cedo que de costume, e nem era inverno, ele arrumaria uma cama larga com muitos cobertores, e foi então que escorreguei e caí e tudo tão de repente, para proteger a garrafa apertei-a mais contra o peito e ela bateu numa pedra, e além da água da chuva e da lama dos carros a minha roupa agora também estava encharcada de conhaque, como um bêbado, fedendo, não beberíamos então, tentei sorrir, com cuidado, o lábio inferior quase imóvel, escondendo o caco de dente, e pensei na lama que ele limparia terno, porque era a mim que ele chamava, porque era a mim que ele escolhia, porque era para mim e só para mim que ele abriria sua porta. (ABREU, 1982, p. 40).

Estamos diante de um excerto imaginativo e bastante forte. Imaginativo porque nele o sujeito discursivo vai tecendo toda a história do devir, daquilo que supostamente o outro faria para ele quando batesse em sua porta. Forte porque vai, a cada palavra, nos mostrando a situação de desespero e falta de controle em que o sujeito discursivo se encontrava. Nessa passagem, identificamos, por meio do discurso do sujeito, a suposta compreensão do outro, a sua acolhida, sua dedicação e sua felicidade. O sujeito que relata a história, fortificado pela presença daquele que tanto o queria por perto (esse desejo existe de acordo com o sujeito que relata a história), estaria a vivenciar tudo aquilo que imaginara. Ele seria ele mesmo, a partir de então. Sabendo que tudo estava sendo imaginado, criado pelo sujeito discursivo, podemos

visualizar a cena em que estava andando pelas ruas molhadas sem prestar nenhuma atenção nem nos seus passos, nem nas ruas, nem em nada: estava em outro lugar. Em meio a tanta desatenção, o sujeito perambulante é surpreendido – cai violentamente no chão. Tudo tão de repente, tão inusitado. O sujeito, mesmo sendo surpreendido pelo escorregão, tenta proteger a garrafa de conhaque. Em vão. Temos diante dos nossos olhos a decadência total: um sujeito encharcado de água, lama e conhaque. Como ele próprio diz: parecia um bêbado, fedendo. Quando damos seqüência à leitura da passagem acima, somos levados, mais uma vez, a imaginar a atmosfera acolhedora em que o sujeito, aqui em foco, deseja estar, em pouco tempo, envolto; atmosfera que, de acordo com o sujeito discursivo, seria criada pelo outro. Revelador esse fragmento, pois, nele, o sujeito discursivo nos mostra que nada, nem água, nem lama, nem conhaque e nem a aparência de bêbado, faria com que o outro agisse de forma diferente, menos acolhedora e carinhosa, porque, como sabemos, considerando o discurso desse sujeito, era ele que o outro chamava, era ele que o outro havia escolhido e era para ele, somente para ele, que o outro abriria a porta. E assim o sujeito continua seu discurso.

Chovia sempre e eu custei para conseguir me levantar daquela poça de lama, chegava num ponto, eu voltava ao ponto, em que era necessário um esforço muito grande, era preciso um esforço tão terrível que precisei sorrir mais sozinho e inventar mais um pouco, aquecendo meu segredo, e dei alguns passos, mas como se faz? me perguntei, como se faz isso de colocar um pé após o outro, equilibrando a cabeça sobre os ombros, mantendo ereta a coluna vertebral, desaprendia, não era quase nada, eu, mantido apenas por aquele fio invisível ligado à minha cabeça, agora tão próximo que se quisesse eu poderia imaginar alguma coisa como um zumbido eletrônico saindo da cabeça dele até chegar na minha, mas como se faz? eu reaprendia e inventava sempre, sempre em direção a ele, para chegar inteiro, os pedaços de mim todos misturados que ele disporia sem pressa, como quem brinca com um quebra-cabeça para formar que castelo, que bosque, que verme ou deus, eu não sabia, mas ia indo pela chuva porque esse era meu único sentido, meu único destino: bater naquela porta escura onde eu batia agora. (ABREU, 1982, p. 40-41).

A constância da chuva e a constância da dificuldade de conseguir ultrapassar o *ponto* e além dele permanecer são abordados. Identificamos a volta do sujeito ao *ponto*, lugar em que um esforço terrível era necessário. Deparamo-nos com um sujeito que via a necessidade de

O sujeito, que nos conduziu a todo momento durante seu relato acerca de sua história, está próximo de alcançar o que tanto almeja: ultrapassar o *ponto*. Nesse excerto, deparamo-nos com a perturbação total do sujeito discursivo, com um sofrimento profundo e corrosivo: febre; confusão; idéias misturadas; tremores misturados à água de chuva e lama e conhaque. Por causa de sua perturbação e de seu sofrimento, sua memória é afetada: esse sujeito não se lembra do nome do outro, do seu salvador. Ele até mesmo levanta a possibilidade de tudo não ter passado de um engano. Levando em consideração o percurso discursivo do sujeito, seu desconforto, sua “loucura”, percebemos que é possível uma interpretação diferente para o *outro*. O *outro* pode ser interpretado como sendo *o outro do sujeito*. O sujeito discursivo estava indo ao encontro dele mesmo, de sua identidade. Estamos diante da ambigüidade que mencionamos no início da análise de *Além do ponto*; ambigüidade que dá margem para interpretarmos esse *outro* como sendo *outro sujeito* e como sendo *o próprio sujeito* que relata a história. Mesmo diante de vários elementos lingüísticos que apontam para a existência de outro sujeito, (a presença do nós, por exemplo – *beberíamos, fumaríamos*), não podemos fechar a análise e afirmar que esse *outro* é realmente *outro sujeito*. Esse *outro* é os dois ao mesmo tempo. Temos, assim, um sujeito indo ao encontro de outro sujeito e ao encontro de si.

O sujeito discursivo, mesmo levantando a possibilidade do engano, não interrompe o que estava a fazer: continua a bater, bater, bater ... e isso se dá porque o próprio sujeito nos mostra que não conseguiria nunca mais encontrar o caminho de volta. Depois de ter chegado onde chegou, no além do *ponto*, vê-se a impossibilidade do retorno. O sujeito evidencia a impossibilidade de voltar de onde começou, a impossibilidade de tentar outra coisa, outra ação, outro gesto. Tudo que se podia fazer naquele momento era continuar a bater, bater, bater ... naquela porta que não abria nunca. E daí, desse incessante bater na porta e da sua não abertura, surge a pergunta: a porta permanecerá fechada ou será aberta?

Levando em consideração todo o percurso discursivo do sujeito que relata a história, podemos dizer que o que realmente importa é o deslocamento sofrido por esse sujeito durante seu vagar pela chuva, pelas ruas e por dentro de si. O sujeito, durante o seu percurso, nos mostrou seu profundo desejo de ir além do que o prendia, do que o fazia ser o que não era: o *ponto*. Partindo da interpretação que levantamos durante a trajetória analítica de *Além do ponto* – interpretação referente à sexualidade do sujeito – vemos que o sujeito deu início a um caminho sem volta; um caminho que aponta para uma transformação em relação à maneira de o sujeito viver. O sujeito busca sua inserção em discursos que passaram a ter uma circulação mais livre no final da década de 1970 – as condições históricas – ; discursos que traziam a urgência de se discutir a questão da sexualidade, da homossexualidade; discursos que reivindicavam direitos e liberdade sexual. O sujeito busca sua inserção em tais discursos porque encontra, neles, suporte, amparo. Esses discursos abrem um fecho de luz para aqueles que se sentem, muitas vezes, fora do mundo, pois trazem à baila a discussão da temática: trazem o diálogo, a conversa.

Diante do percurso analítico de *Além do ponto*, percebemos que a questão da não possibilidade de haver uma dicotomia estanque entre diferentes posicionamentos é confirmada, pois, como vimos, o sujeito discursivo que relata toda a história, mesmo tendo um discurso que aponta para o não preconceito diante da homossexualidade, é afetado e constituído por discursos que significam a homossexualidade de uma forma negativa. O sujeito é afetado e constituído pela diferença. Assim temos o Outro sendo o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso e de sua identidade. O sujeito se constitui nessa tensão. Outro ponto que encontramos, no processo analítico de *Além do ponto*, refere-se à questão da subjetividade coletiva. Verificamos que o discurso de um sujeito traz em si uma coletividade, um mundo social que aponta para o lugar de onde o sujeito fala e para o lugar em que está inserido. Vimos também que a questão da homossexualidade aparece, no espaço discursivo

aqui em foco, sob diferentes perspectivas ideológicas (a questão do preconceito e a do não preconceito) e que é essa questão que instaura o conflito, o embate, a tensão. Assim como em *Terça-feira gorda*, percebemos que o preconceito entra, em *Além do ponto*, por intermédio do discurso do sujeito discursivo homossexual: o que indica que um posicionamento, mesmo apontando para o não preconceito, é afetado pela diferença. Em relação aos posicionamentos dos sujeitos diante da questão da homossexualidade, vimos que eles trazem significações diferentes para essa questão; significações que vão do preconceito ao não preconceito. Por intermédio da análise desses posicionamentos, pudemos confirmar a hipótese levantada nessa dissertação, pois vimos que o discurso homossexual, assim como qualquer discurso, é afetado pela diferença. Vislumbramos que, mesmo havendo diferenças entre posicionamentos diante da homossexualidade – diferenças que parecem totalmente opostas –, há uma relação entre elas: uma afetando a outra; uma constituindo a outra em um processo constante, contínuo. Não há, entre os posicionamentos, uma dicotomia estanque, fixa, fechada. Outro ponto que pudemos verificar, durante o percurso analítico de *Além do ponto*, está ligado à questão da identidade. A identidade, como postula Hall (2003), não é concluída, plena, pronta; ela é um constante processo em andamento, em construção. Tendo isso posto, fechamos essa parte analítica destacando que a constituição do sujeito se dá nesse constante processo em andamento, em construção; nesse processo cheio de embate, tensão, enfrentamentos e deslocamentos: o que também acontece no processo de constituição da identidade.

4.4. Aqueles dois

Tú me acostumbraste a todas esas cosas, y tú me enseñaste que son maravillosas. Sútil llegaste a mi como una tentación llenando de inquietud mi corazón. Yo no comprendía cómo se quería en tu mundo raro y por ti aprendí. Por eso me pregunto al ver que me olvidaste por qué no me enseñaste cómo se vive sin ti. (Luiz Miguel)

Para iniciarmos a análise de *Aqueles dois*, gostaríamos de primeiramente destacar uma diferença existente entre os dois contos já analisados e o que iremos analisar neste momento: o sujeito discursivo que narra a história. Tanto o conto *Terça-feira gorda* quanto *Além do ponto* são narrados por sujeitos discursivos que relatam acontecimentos que ocorreram em suas próprias vidas. Em *Aqueles dois*, o sujeito discursivo que relata toda a história é um sujeito observante, que está fora da trama. Com o intuito de explicitarmos essa diferença, trazemos elementos que são bastante usados em análise de textos literários e que fazem parte do campo de análise da Teoria Literária: sujeito narrador em primeira pessoa, sujeito narrador em terceira pessoa. Podemos dizer que tanto em *Terça-feira gorda* quanto em *Além do ponto* os sujeitos discursivos que relatam a história são sujeitos narradores em primeira pessoa, ou seja, são sujeitos que relatam o que eles mesmos viveram. Já em *Aqueles dois*, o sujeito discursivo que relata a história é um sujeito em terceira pessoa, ou seja, é um sujeito observante, um sujeito que relata uma história que não aconteceu com ele, mas sim com outros sujeitos. Muito importante destacarmos essa diferença, pois, diferentemente dos dois contos já analisados, as vozes homossexuais são trazidas para o espaço discursivo de *Aqueles dois* não pelos sujeitos participantes da história, no caso Raul e Saul, mas sim pelo sujeito observador, pelo sujeito que tece toda a trama. Levantada essa diferença, vale dizer que a interpretação que faremos parte, primeiramente, da voz desse sujeito, das considerações que ele vai materializando ao longo de seu discurso, a partir de uma inscrição sócio-histórica-

ideológica. Esse sujeito, que relata a história de terceiros como se tivesse total controle sobre os acontecimentos, sobre as sensações vividas pelos protagonistas Raul e Saul, busca mostrar que compreende muito mais sobre o que está acontecendo entre Raul e Saul do que eles mesmos; ele busca enfatizar seu total conhecimento da história e a certeza do que está a proferir. Sabemos, partindo dos pressupostos teóricos que sustentam nossa dissertação, que o sujeito não tem domínio sobre seu discurso, sobre o que está materializando e nem mesmo sobre si: ele tem a ilusão desse domínio, desse controle. Como vimos no capítulo teórico, o sujeito é atravessado por várias vozes e por vários sujeitos; ele é afetado pela História; ele é inconsciente e, por isso, falha, se contradiz. O sujeito materializa seu discurso partindo de seu lugar discursivo, de onde está inserido e inscrito, partindo de certas formações discursivas e ideológicas, de certos valores e crenças, de certas experiências, formas de perceber questões da vida. Partindo do que foi exposto, temos a certeza de que se a história fosse contada por outro sujeito – por Raul, Saul, ou por outro sujeito observante – seria materializada de forma diferente.

Pautando-nos no que expusemos, passamos à análise de *Aqueles dois*. Em *Aqueles dois*, somos apresentados a Raul e a Saul, amigos e colegas de trabalho que são demitidos por serem julgados, pelo chefe e por colegas de trabalho, homossexuais. O sujeito discursivo que relata a história de *Aqueles dois* vai nos mostrando como Raul e Saul se conheceram, como se aproximaram; vai nos mostrando o que gostam de fazer, a afinidade existente entre eles. A história entre Raul e Saul é contada em seis partes, cada uma com um enfoque diferente. Começamos pela primeira.

A verdade é que não havia mais ninguém em volta. Meses depois, não no começo, quando não havia ainda intimidade para isso, um deles diria que a repartição era como “um deserto de almas”. O outro concordou sorrindo, orgulhoso, sabendo-se excluído. E longamente então, entre cervejas, trocaram ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, clipes no relógio de ponto, vezenquando salgadinhos no fim do expediente, champanhe nacional em copo de plástico. Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de

imediatamente a outra – talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum deles se perguntou. (ABREU, 1982, p. 133).

Nessa primeira passagem de *Aqueles dois*, vemos que no início não havia intimidade entre os dois sujeitos retratados. Foi com o passar do tempo que a intimidade foi surgindo, os comentários aparecendo. *Meses depois, não no começo, quando não havia ainda intimidade para isso, um deles diria que a repartição era como “um deserto de almas”* (ABREU, 1982, p. 133). Por intermédio dessa fala, vislumbramos que os dois não se incluíam nesse deserto, não faziam parte dele: os dois eram diferentes. Quando o sujeito que relata a história diz que um dos dois sujeitos retratados (não sabia qual) considera a repartição onde trabalha como “um deserto de almas” ele nos mostra que os dois não faziam parte das formações discursivas que ali existiam; eles não traziam os mesmos valores dos outros colegas, não se interessavam pelas mesmas coisas; aliás, eles criticavam tudo que fazia parte da repartição. De acordo com o sujeito discursivo que narra a história, *num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra*. O sujeito discursivo declara que os dois eram especiais e por isso se reconheceriam de imediato, aliás, *no primeiro segundo do primeiro minuto*. Interessante destacar que depois de se tornarem mais íntimos, começaram a trocar *ácidos comentários sobre as mulheres mal-amadas e vorazes, os papos de futebol, amigo secreto, lista de presente, bookmaker, bicho, endereço de cartomante, clipes no relógio de ponto*. Os dois sujeitos criticam assuntos que todos, na repartição onde trabalhavam e de, forma geral, a maioria das pessoas, adoram comentar e também criticam o ambiente de trabalho. Percebemos que os dois estão deslocados dos outros. Esse deslocamento nos faz vislumbrar que eles não estão inseridos nas mesmas formações discursivas em que os colegas estão.

Depois de o sujeito discursivo que relata a história nos mostrar que havia intimidade entre os dois sujeitos, de que eles não estavam inseridos no *deserto de almas*, de que havia

afinidade entre eles, ele relata que os dois *não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las*. Que preparo é esse? Nomear que emoções? Acreditamos que estamos diante de um ponto que abre caminho para que a homossexualidade entre para o espaço discursivo do conto. O sujeito discursivo, ao dizer que os dois não tinham preparo algum para dar nome às emoções, revela que ele tem esse preparo, que ele consegue entender tais emoções. Pautando-nos nessa revelação, levantamos a hipótese de que o sujeito discursivo que relata a história seja homossexual. Supomos que esse sujeito, por ser homossexual, apresenta a história dos dois sujeitos da forma que apresenta. Levando em consideração a hipótese levantada, deixemos que o sujeito prossiga o relato da história.

Após ter revelado que os dois não sabiam entender as emoções que estavam sentindo, o enunciador traz algumas informações sobre esses dois sujeitos.

Raul tinha um ano mais que trinta; Saul, um a menos. Mas as diferenças entre eles não se limitavam a esse tempo, a essas letras. Raul vinha de um casamento fracassado, três anos e nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de arquitetura. Talvez por isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam. (ABREU, 1982, p. 134).

Raul tem a idade de trinta e um anos e Saul a de trinta. Raul já havia sido casado – casamento fracassado de três anos – e não tinha filhos. Saul havia sido noivo durante muitos anos, mas não chegou a se casar; fez *um curso frustrado de arquitetura* e, segundo o sujeito discursivo, *talvez por isso, desenhava rostos com enormes olhos sem íris nem pupilas*. Raul gostava de música e às vezes até tocava e cantava. Tanto Raul quanto Saul gostavam de cinema. Diante dessas informações, vemos que mesmo havendo diferenças entre Raul e Saul – diferenças que não se limitavam nem à idade, nem às letras dos nomes, R e S – há algo em comum: a sensação de fracasso diante da própria vida. Além desse ponto em comum, há a questão do cinema: os dois gostavam.

Continuando seu percurso discursivo, o sujeito que relata a história traz informações referentes ao início da história, ou seja, nos mostra como Raul e Saul se conheceram.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os exames. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então. Mas desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinais, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois. (ABREU, 1982, p. 134).

Vemos, então, que Raul e Saul acabaram se conhecendo porque haviam passado em um mesmo concurso para uma mesma firma. Quando foram apresentados, um para o outro, ficaram surpresos da coincidência entre os nomes – a única diferença entre os dois nomes era a letra R e a S. Será mera coincidência? Deixemos que o próprio sujeito que relata a história responda, ao longo de seu percurso, à essa indagação.

Na passagem supracitada, deparamo-nos com uma questão que pertence a um dos objetivos que buscamos alcançar com a edificação desta dissertação: mostrar que não há, nas vozes, uma subjetividade individualista, mas sim uma subjetividade coletiva já que a natureza das vozes é social e histórica. Quando o sujeito discursivo estava falando da forma como Raul e Saul agiram diante da coincidência entre seus nomes – agiram com discrição – ele profere o seguinte enunciado: *a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando*. Ao tomarmos esse enunciado para análise, vemos que o discurso do sujeito enunciator traz para seu discurso uma questão que circula na sociedade: a necessidade da cautela e da discrição diante dos outros; a incerteza em relação à forma como as pessoas podem reagir diante de certos acontecimentos. O sujeito discursivo traz, para seu discurso, discursos que circulam na sociedade, discursos que buscam destacar que, dependendo da forma como as pessoas agem, os julgamentos aparecem. Estamos diante da subjetividade coletiva, ou seja, estamos diante de

uma voz que representa questões que circulam no seio social, questões já existentes, preconstruídas e que fazem parte das formações discursivas do sujeito aqui em foco. Percebemos, nesse momento, que podemos fazer alusão a um elemento teórico que se faz presente nos discursos pelo fato de existirem neles rastros de discursos outros, discursos já ditos, retomados: o interdiscurso. Como vimos no capítulo teórico, o interdiscurso é o já-dito, o pré-existente, ou seja, é o elemento que traz em sua definição a questão de sempre os discursos fazerem referências implícitas e/ou explícitas a discursos outros, discursos que apontam para o lugar discursivo e social do sujeito.

Ainda em relação ao trecho citado, gostaríamos de destacar um ponto que pode ser um indício para que a hipótese levantada acerca da homossexualidade do sujeito discursivo que narra a história comece a ser confirmada: a questão da discrição. Como vimos acima, Raul e Saul sorriram divertidos diante da coincidência entre seus nomes, mas, como o próprio sujeito discursivo destaca, foram discretos. Podemos dizer que o sujeito que relata a história aprovou essa discrição. Por quê? Porque, de acordo com ele, a discrição protege qualquer sujeito, ela funciona como um escudo, visto que *a gente nunca sabe onde está pisando*. O enunciador se inclui quando emprega *a gente*, ou seja, ele também faz parte desse contexto. Partindo disso, vemos que, para o sujeito discursivo relator, a discrição é essencial, pois ela faz com que os sujeitos estejam, ao menos de início, “seguros” diante dos olhares alheios. Sabemos, pois somos seres sociais, que a discrição é valorizada no âmbito social, ela é considerada uma qualidade; é algo positivo. Assim como nós, o sujeito que relata a história também é um ser social: por isso traz a importância de se ser discreto.

O que nos inquieta é a maneira que o sujeito, aqui em foco, traz a discrição; a maneira como significa essa questão: como essência. Interpretamos essa forma de significar a discrição como algo que nos leva à homossexualidade. Sabemos, partindo da memória discursiva referente ao nosso país, que uma grande parte da sociedade brasileira da década de

1970 e da de 1980 (e ainda hoje) não encontra, no homossexual, a discrição: encontra o deboche, o escândalo, o bizarro. Acreditamos que o sujeito discursivo, se incluindo e fazendo parte desse contexto, busca enfatizar a discrição justamente porque ela é considerada algo que não existe no homossexual: ele traz o outro, a diferença para poder ser considerado como os outros sujeitos. Vemos que esse sujeito está sendo afetado e constituído pela diferença.

Dando continuidade ao seu discurso, o sujeito que relata a história de Raul e Saul nos mostra que mesmo tentando afastar-se um do outro, mesmo buscando *limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então*, Raul e Saul não conseguiriam não se aproximarem. Para o sujeito discursivo, *desde o princípio alguma coisa – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois*. Havia algo entre os dois que os unia, que os ligava.

Para terminar a primeira parte – como dissemos anteriormente, a história é contada em seis partes – o sujeito discursivo busca mostrar que a aproximação entre Raul e Saul era inevitável.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) meses depois chamaria de “um deserto de almas”, para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Mas tão lentamente que eles mesmos mal perceberam. (ABREU, 1982, p. 134).

A proximidade entre as mesas onde passavam horas e horas trabalhando e a falta de contato com os outros colegas fizeram com que Raul e Saul se aproximassem, se conhecessem e se misturassem. De acordo com o sujeito discursivo, a aproximação se deu de uma forma tão lenta que Raul e Saul mal perceberam. Importante destacarmos que o sujeito discursivo, mais uma vez, diz saber mais sobre o que estava acontecendo entre Raul e Saul do que eles mesmos. Como esse sujeito pode relatar a história de dois sujeitos e dizer que

conhece mais dessa história do que aqueles que a viveram? Como já destacamos, esse sujeito nos apresenta a história de acordo com sua inscrição socioideológica, de acordo com o seu olhar e com o lugar de onde fala e está inserido. Diante da maneira que o sujeito discursivo vai significando a história, somos levados a pensar que ele vê, em Raul e Saul, algo desconhecido para esses, mas familiar para aquele: a questão da homossexualidade. Ao darmos seqüência à análise de *Aqueles dois*, iremos averiguar se a hipótese levantada é viável e possível. Passemos, então, à segunda parte do conto.

Na segunda parte, o sujeito discursivo que relata a história traz uma série de informações sobre Raul e Saul: de onde vieram, do que tinham, do que gostavam, de como eram fisicamente, etc. Passemos a conhecer um pouco mais sobre Raul e Saul.

Eram dois moços sozinhos. Raul viera do Norte, Saul do Sul. Naquela cidade todos vinham do Norte, do Sul, do Centro, do leste – e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais – uma mulher, um tio, uma mãe, uma amante. Eles não tinham ninguém naquela cidade – de certa forma, também em nenhuma outra – a não ser a si próprios. Poderia dizer também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro. (ABREU, 1982, p. 135).

Antes de analisarmos esse excerto, importa destacarmos que as informações apresentadas pelo sujeito discursivo não foram materializadas apenas em forma de descrição: o sujeito discursivo, ao trazer as informações, vai tecendo considerações a respeito da vida de Raul e de Saul. Nesse excerto, encontramos um enunciado que aponta para valores que fazem parte tanto do contexto sócio-histórico-ideológico em que estão os sujeitos presentes em *Aqueles dois* quanto do contexto em que nos encontramos: a importância de se ter referenciais – *uma mulher, um tio, uma mãe, uma amante*. Levando em consideração discursos que circulam socialmente, o referencial traz informações sobre a história de um sujeito. Acredita-se que por meio do referencial um sujeito possa ser conhecido mais facilmente. Estamos diante de

discursos que circulam no âmbito social e por isso vemos, mais uma vez, a questão da coletividade estando presente no discurso de um sujeito.

Sabendo que Raul e Saul não tinham referenciais, o sujeito discursivo chega a dizer que eles não tinham nada. No entanto, prossegue seu discurso elencando o que poderia ser considerado os referenciais de Raul e de Saul.

Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto, uma outra reprodução também de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas manchadas do assoalho. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo quase fotograficamente o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava. (ABREU, 1982, p. 135).

Vemos que os referenciais tanto de Raul quanto de Saul não são pessoas, mas sim objetos e um animal: violão, telefone, toca-discos, televisão, cadernos de desenho, vidros de tinta, livro e um sabiá. Partindo de uma comparação entre os referenciais de Raul e de Saul, vislumbramos que nos dois referenciais há a presença da arte: um com a música – além do violão, vemos o gosto de Raul pela música no nome de seu sabiá: Carlos Gardel¹³; o outro com a pintura. Estamos diante de um ponto que revela identificação entre Raul e Saul: ambos têm gosto e admiração pela arte; ambos trazem a arte para seu convívio. Vemos mais um ponto em comum entre os dois sujeitos retratados.

Após ter trazido os referenciais de Raul e de Saul, o sujeito discursivo relator, mais uma vez, nos mostra seu total conhecimento em relação à vida de Raul e de Saul. Desta vez, encontramos o seguinte enunciado: *deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quadro era um espelho refletindo quase fotograficamente o próprio quarto, ausente apenas ele*

¹³ Carlos Gardel foi um artista que ajudou a difundir o tango argentino. Carlos Gardel foi uma figura muito popular na primeira década do século XX.

mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava (ABREU, 1982, P. 135). Ao analisarmos esse enunciado, percebemos que o sujeito que relata a história conhece até mesmo os pensamentos de Saul. Ele sabe o que Saul sente e pensa. Essa questão de o sujeito que relata a história destacar seu conhecimento da vida de Raul e Saul é recorrente em todo o conto. Consideramos essa recorrência uma estratégia usada por esse sujeito, pois, assim, ele vai abrindo caminho para nos levar aonde ele quer nos levar: à solidão, à tristeza e à desilusão de ambos diante da vida.

Para dar continuidade ao seu discurso, o sujeito que narra a história passa a focar a aparência e o físico de Raul e Saul.

Eram dois moços bonitos, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum deles tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia. Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor e mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças, um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro e vice-versa. Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia. (ABREU, 1982, p. 135-136).

Como elucidamos, nessa passagem encontramos informações sobre a aparência de Raul e de Saul. A beleza dos dois: esbeltos, altos e altivos. Raul é moreno, usa barba e, de acordo com o sujeito discursivo que relata a história, mais definido. Saul é loiro, tem olhos azuis assustadiços e desmaiados e, segundo o sujeito discursivo narrador, parecia um pouco menor e mais frágil do que Raul: mesmo tendo a mesma altura de Raul.

Nessa passagem, o sujeito discursivo que narra a história materializa que Raul e Saul *quando juntos aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro e vice-versa*. Ao dizer isso, esse

sujeito destaca que os dois não tinham *exatamente consciência disso*. O elemento recorrente aparece mais uma vez, pois, o sujeito que narra a história vê de uma forma clara o que Raul e Saul não vêem: eles se estimulavam mutuamente; eles se completavam. Para o sujeito discursivo enunciador, parecia que havia, *entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia*. Estranha e secreta harmonia! Por que estranha e secreta harmonia? Deixemos mais uma indagação em suspenso e passemos para a terceira parte de *Aqueles dois*.

Na terceira parte, há uma retomada do início da história, dos momentos em que não havia, ainda, intimidade entre Raul e Saul. Podemos perceber que os dois, de uma forma bastante comum, falavam sobre o tempo e sobre a vontade de pararem de fumar – outro ponto em comum entre Raul e Saul.

Cruzaram-se silenciosos, mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez em quando um pedia fogo ou cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. Durou tempo, aquilo. E teria durado muito mais, porque serem assim fechados, quase remotos, era um jeito que traziam de longe. Do Norte, do Sul, de dentro talvez. (ABREU, 1982, p. 136).

Nesse trecho que abre a terceira parte do conto, o sujeito discursivo que narra a história deixa de narrar para trazer algumas considerações. Para esse sujeito, Raul e Saul demoraram a se aproximar porque eram fechados, quase remotos: outro ponto em comum entre os dois. Explícito a questão de ter durado muito tempo essas cordialidades entre Raul e Saul (o papo sobre o tempo, sobre a vontade de parar de fumar), o sujeito enunciador traz em seu discurso um acontecimento que faz com que Raul e Saul se aproximem. Vejamos, pois, que acontecimento é esse.

Até um dia em que Saul chegou atrasado e respondendo a um vago que-que-houve contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o

teclado da máquina e perguntou: que filme? *Infâmia*, Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLayne, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? Eu conheço e gosto muito, não é aquela história das duas professoras que. Abalado, convidou Saul para um café, e no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais do que nunca parecendo uma prisão ou clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme. (ABREU, 1982, p. 136).

Estamos diante da primeira causa que fez com que Raul e Saul se aproximassem: o atraso de Saul e o motivo de seu atraso (o filme). Nesse trecho, vemos que Raul, *por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando às onze*, pára o que estava fazendo para perguntar que filme Saul ficou assistindo até tarde. Saul respondeu dizendo que ninguém conhecia o filme, pois era muito antigo. No entanto, percebemos que a resposta, que veio em tom baixo, abalou Raul. Quando Raul escutou o nome do filme – *Infâmia* – logo foi dizendo que o conhecia e gostava muito. Para certificar-se de que o filme era realmente o que estava pensando ser Raul diz: *não é aquela história das duas professoras que*. Esse enunciado nos inquieta muito, pois, ele se fecha inconcluso. Há uma interrupção e é essa interrupção que nos faz pensar que a história do filme não poderia ser trazida à tona em um ambiente de trabalho. Vislumbramos a possibilidade de estarmos diante de um filme que traz, em seu enredo, a questão da homossexualidade feminina (o lesbianismo) como sendo algo extremamente negativo. Ao fazermos uma pesquisa sobre o filme, descobrimos que ele traz a história de duas professoras que são julgadas como lésbicas por uma criança e por causa desse julgamento a vida dessas duas professoras vira um "inferno". Com as informações que temos, podemos perceber que a homossexualidade é significada de uma maneira pejorativa e preconceituosa no contexto do filme.

Diante da confirmação da temática homossexual de *Infâmia*, gostaríamos de retomar a hipótese levantada no início da análise desse conto: a homossexualidade do sujeito que relata a história e a maneira específica de esse sujeito narrar a história entre Raul e Saul. Como já destacamos, somos, ao analisarmos *Aqueles dois*, levados pelo discurso de um sujeito

discursivo que, a todo momento, busca mostrar que sabe tudo sobre o que está contando. Esse sujeito, durante a edificação de seu percurso discursivo, vai nos envolvendo com sua forma específica de apresentar a história entre Raul e Saul. Desde o início da história, o discurso do sujeito aqui em foco traz elementos que nos fazem perceber a possibilidade de termos um sujeito discursivo relator homossexual: de acordo com esse sujeito, houve um reconhecimento imediato entre Raul e Saul; para esse sujeito, Raul e Saul estavam despreparados para nomear e/ou entender as emoções que passaram a sentir depois do reconhecimento; segundo esse sujeito, quando Raul e Saul estavam juntos ficavam cintilantes e, assim, se completavam e também, de acordo com esse sujeito, parecia haver entre Raul e Saul uma estranha e secreta harmonia. Diante desses elementos, perguntamo-nos como o sujeito discursivo que relata a história consegue perceber essas questões que são abstratas e bastante difíceis de serem percebidas. Às luzes de elementos teóricos destacados no segundo capítulo dessa dissertação, buscamos entender essa questão.

Como vimos no arcabouço teórico que sustenta a presente pesquisa, o discurso implica uma exterioridade à linguagem, uma mudança de foco do lingüístico para a exterioridade, para o social, o histórico, o ideológico e para o inconsciente, pois a linguagem está interligada tanto à história quanto ao inconsciente. E, assim como a linguagem, o discurso e o sujeito também estão interligados à história e ao inconsciente. Pautando-nos nessas considerações, passamos a buscar entendimento para nossa inquietação.

O sujeito discursivo que relata a história entre Raul e Saul está inserido em uma conjuntura social. Dentro dessa conjuntura, ele, por ser um ser social, um ser que traz em seu discurso crenças, costumes, insere-se e inscreve-se em um determinado lugar social, em um determinado lugar discursivo. Ao analisarmos o discurso desse sujeito, percebemos que ele se inscreve em uma dada formação discursiva, ou seja, esse sujeito indica, por intermédio de seu discurso, seu espaço social e seu espaço de enunciação. Tendo isso posto, vemos que o sujeito

aqui em foco parte de seu espaço discursivo, de suas experiências, de sua vivência para materializar a história entre Raul e Saul, conforme a concebe. Com isso, a maneira de esse sujeito relatar os acontecimentos da história é determinada e específica, pois essa história é contada e significada partindo do espaço discursivo do sujeito que relata a história. Acreditamos que o que esse sujeito consegue perceber entre Raul e Saul é possível justamente porque parte de seu espaço discursivo, de suas experiências e vivências, ou seja, o sujeito traz à baila questões que ele tem conhecimento, inerentes à sua constituição como sujeito, e por isso da possibilidade de esse sujeito ser homossexual: consegue perceber o que percebe entre Raul e Saul porque vê entre esses dois sujeitos elementos de sua constituição identitária.

Antes de continuarmos a análise de *Aqueles dois*, gostaríamos de tecer algumas considerações em relação a uma palavra proferida pelo sujeito discursivo narrador da história quando esse estava nos contando sobre a causa que fez com que Raul e Saul se aproximassem (o filme). Após a revelação do nome do filme que Saul havia assistido até tarde na noite anterior e da confirmação de que Raul conhecia e gostava muito desse filme, o sujeito enunciativo dá início a uma frase com a palavra *abalado*. *Abalado, convidou Saul para um café, e no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais do que nunca parecendo uma prisão ou clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme*. Ao analisarmos esse trecho, percebemos que o abalo de Raul ocorreu por causa da coincidência do filme – filme esse que aborda a temática da homossexualidade feminina. Sabendo disso, somos levados à seguinte interpretação: o abalo de Raul se deu porque o filme que Saul havia assistido aborda a temática da homossexualidade feminina, ou seja, a temática é a causa do abalo de Raul. Importa lembrar que a palavra *abalado* foi proferida pelo sujeito discursivo enunciativo da história e não pelo próprio sujeito que teria se sentido abalado. Será que sua sensação diante da descoberta foi essa mesma? Será que Raul ficou realmente abalado? Não sabemos. O que sabemos é que a escolha lexical da palavra *abalado* insinua a

homossexualidade de Raul e de Saul. Essa escolha lexical também nos remete ao que o sujeito discursivo que relata a história busca, a todo momento, destacar: seu conhecimento total da vida de Raul e Saul.

Levando em consideração o que arrolamos, acreditamos ser relevante destacar que podemos perceber na prática o que havia sido posto teoricamente: a ilusão que o sujeito tem de controlar seu discurso e o sentido de tudo o que profere. O sujeito, como sabemos, não tem controle de seu discurso, pois no discurso o inconsciente se manifesta. O sujeito materializa em seu discurso manifestações que escapam de sua vontade consciente, manifestações que revelam que o sujeito vive em uma constante tensão e em um infundável embate com discursos que ilusoriamente busca eliminar de seus dizeres. O sujeito não se conhece por completo. Ele é atravessado por várias vozes e por vários sujeitos e é marcado simultaneamente pelo social, pela história, pela ideologia e pelo inconsciente. O sujeito falha; o sujeito diz o que não quer dizer; o sujeito materializa o que não pretende materializar. O sujeito é incompleto, dividido.

Levando em consideração o que foi destacado em relação à homossexualidade do sujeito discursivo relator da história e também em relação à insinuação da homossexualidade de Raul e Saul, deixemos que o sujeito discursivo enunciador da história continue seu percurso. Após ter nos contado que Raul e Saul haviam falado sem parar sobre *Infâmia*, o sujeito discursivo destaca que Raul e Saul a partir de então não conseguiriam mais se distanciarem. A aproximação começou por causa do filme e prosseguiu pelo fato de haver entre os dois muitos pontos em comum. Percebemos que para o sujeito discursivo enunciador da história não há uma mera coincidência entre tantos pontos em comum: para esse sujeito, Raul e Saul foram feitos para viverem juntos, um para o outro. Diante disso, passamos a mais um fragmento da terceira parte de *Aqueles dois*.

Outros filmes viriam nos dias seguintes, e tão naturalmente como se de alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. (ABREU, 1982, p. 137).

Percebemos, ao tomarmos esse excerto para análise, que, após *Infâmia*, outros filmes vieram e após os filmes surgiram confidências e questões pessoais. Vemos que há entre Raul e Saul pontos em comum: a descrença do trabalho e da própria vida. O que nos chama mais atenção nesse excerto é a última frase. Nessa frase, o sujeito discursivo que relata a história vai destacando as queixas de Raul e de Saul: queixas sobre a firma, sobre a vida, sobre um nó que havia apertado no fundo do peito tanto de Raul quanto de Saul. Que nó seria esse? Sabemos que há vários caminhos de interpretação, no entanto, como estamos sendo guiados pelo discurso de um sujeito que diz, ilusoriamente, saber tudo sobre Raul e Saul, somos levados a interpretar esse nó como algo relacionado diretamente à maneira que os dois estavam vivendo: eles não agüentavam mais aquela vida, estavam desesperançosos, angustiados, solitários. Diante de tanta falta de vontade e de entusiasmo diante da vida, torna-se inevitável perguntarmos o porquê disso; qual é a causa de tanto desânimo. Por meio do percurso discursivo do sujeito que relata a história, percebemos que Raul e Saul estão deslocados, não fazem parte do contexto em que vivem – as conversas, os assuntos que todos gostam de discutir não os interessam. Vislumbramos que falta algo à vida tanto de Raul quanto à de Saul. Essa falta, de acordo com insinuações que podem ser apreendidas no discurso do sujeito que narra a história, passaria a não existir a partir do momento que os dois sujeitos comessem a descobrir o que estavam sentindo e vivendo; a partir do momento que comessem a perceber o que estava acontecendo entre eles: uma relação forte que vai além da amizade. Estamos diante da questão da homossexualidade; homossexualidade percebida pelo sujeito discursivo relator da história, mas não por Raul e Saul. Importa, nesse momento, destacarmos uma questão que está interligada à sexualidade: a identidade.

Comecemos retomando a concepção teórica de identidade defendida no espaço discursivo da presente dissertação. Identidade não é concebida como concluída, plena, pronta, fechada: ela é, ao contrário, concebida como um constante processo em andamento, em construção. A identidade é plural, é “movente”; ela é transformação e construção. A identidade, assim, não se completa, não se finda: é um eterno construir. Partindo dessas considerações, podemos dizer, tomando o discurso do sujeito relator da história, que as identidades de Raul e Saul estão se deslocando, se movendo: mesmo sem que eles tenham percepção dessa mudança. De acordo com o sujeito discursivo narrador, a percepção desse deslocamento em relação às identidades faria com que Raul e Saul encontrassem seu caminho. Essencial destacarmos que assim como as identidades, a sexualidade está em movimento.

Pautando-nos no que foi levantado, podemos apreender a forma como o sujeito discursivo narrador – considerado nesse espaço discursivo um sujeito homossexual – significa a homossexualidade: como algo que pode acontecer na vida de qualquer sujeito; como algo da vida; como algo que pode ser descoberto de repente. Durante todo o percurso discursivo até aqui analisado, vemos que o sujeito discursivo relator da história intenta destacar que a homossexualidade de Raul e Saul está escondida e precisa ser descoberta. Levando em consideração essa questão de se poder descobrir uma sexualidade diferente daquela já experimentada, percebemos que esse sujeito discursivo aponta para sua maneira de significar e de se posicionar diante da questão da homossexualidade. Vislumbramos que, para esse sujeito, um sujeito considerado heterossexual pode passar a se interessar por outro sujeito do mesmo sexo; pode passar a ter atração por sujeitos do mesmo sexo, ou seja, a mudança em relação à sexualidade é vista como “normal” e possível de acontecer. Partindo do mencionado, percebemos que o sujeito discursivo relator da história não significa a questão da homossexualidade de uma maneira negativa, pejorativa. O posicionamento desse sujeito diante da homossexualidade aponta para o não preconceito, para a não discriminação. No

entanto, mesmo diante de um posicionamento específico acerca da homossexualidade, o sujeito que narra a história não deixa de ser afetado e constituído por discursos que apontam para o preconceito, para a discriminação em relação à questão aqui em foco. Como vimos na parte teórica, a diferença por mais que seja negada não deixa de ser um elemento constitutivo do sujeito, de seu discurso e de sua identidade. E assim como a construção das identidades se dá de uma forma relacional – entre aquilo que é e o que não é – a construção de diferentes posicionamentos de um sujeito diante de uma determinada questão também se dá de uma forma relacional.

Pautando-nos no que foi materializado, continuamos nossa trajetória analítica. Nesse momento, deparamo-nos com uma passagem que indica a vontade que tanto Raul quanto Saul passaram a ter de estarem juntos. Nesse mesmo excerto, o sujeito discursivo relator da história destaca seu total conhecimento em relação à vida e também aos pensamentos e sentimentos de Raul e Saul. Quando esse sujeito profere que Raul e Saul, naquela manhã de segunda-feira, haviam falado de muitas coisas, menos da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido, ele destaca seu conhecimento: Raul e Saul não sabiam claramente o que sentiram, mas o sujeito discursivo narrador sabia. Vejamos a passagem aqui em foco.

Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro no quarto de pensão, que o Sábado e o Domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de Segunda-feira, quando outra vez se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormia quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido. (ABREU, 1982, p. 137).

Raul e Saul, pela primeira vez, começaram a sentir vontade de estarem um com o outro; começaram a sentir a importância que um tinha na vida do outro. O desejo de juntos estarem começa a aparecer e a falta do outro passa, conforme o sujeito discursivo narrador, a incomodar. Nesse excerto, vemos materializado que a falta que sentiram um do outro fez com

que um passasse o fim de semana bebendo e o outro dormindo. Chegado o início da semana, Raul e Saul falaram de muitas coisas, *menos da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido*. Vislumbramos que a vontade de estar um com o outro surge, mas ainda assim, de acordo com o sujeito discursivo relator da história, Raul e Saul não sabem claramente o que sentiram.

Na mesma manhã de segunda, *atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafieiras, discotecas, festinhas na casa de uma, na casa de outra*. (ABREU, 1982, p. 137). Raul e Saul, como se sentiam deslocados, relutaram em aceitar um convite para uma festa. Até que acabaram cedendo. *A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para trocar suas histórias intermináveis*. (ABREU, 1982, p. 137). Interessante esse enunciado, pois ele mostra que mesmo aceitando participar de uma festa organizada pelas moças que trabalhavam na repartição onde Raul e Saul trabalhavam, os dois sempre ficavam juntos e afastados dos outros. Vemos que um gostava da companhia do outro: sentiam-se bem, à vontade. Nessa mesma festa, Raul pegou o violão e cantou pela primeira vez “Tu me acostumaste”. Essa música – música que escolhemos para fazer a abertura da trajetória analítica de *Aqueles dois* – traz em sua letra uma história de amor. Sabemos, pois já conhecemos a história de Raul e Saul, que essa é a música que Saul mais gosta de ouvir Raul tocar. Estamos diante de mais um ponto em comum entre os dois: as preferências musicais.

Ainda nessa mesma festa:

Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não dissessem, não soubessem o que fazer com elas. (ABREU, 1982, p. 137).

Percebemos a importância dessa festa para Raul e Saul: passaram a se conhecer melhor e a perceber que tinham as mesmas queixas: outro ponto em comum. Nessa passagem, Raul e Saul, bêbados, dizem que estavam cansados das mulheres, de suas mesquinhas e que estavam gostando de estarem vivendo assim, *sós, donos de suas próprias vidas*. Estamos diante de uma contradição, pois, na realidade, Raul e Saul não estavam gostando de estar *sós*, sozinhos: segundo o discurso do narrador da história, eles estavam gostando de estar longe das mulheres que haviam passado em suas vidas, mas não de estarem sozinhos. Como estamos diante da contradição, passamos a retomar as considerações foucaultianas acerca dessa questão. A contradição, de acordo com Foucault (1995b), é considerada como um princípio organizador *longe de ser aparência ou acidente do discurso, longe de ser aquilo de que é preciso libertá-lo para que ele libere, enfim, sua verdade aberta* (FOUCAULT, 1995b, p. 173); a contradição constitui a própria lei da existência do discurso, pois, *o discurso é o caminho de uma contradição a outra: se dá lugar às que vemos, é que obedece à que oculta* (FOUCAULT, 1995b, p. 173). Outro ponto a ser destacado é que *as contradições representam uma coerência visto que desvelam elementos exteriores à materialidade lingüística* (FERNANDES, 2005, p. 70). As contradições trazem à tona elementos que não fazem parte da materialidade lingüística. As contradições, como postula Foucault (1995b) e como fortifica Fernandes (2005), são inerentes à constitutividade dos discursos e dos sujeitos.

Gostaríamos de enfatizar, após termos nos detido à questão da contradição, o que já abordamos anteriormente: a presença de insinuações que apontam para um relacionamento homossexual como a saída, a mudança na vida de Raul e Saul. O sujeito discursivo relator da história, partindo de seu espaço discursivo, vai nos guiando, nos mostrando o caminho para Raul e Saul: caminho que aponta para a questão da homossexualidade.

Dando continuidade ao seu discurso, o sujeito que narra a história nos conta que no dia seguinte à festa, Saul, por estar de ressaca, não foi trabalhar e não telefonou para avisar. Sem

a presença do companheiro, Raul, inquieto, *vagou o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho “Tu me acostumbraste”, entre inúmeros cafés e meio maço de cigarros a mais que o habitual.* (ABREU, 1982, p. 137). Vemos que a inquietude de Raul indica que a ausência de Saul o fez sentir mal: por isso vagou pelos corredores, cantou a primeira música que havia cantado para Saul e fumou mais que o habitual. Raul ficou descontrolado sem a presença do outro.

Passado esse dia desconcertante para Raul, o sujeito discursivo narrador da história nos conta, na quarta parte do conto, que Raul deu o número de seu telefone para Saul dizendo a ele que se precisasse de alguma coisa, se ficasse doente. Em um domingo, depois do almoço, Saul ligou para Raul apenas para saber o que o outro estava fazendo. Nesse mesmo dia, Saul visitou Raul e juntos jantaram. Durante o jantar, o sujeito enunciador da história disse que os dois *ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas* (ABREU, 1982, p. 138). Raul e Saul passaram a ficar, depois desse jantar, cada vez mais próximos um do outro.

Raul e Saul haviam se conhecido há quase seis meses e estavam quase sempre juntos. Quando se encontravam aos fins de semana, Raul cantava “Perfídia”, “La barca”, “Contigo en la distancia” e claro “Tu me acostumbraste”. O sujeito discursivo relator da história nos conta que Saul gostava mais da música “Tu me acostumbraste” e, em especial, do pedaço que diz *sutil llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mi corazón*. Gostaríamos de, nesse momento, atermo-nos nas músicas mencionadas acima. Sabemos, porque conhecemos essas canções, que as letras das músicas trazidas no discurso do narrador da história falam sobre amor, sobre relacionamento. Por intermédio das músicas citadas, somos, como desde o início, levados pelo discurso do sujeito que relata a história: discurso esse que nos leva à questão da homossexualidade. Quando o sujeito discursivo relator da história traz à tona a parte da música “Tu me acostumbraste” que Saul mais gosta, ele nos faz imaginar que a tentação que encheu o coração de Saul é Raul. Podemos, assim, perceber, nas entrelinhas do

discurso do sujeito aqui em foco a seguinte insinuação: até as músicas apontam para o que está acontecendo entre Raul e Saul.

Dando continuidade ao seu discurso, o sujeito discursivo que narra a história enuncia uma passagem bastante importante para nós que estamos tentando detectar como os sujeitos significam a questão da homossexualidade e como se posicionam em relação à essa questão. Esse sujeito relata que as moças em volta espiavam, às vezes cochichavam sem que Raul e Saul percebessem. As moças estavam inquietas com a situação: dois homens que sempre estavam juntos, sempre saíam juntos e não se envolviam com mais ninguém. Diante dessa frase, levantamos a seguinte indagação: por que as moças espiavam e às vezes cochichavam? Porque estavam achando estranha a relação entre os dois colegas de trabalho: sempre juntos. Por meio desses olhares e cochichos, podemos dizer que as moças começaram a perceber o que o sujeito discursivo que relata a história desde o início havia percebido – a atração entre os dois, a homossexualidade – e podemos dizer também que as moças estavam inquietas diante do relacionamento entre Raul e Saul. Temos indícios que apontam para uma maneira específica de significar a homossexualidade: como algo que chama a atenção, espanto, cochichos. Diante dessa maneira, apreendemos que o posicionamento das moças, em relação ao que suspeitavam estar acontecendo entre Raul e Saul (um relacionamento homossexual), aponta para o preconceito, para a discriminação. Essencial destacarmos que as moças, ao agirem da maneira que agiram, se mostram afetadas pela diferença. Como vimos na parte teórica, *a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, freqüentemente na forma de oposições, no qual as identidades são construídas por meio de uma clara oposição entre “nós” e “eles”* (WOODWARD, 2003, p. 41). As moças, ao espiarem e cochicharem, começam a traçar essa linha divisória entre o que são e o que supõem que Raul e Saul sejam. No entanto, importa destacarmos que a diferença ao mesmo tempo que separa identidades e estabelece distinções entre elas, as constitui, ou seja, a

identidade depende da diferença. Como postula Hall (2003), a diferença é aquilo que é deixado de fora e que a identidade requer. A diferença é o exterior constitutivo da identidade.

Depois de destacado mais um posicionamento em relação à questão da homossexualidade e de termos percebido que a diferença é o exterior constitutivo da identidade, deixemos que o sujeito discursivo narrador da história nos conte mais sobre Raul e Saul. No trecho que veremos agora, o sujeito que narra a história continua destacando a proximidade, cada vez mais intensa, entre Raul e Saul.

Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto para mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para as duas e o relógio de ponto era implacável. Pouco tempo depois, com o pretexto de assistir a *Vagas estrelas da Ursa* na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando “*Io che non vivo*”, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quatinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? perguntou. Você não se sente só? Saul sorriu forte: a gente acostuma. (ABREU, 1982, p. 138).

Nesse fragmento, vemos que Raul, com o pretexto de assistir ao filme *Vagas estrelas da Ursa*, entra escondido na pensão de Saul. Ao tomarmos a palavra *pretexto*, trazida para o discurso pelo sujeito enunciatador, vemos que, na realidade, Raul queria mesmo era ficar perto de Saul, queria passar algumas horas ao seu lado. Como vemos no excerto, o filme não foi assistido, pois os dois não paravam de falar e de cantarolar *Io che non vivo*: mais uma canção que traz uma história de amor em sua letra e mais uma insinuação que aponta para a questão da homossexualidade. Para o sujeito discursivo, o nome da música *Io che non vivo* revela o sentimento de um pelo outro: amor. Nesse mesmo encontro, que se realizou às escondidas, Raul conheceu um pouco mais sobre Saul, viu seus desenhos, a reprodução de Van Gogh e terminou perguntando se Saul não se sentia sozinho vivendo naquele quatinho tão pequeno.

E Saul respondeu que havia se acostumado. Será mesmo? Vemos aqui o retorno da contradição, pois, assim como Raul, Saul também se sentia sozinho, triste, deslocado.

Após ter trazido para seu discurso o envolvimento cada vez mais intenso entre Raul e Saul, o sujeito discursivo que narra a história nos conta que os encontros, aos fins de semana, passaram de constantes a certos, ou seja, sempre aconteciam. E nesses encontros, Raul e Saul *almoçavam ou jantavam, bebiam, fumava, jogavam cartas, falavam o tempo todo* (ABREU, 1982, p. 139): tudo sempre acontecendo ao som de Raul que cantava *El dia que me quieras, Noche de ronda*. Saul, ao som de Raul, fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel – sabiá – que ficava pousado no seu dedo indicador. E, de acordo com o sujeito discursivo que relata a história, às vezes, Raul e Saul, olhavam-se e sempre sorriam. Olhares, sorrisos: eis uma cena romântica; uma cena que pode acontecer entre duas pessoas que estão se sentindo atraídas. A cena romântica nos vem à mente porque somos seres coletivos e sociais; sabemos que um relacionamento pode se iniciar por meio de olhares e de sorrisos (o jogo de sedução) e também por que estamos sendo influenciados pelo discurso do sujeito que narra a história. O que é essencial ser destacado é que somos normalmente remetidos a um contexto em que os olhares e sorrisos acontecem entre dois sujeitos heterossexuais, ou seja, entre dois sujeitos de sexo diferente: o que não acontece no contexto de *Aqueles dois*. Em *Aqueles dois*, temos dois sujeitos do mesmo sexo se olhando e sorrindo um para o outro. Eis a resignificação de um contexto amoroso romântico.

Dando seqüência ao seu discurso, o sujeito que relata a história traz um acontecimento bastante significativo para análise; um acontecimento que aponta para a natureza social e histórica dos discursos e para um determinado tipo de posicionamento diante da questão da homossexualidade. No fragmento que apresentaremos a seguir, veremos o sujeito que narra a história, mais uma vez, destaca saber tudo o que está acontecendo entre Raul e Saul.

Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas. Quando faltavam dez para as seis saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda. (ABREU, 1982, p. 139).

Por intermédio dessa passagem que finaliza a quarta parte do conto, percebemos que os colegas de repartição de Raul e de Saul – homens e mulheres – ficaram incomodados com os efeitos de sentidos decorrentes do fato de os dois terem chegado juntos para trabalhar e com os cabelos molhados. As moças nem mesmo falaram com eles; os funcionários trocaram olhares que, de acordo com o sujeito relator da história, não seriam compreendidos por Raul e Saul mesmo que os percebessem e piadas enigmáticas foram contadas. Como podemos perceber, Raul e Saul foram alvo de olhares, de comentários e de piadas enigmáticas. Por quê? Essa é a questão que levantamos nesse momento. O contexto imediato, trazido pelo discurso do sujeito relator da história, e todo o contexto já visto anteriormente nos levam à homossexualidade como sendo a causa do incômodo. Por terem reagido da forma que reagiram – com olhares cheio de significados, com cochichos e com piadas enigmáticas – os sujeitos observantes indicam o que possivelmente pensaram sobre Raul e Saul e percebemos que o que pensaram aponta para um determinado posicionamento diante da homossexualidade. Os sujeitos discursivos a que nos referimos indicam, por meio de suas atitudes, a maneira que significam a questão da homossexualidade: como algo negativo, estranho; como algo que causa espanto e piadas enigmáticas, objeto de preconceito e discriminação. Vemos que tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal apontam para o lugar discursivo em que esses sujeitos observantes estão inseridos: lugar onde a homossexualidade é condenada e julgada.

Importa, nesse instante de análise, enfatizarmos que os cochichos, os comentários e as piadas surgiram por causa de Raul e de Saul, ou seja, os sujeitos observantes foram afetados

por Raul e por Saul: eles foram afetados pela diferença. Vemos que o objetivo de mostrar que a diferença é o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso e de sua identidade pode ser comprovado também nesse espaço discursivo.

Em relação à esse excerto, gostaríamos de destacar uma questão que indica a existência de uma subjetividade, socialmente construída, nos atos de qualquer sujeito. Ao suspeitarem da homossexualidade entre Raul e Saul, os sujeitos que estavam trabalhando na repartição revelam, por meio de suas atitudes, sua inscrição em um determinado lugar discursivo. Esse lugar discursivo é um lugar social onde crenças, valores e costumes específicos podem ser encontrados. Vislumbramos que o lugar social onde os sujeitos, aqui em foco, se encontram traz discursos preconceituosos acerca da questão da homossexualidade. Há, pois, nas vozes, uma subjetividade coletiva, uma subjetividade que indica que a natureza das vozes é social e histórica. Após termos detectado um posicionamento específico em relação à homossexualidade e após termos percebido que a diferença é o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso e de sua identidade, damos seqüência à análise de *Aqueles dois* e assim trazemos a passagem que abre a quinta parte do conto.

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa. (ABREU, 1982, p. 139).

Por intermédio da análise desse excerto, vemos que Raul e Saul se tornaram grandes amigos. Interessante focarmos a questão dos presentes dados e recebidos na época dos aniversários tanto de Raul quanto de Saul. Quando Saul fez aniversário, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. Quando Raul fez aniversário, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Sabemos que a gaiola com Carlos Gardel e a reprodução de Van Gogh fazem parte,

respectivamente, do mundo de Raul e de Saul. Raul adorava seu sabiá (sua companhia antes da chegada de Saul) e Saul adorava a reprodução, feita por ele mesmo, de Van Gogh. Como sabemos, Raul deu a Saul sua gaiola com seu sabiá e Saul deu a Raul sua reprodução de Van Gogh. Os dois, nessa troca de presentes, nos mostram a cumplicidade, a amizade sincera que havia entre eles, pois, esse tipo de presente, que porta sentimento, afeto, só é dado a pessoas que realmente são admiradas e queridas.

Confirmada a grande amizade que havia entre Raul e Saul, passamos a focar o acontecimento que ocorreu entre os dois aniversários.

No Norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando estranho, ele é que devia estar de luto. (ABREU, 1982, p. 139-140).

Raul perde a mãe e isso faz com que Saul fique longe de Raul por uma semana. A ausência de Raul, de acordo com o sujeito discursivo relator da história, desorientou Saul, o fez vagar pelos corredores da firma sempre a espera de um telefonema. Tomando o excerto citado, vemos que Saul não conseguia se concentrar, não conseguia fazer nada daquilo que tinha que fazer: ficou bastante abalado com a ausência do companheiro e isso afetou o seu desempenho no trabalho. Em casa, Saul, durante a ausência do amigo, gastou seu tempo assistindo novelas vadias e desenhando olhos cada vez mais enormes enquanto acariciava Carlos Gardel. Percebemos, levando em consideração o discurso do sujeito relator da história, que Saul sentia profundamente a falta de Raul e não via a hora de vê-lo novamente. Para o sujeito discursivo relator da história, Saul estava demonstrando muito mais que um sentimento de amizade: estava demonstrando seu amor por Raul. Outra questão encontrada na passagem,

aqui em foco, e que indica descontrole de Saul diante da ausência do grande amigo é o fato de ter bebido bastante durante a semana da ausência – por não ter o amigo para conversar e por não encontrar nada interessante para fazer, Saul acaba bebendo. Estamos diante de uma questão bastante comum no meio social: a bebida sendo usada como um paliativo para a dor.

Ainda em relação a esse fragmento, é essencial considerarmos para a análise sua parte final. Nessa parte, o sujeito enunciativo nos conta que Saul teve um sonho. Nesse sonho, Saul caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras, com exceção de Raul que estava todo de branco. Raul, além de estar usando uma cor oposta àquela usada por todas as outras pessoas da repartição, estava com os braços abertos para acolher Saul. E assim se abraçaram fortemente e ficaram tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Eis o sonho sonhado por Saul na semana em que Raul estava ausente. Como já conhecemos a história de *Aqueles dois*, sabemos que esse sonho é bastante enigmático e revelador, pois, Raul e Saul são, no fim, condenados por todos os colegas de repartição (a cor preta simbolizando algo negativo, nebuloso) e terminam juntos, um do lado do outro, assim como no sonho. Vemos na última frase dessa passagem que Saul acordou achando que o sonho que havia tido havia sido estranho, pois quem deveria estar de luto era Raul e não os colegas da repartição. Como o sujeito discursivo relator da história defende nem Saul nem Raul conseguem enxergar e entender a situação em que se encontram: um envolvimento homossexual; envolvimento esse condenado pelos colegas da repartição.

Finalizando a análise desse excerto, podemos chegar, por intermédio do sonho de Saul, na simbolização do preconceito (a cor preta) sendo trazido pelos colegas de repartição e na visualização das vítimas do preconceito: os dois que se abraçaram fortemente.

Dando continuidade, trazemos mais uma passagem que faz parte da quinta parte de *Aqueles dois*.

Raul voltou sem luto. Numa sexta-feira de tardezinha, telefonou para a repartição pedindo a Saul que fosse vê-lo. A voz de baixo profundo parecia ainda mais baixa e mais profunda. Saul foi. Raul tinha deixado a barba crescer. Estranhamente, em vez de parecer mais velho ou mais sério, tinha um rosto quase de menino. Beberam muito nessa noite. Raul falou longamente da mãe – eu podia ter sido mais legal com ela, coitada, disse, e não cantou. Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou aquilo que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender. (ABREU, 1982, p. 140).

Ao tomarmos esse frafmento para análise, encontramos várias informações. A primeira delas se refere ao telefonema que Raul fez à repartição para pedir a Saul que fosse vê-lo. Vemos, com essa informação, que Raul precisava de Saul ao seu lado, precisava, assim como Saul, de sua presença. Outra informação, decorrente dessa, refere-se à ida de Saul à quitinete de Raul. Em seguida, enfatiza-se a aparência de Raul que, mesmo com barba, não perdeu seu ar de menino. Somos informados de que Raul e Saul beberam muito nessa noite; beberam para aliviar a dor e para comemorar o reencontro dos dois. Raul, durante essa noite, falou muito na mãe e se queixou da forma como havia sido com ela: diz que poderia ter sido mais legal. Pela tristeza deixava pela morte da mãe, nessa noite Raul não cantou. Ainda nessa passagem, o sujeito discursivo narrador da história nos conta, que quando Saul estava indo embora, Raul começou a chorar. Diante de tanto sofrimento, Saul estendeu a mão – um ato de amizade – e, sem querer, seus dedos tocaram a barba crescida de Raul e, *sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente*.

O sujeito discursivo, mais uma vez, destaca que Raul e Saul não sabiam ao certo o que estava acontecendo entre eles. Como já aludimos previamente, quando o sujeito discursivo relator da história enfatiza que Raul e Saul não tinham preparo para compreender o que estava acontecendo entre eles e que não sabiam nomear as emoções que estavam sentindo, ele indica sua compressão, seu entendimento em relação a essa questão: daí a hipótese levantada da

homossexualidade desse sujeito e a questão de esse sujeito trazer a história entre Raul e Saul da forma que traz: apontando para a homossexualidade entre ambos. Percebemos, por meio de todas as passagens até o momento analisadas, que a questão da sexualidade atravessa todo o percurso discursivo do sujeito relator da história. A questão da sexualidade, assim como vimos em *Terça-feira gorda* e em *Além do ponto*, é a problemática maior.

Após terem se abraçado durante um longo tempo, afastaram-se. *Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como, você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes – ninguém, mundo, sempre ...* (ABREU, 1982, p. 140). Interessante nos atentarmos ao proferimento que o sujeito enunciator disse ter sido proferido por Raul: *eu não tenho mais ninguém*. Estamos diante de um proferimento ambíguo, pois, dele, podemos entender que Raul não tinha mais ninguém no mundo a não ser Saul ou que ele acreditava não ter realmente ninguém no mundo, nem mesmo Saul. Saul, ouvindo o que ouviu de Raul, prontamente disse: *você tem a mim agora, e para sempre*. Vemos que Saul não percebe a ambiguidade do proferimento e por isso diz o que diz. O proferimento de Saul aponta para sua consideração em relação a Raul, sua amizade, sua sinceridade e sua vontade de sempre poder estar por perto para ajudar. Importa destacarmos que para o sujeito discursivo relator da história não há entre Raul e Saul apenas uma amizade, mas sim uma amizade associada à uma atração, a um envolvimento íntimo e amoroso.

Continuando seu discurso, o sujeito relator da história nos conta que:

Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa, acariciou Carlos Gardel até que começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde. (ABREU, 1982, p. 140).

Levando em consideração todo o percurso discursivo do sujeito relator da história, Saul começa a perceber a importância da figura de Raul em sua vida e a falta que sente de Raul.

Para o sujeito relator da história, mais um indício que aponta para a questão da homossexualidade.

Pautando-nos nas considerações tecidas até o momento, passamos à sexta e última parte de *Aqueles dois*. Nessa parte, cheia de acontecimentos, somos remetidos ao sonho de Saul e a concepções acerca da homossexualidade. Vejamos, passo a passo, essa parte.

Depois chegou o Natal, o Ano-Novo que passaram juntos, recusando convites dos colegas de repartição. Raul deu a Saul uma reprodução do *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, que ele colocou na parede exatamente onde estivera o quadro de Van Gogh. Saul deu a Raul um disco chamado *Os grandes sucessos de Dalva de Oliveira*. A faixa que mais ouviram foi “Nossas vidas”, prestando atenção naquele trechinho que dizia *até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou*. (ABREU, 1982, p. 141).

Por meio dessa passagem, deparamo-nos com uma amizade forte e consolidada; uma amizade que se bastava, pois Raul e Saul pareciam não precisar de mais ninguém em volta para serem felizes. Os dois se completavam. Na noite de 31 de dezembro, na quitinete de Raul, Raul e Saul fizeram um brinde à amizade entre eles e disseram que ela nunca iria terminar. Nessa mesma noite, beberam em excesso. Na hora de dormir, Saul falou a Raul que iria dormir nu. Raul, ao ver o corpo nu de Saul, disse: *you tem um corpo bonito*. E Saul respondeu: *you também*. Como somos seres sociais, culturais e históricos e como vivemos em uma sociedade com crenças específicas e valores determinados, sabemos que esse tipo de declaração, normalmente, é aceito entre sujeitos de sexo diferente e não entre sujeitos de mesmo sexo. Essa não aceitação se dá por uma questão cultural que defende a idéia de que um homem não pode dizer que o outro é bonito, sensual, interessante: “pega mal” e gera desconfiança em relação à sexualidade dos sujeitos. Esse tipo de discurso, que se encontra na memória discursiva de um povo, circulou na década de 1970 e na de 1980 e ainda circula: o que nos leva a perceber que, mesmo uma sociedade passando por inúmeras mudanças, sempre existirão, no seio social, enfrentamento, tensão e conflito. Daí a impossibilidade de se viver

plenamente a liberdade de expressão e de escolha a não ser por intermédio do enfrentamento, da resistência, do embate. Diante das declarações proferidas por Raul e por Saul, somos remetidos à questão da homossexualidade: questão central na história apresentada.

Após o proferimento das declarações a respeito da beleza dos corpos de Raul e de Saul, o discurso do sujeito relator da história prossegue. Vejamos, então, o que aconteceu depois das declarações.

Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã Saul foi embora sem se despedir, para que Raul não percebesse suas fundas olheiras. (ABREU, 1982, p. 141).

Vemos que nem Raul e Saul conseguiram dormir, descansar da noite que passou. Ficaram acordados, quase a noite inteira, um podendo *ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados*. Passaram a noite a fumar e esse fato aponta para o desconcerto, para a ansiedade tanto de Raul quanto de Saul. De acordo com o sujeito discursivo relator da história, eles estavam no processo da descoberta do que estava acontecendo entre eles: a descoberta de uma nova sexualidade.

Alguns dias se passaram após a passagem de ano e as férias que Raul e Saul haviam programado estavam chegando. No entanto, algo os surpreenderam naquela manhã de janeiro: o chefe de seção os chamou.

Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atendo Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra *nunca*, antes que o chefe, depois de coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários, declarasse frio: os senhores estão despedidos. (ABREU, 1982, p. 141, 142).

Cartas anônimas que traziam declarações que apontam para a homossexualidade de Raul e de Saul foram o motivo da demissão dos dois. O chefe se recusou a mostrar as cartas, mas proferiu algumas expressões que estavam nelas escritas: “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”. O chefe ainda destaca que as cartas eram sempre assinadas por alguém que se intitulava Um Atento Guardião da Moral. Antes de focarmos a reação de Raul e de Saul diante da atitude do chefe, gostaríamos de nos ater às expressões que o chefe disse estarem escritas nas cartas anônimas. Ao analisarmos essas expressões, vemos que elas trazem palavras com carga semântica negativa. Como sabemos que tais expressões foram escritas por causa da suspeita de um envolvimento homossexual entre Raul e Saul, chegamos à seguinte interpretação: a homossexualidade é significada como anormal, como ostensiva, como uma aberração e como doença. A questão da homossexualidade não é aceita, é, aliás, condenada, abominada. Assim, podemos dizer que há preconceito nas expressões acima mencionadas.

Por meio das expressões que faziam parte das cartas anônimas, somos remetidos a uma série de discursos que circularam e que ainda circulam na sociedade brasileira: discursos que trazem a homossexualidade como doença, como mal a ser destruído, banido do seio social; discursos que significam essa questão pejorativamente. Percebemos, mais uma vez, que a liberdade de expressão e de escolha pregadas no final da década de 1970 e na década de 1980 não se concretizam plenamente. Tanto o chefe, o dito Atento Guardião da Moral, quanto todos os colegas de repartição de Raul e de Saul se posicionam em relação à homossexualidade da mesma maneira: preconceituosamente. E diante desse posicionamento, vislumbramos a fortificação de um padrão de sexualidade: o heterossexual.

Ainda em relação ao posicionamento do chefe e dos colegas de repartição diante da questão da homossexualidade, percebemos que eles foram e são afetados por Raul e por Saul, foram e são afetados pela homossexualidade que acreditam fazer parte do relacionamento

entre os dois amigos. Eis aqui a questão de a diferença ser o exterior constitutivo do sujeito, de seu discurso e de sua identidade, ou seja, eles agem da forma que agem porque são afetados pela diferença, pelo Outro.

Levando em consideração o acontecimento que foi a causa da demissão de Raul e de Saul, damos continuidade à análise da passagem citada acima e passamos a focar a atitude de Raul e de Saul diante das declarações. Saul baixou os olhos desmaiados diante do que ouvia. No entanto, Raul, ao contrário de Saul, levantou de um salto e disse a palavra *nunca*. Nunca! Essa palavra traz diferentes efeitos de sentido para o contexto: pode ser interpretada como uma negação da homossexualidade de Raul e de Saul; pode ser interpretada como uma negação das expressões que significam um relacionamento homossexual como anormal, como aberração. Não é possível precisarmos o que Raul intentou com o proferimento da palavra *nunca*, mas podemos perceber em sua atitude uma defesa, uma não aceitação do que estava ouvindo. Depois que Raul se levantou e proferiu a palavra *nunca*, o chefe ainda disse *coisas como a-reputação-de-nossa-firma* ou *tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários*. O chefe ao proferir essas expressões fortifica seu posicionamento preconceituoso diante da suspeita de uma relação homossexual entre Raul e Saul e assim os despediu.

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala vazia na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de enormes olhos sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo a letra de “Tu me acostumbraste”, escrita por Raul numa tarde qualquer de agosto e com algumas manchas de café. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio. Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos nas janelas, a camisa branca de um e a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai! Alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina. (ABREU, 1982, p. 142).

Raul e Saul saíram daquele prédio diante dos olhares dos colegas que estavam todos nas janelas. Essa atitude confirma a questão de os sujeitos serem afetados e constituídos pela

diferença, pelo Outro. Diante da cena que assistiam pelas janelas, um dos colegas proferiu *ai-ai*: declaração que aponta para a não aprovação do que estava vend. Raul e Saul não ouviram o *ai-ai* proferido do alto, pois o táxi que haviam pegado já tinha dobrado a esquina.

E assim chegamos ao final da narrativa da história entre Raul e Saul.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram. (ABREU, 1982, p. 142).

Nesse trecho, vemos que todos que trabalhavam na repartição não conseguiram ter paz, não conseguiram ser felizes após a condenação e a demissão de Raul e de Saul. Diferentemente do que aconteceu com Raul e Saul. Se começaram um relacionamento amoroso ou se permaneceram apenas grandes e inseparáveis amigos, não sabemos. Aliás, isso não importa, o que importa é que não deixaram de sair juntos da repartição por causa de declarações preconceituosas.

Pautando-nos em toda a análise desenvolvida de *Aqueles dois*, vimos, assim como em *Terça-feira gorda* e em *Além do ponto*, que a tensão, o conflito e o embate foram trazidos pela questão da sexualidade. Pudemos identificar diferentes perspectivas ideológicas diante da homossexualidade: a do sujeito discursivo relator da história, por exemplo, apontando para o não preconceito diante dessa questão e a dos colegas de repartição de Raul e Saul apontando para a intolerância e discriminação. Vimos também que mesmo havendo diferença na maneira de significar a homossexualidade, ela é constitutiva dos sujeitos. Quando o sujeito discursivo relator da história traz a questão da homossexualidade entre Raul e Saul ele se mostra afetado por discursos que condenam essa questão, por isso buscou destacar, durante seu percurso, que Raul e Saul iriam sofrer discriminação e preconceito quando os outros comessem a perceber o que havia, além da amizade. Durante o percurso analítico de *Aqueles dois*, vimos que o

preconceito aparece primeiramente no discurso do sujeito narrador da história e depois nos cochichos, nos olhares, nas piadas dos colegas e na demissão pelo chefe. Temos a confirmação da hipótese levantada nessa dissertação, pois, percebemos que em qualquer posicionamento há rastros de discursos outros, rastros da outridade, ou seja, da diferença. Em consequência, vislumbramos que a diferença é o exterior constitutivo dos sujeitos, de seus discursos e de suas identidades.

Outro ponto que pudemos encontrar em *Aqueles dois*, relaciona-se à subjetividade coletiva. Deparamo-nos com a coletividade em todo percurso discursivo do conto e assim percebemos o lugar discursivo em que os sujeitos estavam inseridos e inscritos. Vimos também que o sujeito se contradiz e busca a todo momento apagar a questão da heterogeneidade constitutiva. O sujeito tem a ilusão de controle do discurso que profere e dos sentidos que dele podem surgir. Vislumbramos também que a impossibilidade de se viver plenamente a liberdade de expressão e a de escolha, pois, sempre há embates, resistência e enfrentamentos no seio social; sempre há a heterogeneidade.

Enfim, assim como em *Terça-feira gorda* e em *Além do ponto*, pudemos, por meio da análise de *Aqueles dois*, encontrar a confirmação da hipótese levantada e também alcançar os objetivos propostos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos as considerações finais do presente trabalho, destacando que os resultados alcançados, com a edificação de nossa pesquisa, são frutos de uma forma, dentre inúmeras, de abordar e interpretar os vários aspectos presentes tanto no arcabouço teórico quanto no *corpus* de pesquisa. Ao pesquisar, interpretamos, e, como postula Gregolin (2000a), interpretar é ao mesmo tempo codificar os signos e desvendar sentidos exteriores ao texto. Como a interpretação é *leitura de vestígios que exibem a rede de discursos que envolvem os sentidos, que leva a outros textos, que estão sempre à procura de suas fontes, em suas citações, em suas glosas, em seus comentários* (GREGOLIN, 2000a, p. 61), os sentidos nunca são definitivos, acabados, fechados. Sempre há, segundo (Gregolin 2000a), aberturas por onde outros sentidos podem surgir. Posto isso, vislumbramos os limites de nossa pesquisa, mas acreditamos que ela possa, de uma forma ou de outra, acrescentar algo para seus possíveis leitores, seja algo relacionado à teoria ou algo concernente à questão da homossexualidade.

A pesquisa que desenvolvemos abordou a questão da homossexualidade – questão socialmente posta, que faz parte da História e da vida de muitas pessoas e que ao longo da História tem sido exibida de inúmeras formas, com várias nuances – no campo discursivo da arte da palavra, ou seja, no campo literário. Como vimos durante o processo analítico de pesquisa, o *corpus* escolhido para análise se insere no contexto sócio-histórico-ideológico do final da década de 1970 e de toda a década de 1980; contexto caracterizado por uma série de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Como abordamos na Introdução de nossa dissertação, houve, nesse período, um reavivar das esperanças, das crenças em um país igualitário, melhor, uma nação nova. Houve um desejo de se viver plenamente a liberdade de expressão e de escolha. No entanto, vimos, por intermédio da análise de *Terça-feira gorda*, de *Além do ponto* e de *Aqueles dois*, a impossibilidade de se viver plenamente a liberdade de

expressão e de escolha, pois qualquer espaço sócio-histórico-ideológico é marcado por diferenças, por contradições, por enfrentamentos, por embate. Pudemos perceber que o homossexual passou a buscar seu espaço socialmente e passou a buscar seus direitos. Pudemos perceber também que diferentes discursos, acerca da homossexualidade, circularam nos espaços discursivos analisados como *corpus* de pesquisa, inclusive os discursos materializados por homossexuais: o que mostrou que a voz homossexual passou a ser historicizada; que o homossexual passou a materializar discursos acerca de sua própria sexualidade. No entanto, não podemos deixar de mencionar que houve, nesse contexto em que “novos” discursos surgiram, tensão, embates, enfrentamentos entre diferentes maneiras de significar a questão aqui em foco: a temática da homossexualidade apareceu sob diferentes perspectivas ideológicas.

A partir dessas considerações, passamos a focar a hipótese de nossa pesquisa, os objetivos propostos e os resultados alcançados.

A presente pesquisa teve como ponto de partida a hipótese de que o discurso homossexual, mesmo buscando significar a homossexualidade de uma forma positiva, não preconceituosa, seria afetado por discursos que circulam na sociedade e que representam e significam essa questão negativamente (esses discursos trazem o preconceito), ou seja, ele seria afetado pela sua diferença. Levando em consideração os postulados de Michel Pêcheux, de Michel Foucault, de Authier-Revuz e as proposições levantadas por Stuart Hall, Tomás Tadeu da Silva e por Kathryn Woodward acerca da diferença e da identidade, verificamos a confirmação da hipótese, pois, o preconceito pôde ser encontrado nos discursos de sujeitos homossexuais, ou seja, esses discursos foram afetados pela sua diferença.

Em relação aos objetivos propostos, verificamos que a temática homossexual apareceu, nos contos analisados, sob diferentes perspectivas ideológicas. Verificamos que os primeiros vestígios de preconceito surgiram em discursos de sujeitos homossexuais: o que, mais uma

vez, indicou que esses sujeitos, mesmo não significando a homossexualidade como algo negativo, foram afetados por discursos que significam essa questão de uma maneira negativa, preconceituosa. Detectamos, por intermédio da análise das diferentes vozes (discursos) presentes nos três espaços discursivos, diferentes posicionamentos acerca da homossexualidade: posicionamentos que apontaram para o preconceito e posicionamentos que apontaram para o não preconceito. No entanto, mesmo encontrando esses posicionamentos que se opõem, se contrastam, vimos que não houve uma dicotomia estanque entre tais posicionamentos, pois eles se afetaram e se constituíram. Em consequência, vimos que o Outro (a diferença), o que não é, por mais que seja negado, não deixa de ser um elemento constitutivo das identidades, dos sujeitos e de seus discursos. Verificamos também que os sujeitos falham (a questão do inconsciente), se contradizem, resistem. Verificamos que a liberdade não pôde, no espaço discursivo analisado como *corpus* de pesquisa, ser vivida em sua plenitude porque houve, nas relações, tensão, embate; houve diferenças; houve jogo de poder. Percebemos, assim, que não houve a homogeneidade, mesmo que tenha havido o desejo de atingi-la. O que houve foi a heterogeneidade. Em relação à subjetividade coletiva, percebemos que houve, nos diferentes discursos, uma coletividade, um mundo social que apontou para o lugar de onde os sujeitos falavam e para o lugar em que estavam inseridos.

Como vimos, nosso objetivo maior foi analisar discursos de sujeitos homossexuais para percebermos como significam a questão da homossexualidade. No entanto, como partimos da idéia de que os discursos seriam afetados pela diferença, percebemos a necessidade e a importância de analisarmos todos os discursos de todos os sujeitos sendo eles homossexuais ou não. Verificamos que tanto os discursos dos sujeitos homossexuais quanto os dos heterossexuais foram afetados pela diferença: exterior que constitui a identidade, o sujeito e seu discurso.

Antes de finalizarmos, gostaríamos de destacar que o homossexual, nos espaços discursos analisados como *corpus* de pesquisa, materializou discursos acerca de sua própria sexualidade e significou a homossexualidade de diferentes formas, ou seja, ele ousou dizer seu nome.

Chegamos à conclusão de *Sobre o amor que “não” ousa dizer o nome*, com uma sensação de tarefa cumprida, mas não concluída, pois, sabemos que *os sentidos nunca se dão em definitivo* e que sempre há *aberturas por onde é possível o movimento da contradição, do deslocamento e da polêmica*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1- Bibliografia Consultada

ABRE, Caio Fernando. Cartas. In: MORICONI, Italo (org). **Caio Fernando Abreu: cartas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 532p.

_____. **Morangos Mofados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 152 p.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001. 220 p.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cad. Est. Ling.** Campinas, 1990, v. 19, jul/dez, p. 25-42.

BAKHITN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1992. 196 p.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 421p.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: _____. **O rumor da Língua**. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 49-53.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: ____ (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: EDUNCAMP, 1997, p. 91-104.

CARVALHO, Gilmar de. Alteridade e Paixão. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 66, fev./2003, p. 32-39.

CHARTIER, R. Figuras do Autor. In: _____. **A ordem dos livros**. Brasília: Ed. da UNB, 1998. p. 33-65.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005. 117p.

_____. Os sujeitos e os discursos na história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves [et al.], (org.) **Sujeito, Identidade e Memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 111-122.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio eletrônico século XXI**.

FOUCAULT, Michel. Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: _____. **Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 72-118.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 11. ed. São Paulo: Loyola, 1996. 79 p.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, p. 231-249.

_____. **A Arqueologia do Saber**. São Paulo: Forense Universitária, 1995b. 238 p.

_____. **O que é um autor?** 2. ed. Vega: Passagens, 1992. 87 p.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 407p.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983. 125 p.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos**. São Carlos: Claraluz, 2004. 220 p.

_____. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 21-34.

_____. Sentido, Sujeito e Memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: _____. **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2000a. p. 60-78.

_____. Recitações de Mitos: a História na lente da mídia. In: ____ (org.). **Filigranas do Discurso: as vozes da História**. São Paulo: Cultura Acadêmica / Araraquara: Laboratório Editorial, 2000b, p. 19-34.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 103-133.

INDURSKY, Freda. A Fragmentação do sujeito em Análise do Discurso. In: ____ . **Discurso, Memória e Identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000. p. 70-81.

MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. **ArtCultura**, vol. 4, n. 4, jun./2002, p. 10-17.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997. 317p.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990a. 68p.

_____. Lecture et mémoire: project de recherche. In: MALDIDIER, Denise. **L'inquiétude du Discours – textes de Michel Pêcheux**. Paris: Éditions des Cendres, 1990b, p. 285-293.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUCAMP, 1990c, p. 311-318.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005. 96p.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, V. e NAVARRO-BARBOSA, P. M. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 159-179.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 73-102.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Tradução de Rubem Mauro Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. 417 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 7-72.

2- Bibliografia Geral

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: discurso na vida e o discurso na arte. In: DIETZSCH, Mary Júlia (org.) **Espaços da linguagem na educação**. São Paulo, Humanitas, 1999, p. 11-39.

_____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 11-27.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 8. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. 96 p.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 7-37.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 31-61.

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria – literatura e senso comum**. Belo Horizonte: EDUEFMG, 1999. p. 29-98.

COSTA, Hermes Honório. **Um olhar sobre “A mão de Sancha”**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2004. 132 p.

GADET, F. HAK.T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: EDUCAMP, 1990. 318p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Lingüística e História: formação e funcionamentos discursivos. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. (org.). **Análise do discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004, p. 43-70.

_____. A Constituição da Análise do Discurso na Linguística. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção [et al.], (org.) **Lingua(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 33-46.

FOUCAULT, Michel. Linguagem e Literatura. In: MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 139-174.

_____. A Linguagem ao infinito. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Michel Foucault – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (Ditos & Escritos III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 47-59.

_____. O Pensamento do Exterior. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Michel Foucault – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (Ditos & Escritos III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 219-246.

_____. Outros Espaços. In: MOTTA, Manoel Barros (org.). **Michel Foucault – Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. (Ditos & Escritos III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, João Bôscio Cabral (org.) **Análise do discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004, p. 19-42.

GUIMARÃES, Selma Sueli Santos. **A intertextualidade em Clarice Lispector: uma visão contemporânea da narrativa bíblica**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2002. 118 p.

HEE, Carlos. A via crucis do escritor gay. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 66, fev./2003, p. 64-65.

LAJOLO, Marisa. Sociedade e Literatura: parceria sedutora e problemática. In: ORLANDI, E. P.; LAJOLO, Marisa; IANNI, Octavio (org). **Sociedade e Linguagem**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997. p. 63-92.

LEAL, Bruno Souza. **A metrópole e a paixão do estrangeiro: identidade e sexualidade em trânsito em contos de Caio Fernando Abreu**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1995. 138p.

LE MOS, Saulo. Sendas do homoerotismo. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 66, fev./2003, p. 40-47.

MAINGUENEAU, D. **Elementos de lingüística para o texto literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996a. 212 p.

_____. **Pragmática para o discurso literário**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996b. 205 p.

_____. A cenografia. In: _____. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 121-136.

_____. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1989. 198 p.

MALDIDIER, D. **Reler Pêcheux Hoje**. Campinas: EDUNICAMP, 2003. 110 p.

MELO, Fabíola Cristina. **Deslocamentos da Morte à Vida e outros sentidos em Florbela Espanca**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2004. 114 p.

MUCHAIL, Salma Tannus. Um filósofo que pratica histórias. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 81, junho/2004, p. 47-48.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2004, p. 101-142.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001. 100 p.

PENNA, João Camillo. Um presente nos Estados Unidos. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 81, junho/2004, p. 53-56.

PINTO, Manuel da Costa. Sexualidades pós-modernas. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 66, fev./2003, p. 48-51.

_____. Para além do gueto. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 66, fev./2003, p. 52-53.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 1. ed. São Paulo: Martins Pontes, 1988. 218p.

RIBEIRO, Renato Janine. Foucault, político. **Revista CULT**. Dossiê. Editora 17, Ano VI, n. 81, junho/2004, p. 44-46.

SANTOS, João Bôsko Cabral. Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves & SANTOS, João Bôsko Cabral (org.) **Análise do discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004, p. 109-118.

SILVA, Luiz Sérgio. A Representação da Homossexualidade em “Bom-crioulo”. In: SANTOS, Regam Maria. **História e Linguagens: literatura, música, oralidade, cinema**. Uberlândia: Aspectus, 2003. p. 115-152.

ANEXO A

Terça-feira Gorda

Para Luiz Carlos Góes

De repente ele começou a sambar bonito e veio vindo para mim. Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo confirmação. Confirmei, quase sorrindo também, a boca gosmenta de tanta cerveja morna, vodca com coca-cola, uísque nacional, gostos que eu nem identificava mais, passando de mão em mão dentro dos copos de plástico. Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã com purpurina na cara, Oxaguiã segurando a espada no braço levantado, Ogum Beira-Mar sambando bonito e bandido. Um movimento que descia feito onda dos quadris pelas coxas, até os pés, ondulado, então olhava para baixo e o movimento subia outra vez, onda ao contrário, voltando pela cintura até os ombros. Era então que sacudia a cabeça para mim, cada vez mais perto.

Eu estava todo suado. Todos estavam suados, mas eu não via mais ninguém além dele. Eu já o tinha visto antes, não ali. Fazia tempo, não sabia onde. Eu tinha andado por muitos lugares. Ele tinha um jeito de quem também tinha andado por muitos lugares. Num desses lugares, quem sabe. Aqui, ali. Mas não lembraríamos antes de falar, talvez também nem depois. Só que não havia palavras. Havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele chegar cada vez mais perto.

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo. Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pêlos, os dois. Os pêlos

molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto, falou qualquer coisa. O quê, perguntei. Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. Eu estendi a mão aberta, passei no rosto dele, falei qualquer coisa. O quê, perguntou. Você é gostoso, eu disse. Eu era apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o dele, que por acaso era de homem também.

Eu queria aquele corpo de homem sambando suado bonito ali na minha frente. Quero você, ele disse. Eu disse quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol. Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam.

Entreaberta, a boca dele veio se aproximando da minha. Parecia um figo maduro quando a gente faz com a ponta da faca uma cruz na extremidade mais redonda e rasga devagar a polpa, revelando o interior rosado cheio de grãos. Você sabia, eu falei, que o figo não é uma fruta mas uma flor que abre para dentro. O quê, ele gritou. O figo, repeti, o figo é uma flor. Mas não tinha importância. Ele enfiou a mão dentro da sunga, tirou duas bolinhas num envelope metálico. Tomou uma e me estendeu a outra. Não, eu disse, eu quero minha lucidez de qualquer jeito. Mas estava completamente louco. E queria, como queria aquela bolinha química quente vinda direto do meio dos pentelhos dele. Estendi a língua, engoli. Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos.

Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar. A música era só um tumbumtum de pés e tambores batendo. Eu olhei para cima e mostrei olha lá as Plêiades, só o que eu sabia ver, que nem raquete de tênis suspensa no céu. Você vai pegar um resfriado, ele falou com a mão no meu ombro. Foi então que percebi que não usávamos máscara. Lembrei que tinha lido em algum lugar que a dor é a única emoção que não usa máscara. Não sentíamos dor, mas aquela emoção que não daquela hora ali sobre nós, e eu nem sei se era alegria, também não usava máscara. Então pensei devagar que era proibido ou perigoso não usar máscara, ainda mais no Carnaval.

A mão dele apertou meu ombro. Minha mão apertou a cintura dele. Sentado na areia, ele tirou da sunga mágica um pequeno envelope, um espelho redondo, uma gilete. Bateu quatro carreiras, cheirou duas, me estendeu a nota enroladinha de cem. Cheirei fundo, uma em cada narina. Lambeu o vidro, molhei as gengivas. Joga o espelho pra Iemanjá, me disse. O espelho brilhou rodando no ar, e enquanto acompanhava o vôo fiquei com medo de olhar outra vez para ele. Porque se você pisca, quando torna a abrir os olhos o lindo pode ficar feio. Ou vice-versa. Olha pra mim, ele pediu. E eu olhei.

Brilhávamos, os dois, nos olhando sobre a areia. Te conheço de algum lugar, cara, ele disse, mas acho que é da minha cabeça mesmo. Não tem importância, eu falei. Ele falou não fale, depois me abraçou forte. Bem de perto, olhei a cara dele, que olhada assim não era bonita nem feia: de poros e pêlos, uma cara de verdade olhando bem de perto a cara de verdade que era a minha. A língua dele lambeu meu pescoço, minha língua entrou na orelha dele, depois se misturaram molhadas. Feito dois figos maduros apertados um contra o outro, as sementes vermelhas chocando-se com um ruído de dente contra dente.

Tiramos as roupas um do outro, depois rolamos na areia. Não vou perguntar teu nome, nem tua idade, teu telefone, teu signo ou endereço, ele disse. O mamilo duro dele na minha boca, a cabeça dura do meu pau dentro da mão dele. O que você mentir eu acredito, eu disse,

que nem marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor.

E brilhamos.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. Quis tomá-lo pela mão, protegê-lo com meu corpo, mas sem querer estava sozinho e nu correndo pela areia molhada, os outros todos em volta, muito próximos.

Fechando os olhos então, como num filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele, sambando, vindo em minha direção. Depois as Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos.

ANEXO B

Além do Ponto

Para Lívio Amaral

Chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares, só levava uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito, parece falso dito desse jeito, mas bem assim eu ia pelo meio da chuva, uma garrafa de conhaque na mão e um maço de cigarros molhados no bolso. Teve uma hora que eu podia ter tomado um táxi, mas não era muito longe, e eu pensei com força então que seria melhor chegar molhado da chuva, porque aí beberíamos o conhaque, fazia frio, nem tanto frio, mais umidade entrando pelo pano das roupas, pela sola fina esburacada dos sapatos, e fumaríamos beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. Mas chovia ainda, meus olhos ardiavam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pêlos, eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as pernas geladas. Tão geladas as pernas e os braços e a cara que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, mas não queria chegar na casa dele meio bêbado, hálito fedendo, não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, e eu andava, todo dia um bom pretexto, e fui pensando também que ele ia pensar que eu andava sem dinheiro, chegando a pé naquela chuva toda, e eu andava, estômago dolorido de fome, e eu não queria que ele pensasse que eu andava insone, e eu andava, roxas olheiras, teria que ter cuidado com o lábio inferior ao sorrir, se sorrisse, e quase certamente sim, quando o encontrasse, para que não

visse o dente quebrado e pensasse que eu andava relaxando, sem ir ao dentista, e eu andava, e tudo que eu andava fazendo e sendo eu não queria que ele visse nem soubesse, mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era. Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, ou parar para sempre ali mesmo naquela esquina cinzenta que eu tentava atravessar sem conseguir, os carros me jogando água e lama ao passar, mas eu não podia, ou podia mas não devia, ou podia mas não queria ou não sabia mais como se parava ou voltava atrás, eu tinha que continuar indo ao encontro dele, que abriria a porta, o sax gemido ao fundo e quem sabe uma lareira, pinhões, vinho quente cim cravo e canela, essas coisas do inverno, e mais ainda, eu precisava deter a vontade de voltar atrás ou ficar parado, pois tem um ponto, eu descobria, em que você perde o comando das próprias pernas, não é bem assim, descoberta tortuosa que o frio e a chuva não me deixam mastigar direito, eu apenas começava a saber que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável dele me esperando quente e pronto. Um carro passou mais perto e me molhou inteiro, sairia um rio das minhas roupas se conseguisse torcê-las, então decidi na minha cabeça que depois de abrir a porta ele diria qualquer coisa tipo mas como você está molhado, sem nenhum espanto, porque ele me esperava, ele me chamava, eu só ia indo porque ele me chamava, eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado, agora pelo caminho de árvores sem folhas e a rua interrompida que eu revia daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava mas ia indo, no meio da cidade como um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha, quem me via assim não via nosso segredo, via apenas um sujeito molhado sem capa nem guarda-chuva, só uma garrafa de conhaque barato apertada contra o peito. Era a mim que ele chamava, pelo meio da cidade, puxando o fio

desde a minha cabeça até a dele, por dentro da chuva, era para mim que ele abriria sua porta, chegando muito perto agora, tão perto que uma quentura me subia para o rosto, como se tivesse bebido o conhaque todo, trocava minha roupa molhada por outra mais seca e tomava lentamente minhas mãos entre as suas, acariciando-as devagar para aquecê-las, espantando o roxo da pele fria, começava a escurecer, era cedo ainda, mas ia escurecendo cedo, mais cedo que de costume, e nem era inverno, ele arrumaria uma cama larga com muitos cobertores, e foi então que escorreguei e caí e tudo tão de repente, para proteger a garrafa apertei-a mais contra o peito e ela bateu num pedra, e além da água da chuva e da lama dos carros a minha roupa agora também estava encharcada de conhaque, como um bêbado, fedendo, não beberíamos então, tentei sorrir, com cuidado, o lábio inferior quase imóvel, escondendo o caco de dente, e pensei na lama que ele limparia terno, porque era a mim que ele chamava, porque era a mim que ele escolhia, porque era para mim e só para mim que ele abriria sua porta. Chovia sempre e eu custei para conseguir me levantar daquela poça de lama, chegava num ponto, eu voltava ao ponto, em que era necessário um esforço muito grande, era preciso um esforço tão terrível que precisei sorrir mais sozinho e inventar mais um pouco, aquecendo meu segredo, e dei alguns passos, mas como se faz? me perguntei, como se faz isso de colocar um pé após o outro, equilibrando a cabeça sobre os ombros, mantendo ereta a coluna vertebral, desaprendia, não era quase nada, eu, mantido apenas por aquele fio invisível ligado à minha cabeça, agora tão próximo que se quisesse eu poderia imaginar alguma coisa como um zumbido eletrônico saindo da cabeça dele até chegar na minha, mas como se faz? eu reaprendia e inventava sempre, sempre em direção a ele, para chegar inteiro, os pedaços de mim todos misturados que ele disporia sem pressa, como quem brinca com um quebra-cabeça para formar que castelo, que bosque, que verme ou deus, eu não sabia, mas ia indo pela chuva porque esse era meu único sentido, meu único destino: bater naquela porta escura onde eu batia agora. E bati, e bati outra vez, e tornei a bater, e continuei batendo sem me importar que

nenhum filho. Saul, de um noivado tão interminável que terminara um dia, e um curso frustrado de arquitetura. Talvez or isso, desenhava. Só rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Raul ouvia música e, às vezes, de porre, pegava o violão e cantava, principalmente velhos boleros em espanhol. E cinema, os dois gostavam.

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os exames. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? Sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então. Mas desde o princípio alguma coisa – fados, astros, sinas, quem saberá? – conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois.

Suas mesas ficavam lado a lado. Nove horas diárias, com intervalo de uma para o almoço. E perdidos no meio daquilo que Raul (ou teria sido Saul?) meses depois chamaria de “um deserto de almas”, para não sentirem tanto frio, tanta sede, ou simplesmente por serem humanos, sem querer justificá-los – ou, ao contrário, justificando-os plena e profundamente, enfim: que mais restava àqueles dois senão, pouco a pouco, se aproximarem, se conhecerem, se misturarem? Pois foi o que aconteceu. Mas tão lentamente que eles mesmos mal perceberam.

2

Eram dois moços sozinhos. Raul viera do Norte, Saul do Sul. Naquela cidade todos vinham do Norte, do Sul, do Centro, do Leste – e com isso quero dizer que esse detalhe não os tornaria especialmente diferentes. Mas no deserto em volta, todos os outros tinham referenciais – uma mulher, um tio, uma mãe, um amante. Eles não tinham ninguém naquela

cidade – de certa forma, também em nenhuma outra – a não ser a si próprios. Poderia dizer também que não tinham nada, mas não seria inteiramente verdadeiro.

Além do violão, Raul tinha um telefone alugado, um toca-discos com rádio e um sabiá na gaiola, chamado Carlos Gardel. Saul, uma televisão colorida com imagem fantasma, cadernos de desenho, vidros de tinta nanquim e um livro com reproduções de Van Gogh. Na parede do quarto, uma outra reprodução também de Van Gogh: aquele quarto com a cadeira de palhinha parecendo torta, a cama estreita, as tábuas manchadas do assoalho. Deitado, Saul tinha às vezes a impressão de que o quarto era um espelho refletindo quase fotograficamente o próprio quarto, ausente apenas ele mesmo. Quase sempre, era nessas ocasiões que desenhava.

Eram dois moços bonitos, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiam, tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária. Ao contrário dos outros homens, alguns até mais jovens, nenhum deles tinha barriga ou aquela postura desalentada de quem carimba ou datilografa papéis oito horas por dia.

Moreno de barba forte azulando o rosto, Raul era um pouco mais definido, com sua voz de baixo profundo, tão adequada aos boleros amargos que gostava de cantar. Tinham a mesma altura, o mesmo porte, mas Saul parecia um pouco menor e mais frágil, talvez pelos cabelos claros, cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado. Eram bonitos juntos, diziam as moças, um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois apuravam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bointo de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro e vice-versa. Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia.

3

Cruzavam-se silenciosos, mas cordiais, junto à garrafa térmica do cafezinho, comentando o tempo ou a chatice do trabalho, depois voltavam às suas mesas. Muito de vez enquanto um

pedia fogo ou um cigarro ao outro, e quase sempre trocavam frases como tanta vontade de parar, mas nunca tentei, ou já tentei tanto, agora desisti. Durou tempo, aquilo. E teria durado muito mais, porque serem assim fechados, quase remotos, era um jeito que traziam de longe. Do Norte, do Sul, de dentro talvez.

Até um dia em que Saul chegou atrasado e respondendo a um vago que-que-houve contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? Infâmia, * Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley Maclayne, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? Eu conheço e gosto muito, não é aquela história das duas professoras que. Abalado, convidou Saul para um café, e no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais do que nunca parecendo uma prisão ou clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme.

Outros filmes viriam nos dias seguintes, e tão naturalmente como se alguma forma fosse inevitável, também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas. Daquela firma, daquela vida, daquele nó, confessaram uma tarde cinza de sexta, apertado no fundo do peito. Durante aquele fim de semana obscuramente desejaram, pela primeira vez, um em sua quitinete, outro no quarto de pensão, que o Sábado e o Domingo caminhassem depressa para dobrar a curva da meia-noite e novamente desaguar na manhã de segunda-feira, quando outra vez se encontrariam para: um café. Assim foi, e contaram um que tinha bebido além da conta, outro que dormira quase o tempo todo. De muitas coisas falaram aqueles dois nessa manhã, menos da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido.

(*) *The children's hour*, de William Wyler. Adaptação da peça de Lilian Hellmann.

Atentas, as moças em volta providenciavam esticadas aos bares depois do expediente, gafeiras, discotecas, festinhas na casa de uma, casa de outra. A princípio esquivos, acabaram cedendo, mas quase sempre enfiavam-se pelos cantos e sacadas para trocar suas histórias intermináveis. Uma noite, Raul pegou o violão e cantou “Tu me acostumbraste”. Nessa mesma festa, Saul bebeu demais e vomitou no banheiro. No caminho até os táxis separados, Raul falou pela primeira vez no casamento desfeito. Passo incerto, Saul contou do noivado antigo. E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas.

Dia seguinte, de ressaca, Saul não foi trabalhar nem telefonou. Inquieto, Raul vagou o dia inteiro pelos corredores subitamente desertos, gelados, cantando baixinho “Tu me acostumbraste”, entre inúmeros cafés e meio maço de cigarros a mais que o habitual.

4

Os fins de semana foram se tornando tão longos que um dia, no meio de um papo qualquer, Raul deu a Saul o número de seu telefone, alguma coisa que você precisar, se ficar doente, a gente nunca sabe. Domingo depois do almoço, Saul ligou só para saber o que o outro estava fazendo, e visitou-o, e jantaram juntos a comidinha mineira que a empregada deixara pronta no Sábado. Foi dessa vez que, ácidos e unidos, falaram no tal deserto, nas tais almas.

Há quase seis meses se conheciam. Saul deu-se bem com Carlos Gardel, que ensaiou um canto tímido ao cair da noite. Mas quem cantou foi Raul: “Perfídia”, “La barca”, “Contigo en la distancia” e, a pedido de Saul, outra vez, duas vezes, “Tu me acostumbraste”. Saul gostava principalmente daquele pedacinho assim *sutil llegaste a mí como una tentación llenando de inquietud mi corazón*. Jogaram algumas partidas de buraco e, por volta das nove, Saul se foi.

Na segunda-feira não trocaram uma palavra sobre o dia anterior. Mas falaram mais que nunca, e muitas vezes foram ao café. As moças em volta espiavam, às vezes cochichavam sem que eles percebessem. Nessa semana, pela primeira vez almoçaram juntos na pensão de Saul, que quis subir ao quarto par mostrar os desenhos, visitas proibidas à noite, mas faltavam cinco para às duas e o relógio de ponto era implacável. Pouco tempo depois, com o pretexto de assistir a *Vagas estrelas da Ursa* na televisão de Saul, Raul entrou escondido na pensão, uma garrafa de conhaque no bolso interno do paletó. Sentados no chão, costas apoiadas na cama estreita, quase não prestaram atenção no filme. Não paravam de falar. Cantarolando “*Io che non vivo*”, Raul viu os desenhos, olhando longamente a reprodução de Van Gogh, depois perguntou como Saul conseguia viver naquele quatinho tão pequeno. Parecia sinceramente preocupado. Não é triste? perguntou. Você não se sente só? Saul sorriu forte: a gente acostuma.

Aos domingos, agora, Saul sempre telefonava. E vinha. Almoçavam ou jantavam, bebiam, fumavam, jogavam cartas, falavam o tempo todo. Enquanto Raul cantava – vezenquando “*El dia que me quieres*”, vezenquando “*Noche de ronda*” –, Saul fazia carinhos lentos na cabecinha de Carlos Gardel pousado no seu dedo indicador. Às vezes olhavam-se. E sempre sorriam. Uma noite, porque chovia, Saul acabou dormindo no sofá. Dia seguinte, chegaram juntos à repartição, cabelos molhados do chuveiro. Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas. Quando faltavam dez para as seis saíram juntos, altos e altivos, para assistir ao último filme de Jane Fonda.

5

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava o amigo muito solitário ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gradel. No começo do

verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa.

No Norte, quando começava dezembro, a mãe de Raul morreu e ele precisou passar uma semana fora. Desorientado, Saul vagava pelos corredores da firma esperando um telefonema que não vinha, tentando em vão concentrar-se nos despachos, processos, protocolos. À noite, em seu quarto, ligava a televisão gastando tempo em novelas vadias ou desenhando olhos cada vez mais enormes, enquanto acariciava Carlos Gardel. Bebeu bastante nessa semana. E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. acordou pensando estranho, ele é que devia estar de luto.

Raul voltou sem luto. Numa sexta-feira de tardezinha, telefonou para a repartição pedindo a Saul que fosse vê-lo. A voz de baixo profundo parecia ainda mais baixa e mais profunda. Saul foi. Raul tinha deixado a barba crescer. Estranhamente, em vez de parecer mais velho ou mais sério, tinha um rosto quase de menino. Beberam muito nessa noite. Raul falou longamente da mãe – eu podia ter sido mais legal com ela, coitada, disse, e não cantou. Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. no silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou aquilo que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender.

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes – ninguém, mundo, sempre – e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e choro e álcool. Embora fosse sexta e não precisassem ir à repartição na manhã seguinte, Saul despediu-se. Caminhou durante horas pelas ruas desertas, cheias apenas de gatos e putas. Em casa, acariciou Carlos Gardel até que começou a chorar sentindo-se só e pobre e feio e infeliz e confuso e abandonado e bêbado e triste, triste, triste. pensou em ligar para Raul, mas não tinha fichas e era muito tarde.

6

Depois chegou o Natal, o Ano-Novo que passaram juntos, recusando convites dos colegas de repartição. Raul deu a Saul uma reprodução do *Nascimento de Vênus*, de Botticelli, que ele colocou na parede exatamente onde estivera o quadro de Van Gogh. Saul deu a Raul um disco chamado *Os grandes sucessos de Dalva de Oliveira*. A faixa que mais ouviram foi “Nossas vidas”, prestando atenção naquele trechinho que dizia *até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou*.

Foi na noite de 31, aberto o champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu a taça e brindou à nossa amizade que nunca vai terminar. Beberam até quase cair. Na hora de deitar, trocando a roupa no banheiro, muito bêbado, Saul falou que ia dormir nu. Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos. Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã Saul foi embora sem se despedir, para que Raul não percebesse suas fundas olheiras.

Quando janeiro começou, quase na época de tirarem férias – e tinham planejado juntos quem sabe Parati, Ouro Preto, Porto Seguro –, ficaram surpresos naquela manhã em que o

chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atendo Guardiã da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra *nunca*, antes que o chefe, depois de coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários, declarasse frio: os senhores estão despedidos.

Esvaziaram lentamente cada um a sua gaveta, a sala vazia na hora do almoço, sem se olharem nos olhos. O sol de verão escaldava o tampo de metal das mesas. Raul guardou no grande envelope pardo um par de enormes olhos sem íris nem pupilas, presente de Saul, que guardou no seu grande envelope pardo a letra de “Tu me acostumbraste”, escrita por Raul numa tarde qualquer de agosto e com algumas manchas de café. Desceram juntos pelo elevador, em silêncio.

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos nas janelas, a camisa branca de um e a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse. Ai-ai! Alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram. O táxi já tinha dobrado a esquina.

Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.

